

A arquitetura de uma refeição.
Palácios reais portugueses na aurora
do século XX
Caderno 2
Ana Sofia Pinto

D
2025



A arquitetura de uma refeição.
Palácios reais portugueses na aurora do século XX
Caderno 2
Ana Sofia Pinto



DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Ana Sofia de Matos Pinto, natural de Águeda, inscrita no **Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto** com o número de estudante 201304635 declaro, nos termos do disposto na alínea a) do artigo 14.º do Código Ético de Conduta Académica da U.Porto, que o conteúdo da presente **tese** "A arquitetura de uma refeição. Palácios reais portugueses na aurora do século XX" orientada pela Prof. Doutora Marta Rocha Moreira reflete as perspetivas, o trabalho de investigação e as minhas interpretações no momento da sua entrega.

Declaro, ainda, que a presente **tese** de investigação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição.

Mais declaro que todas as referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência.

Não são divulgados na presente **tese** quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor.

Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.



31 de janeiro de 2025

2. NO PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA.

O JANTAR OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL
PORTUGUESA A AFONSO XIII A 15 DE DEZEMBRO
DE 1903

ANA SOFIA DE MATOS PINTO

TESE DE DOUTORAMENTO EM ARQUITETURA

APRESENTADA À FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ÁREA CIENTÍFICA: ARQUITETURA

Orientação:

PROF. DOUTORA MARTA ROCHA MOREIRA

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Na página seguinte:

[Fig. 1] *Vista do Palácio Real de Vila Viçosa através do Terreiro do Paço*, Artur Pastor (1922-1999), datação desconhecida. © AML, PT/AMLSB/ART/003484.



MENU

0. A ARQUITETURA DE UMA REFEIÇÃO.

PALÁCIOS REAIS PORTUGUESES NA AURORA DO SÉCULO XX

15	0.1	O CONVITE
29	0.2	'MISE EN PLACE'
53	0.3	O JANTAR ESTÁ SERVIDO
101	0.4	A ARQUITETURA DE UMA REFEIÇÃO
107	0.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO
111	0.6	OS DIGESTIVOS

1. NO PALÁCIO REAL DA PENA.

O ALMOÇO OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A EDUARDO VII A 3 DE ABRIL DE 1903

III	1.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	1.2	O PALÁCIO REAL DA PENA EM 1903
04	1.3	EDUARDO VII EM PORTUGAL
08	1.4	UM ALMOÇO (INFORMAL) NA PENA
50	1.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 3 DE ABRIL DE 1903

2. NO PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA.

O JANTAR OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A AFONSO XIII A 15 DE DEZEMBRO DE 1903

III	2.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	2.2	O PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA EM 1903
04	2.3	AFONSO XIII EM PORTUGAL
08	2.4	JANTAR NO ALENTEJO
44	2.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 15 DEZEMBRO DE 1903

3. NO PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA.

O ALMOÇO OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A ALEXANDRA DE INGLATERRA A 24 DE MARÇO DE 1905

III	3.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	3.2	O PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA EM 1905
04	3.3	PELAS PORTAS DO MEDITERRÂNEO
08	3.4	UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS
62	3.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 24 DE MARÇO DE 1905

4. NO PALÁCIO REAL DA AJUDA.

O JANTAR E CEIA OFERECIDOS PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A GUILHERME II A 27 DE MARÇO DE 1905

III	4.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	4.2	O PALÁCIO REAL DA AJUDA EM 1905
04	4.3	GUILHERME II RUMO A ÁFRICA
08	4.4	JANTAR E CEIA PARA O IMPERADOR
76	4.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 27 DE MARÇO DE 1905

5. NO PALÁCIO REAL DA CIDADELA DE CASCAIS.

A CEIA OFERECIDA PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A ÉMILE LOUBET A 28 DE OUTUBRO DE 1905

III	5.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	5.2	O PALÁCIO REAL DA CIDADELA DE CASCAIS EM 1905
04	5.3	O REPUBLICANO EM PORTUGAL
08	5.4	DEPOIS DE BELÉM
54	5.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 28 DE OUTUBRO DE 1905

6. NO PALÁCIO REAL DAS NECESSIDADES.

O JANTAR OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A FREDERICO AUGUSTO A 8 DE MARÇO DE 1907

III	6.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	6.2	O PALÁCIO REAL DAS NECESSIDADES EM 1907
04	6.3	UMA LONGA ESTADA
08	6.4	REFEIÇÃO EM FAMÍLIA
56	6.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 8 DE MARÇO DE 1907

2. NO PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA.

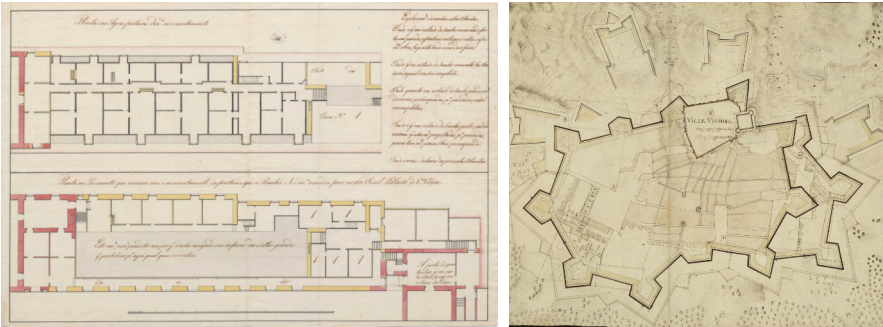
O JANTAR OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A
AFONSO XIII A 15 DE DEZEMBRO DE 1903

III	2.1 'HORS-D'ŒUVRE'
III	2.1.1 Um método
V	2.1.2 Dos desenhos
IX	2.1.3 Das imagens
XIII	2.1.4 Dos manuscritos
XVII	2.1.5 Das publicações
01	2.2 O PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA EM 1903
	Identificação geral dos espaços
04	2.3 AFONSO XIII EM PORTUGAL
	Por uma coesão ibérica
08	2.4 JANTAR NO ALENTEJO
	Uma noite excecional
10	2.4.1 Da Tapada Real e do Reguengo: jardins que alimentam
14	2.4.2 Ainda no exterior, pelos pátios
22	2.4.3 Uma cozinha, três momentos
32	2.4.4 Escada acima
36	2.4.5 Em torno da mesa de Estado
40	2.4.6 Se de noite não fosse: jardim dos alimentados
44	2.5 A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 15 DEZEMBRO DE 1903



Desenhos

Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança
Arquivo Histórico Ultramarino
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Biblioteca Nacional Digital
Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar
Serviço de Informação para o Património Arquitetónico



[Fig. 2 e Fig. 3]

Imagens

Iconografia
Biblioteca Nacional Digital



[Fig. 4 e Fig. 5]

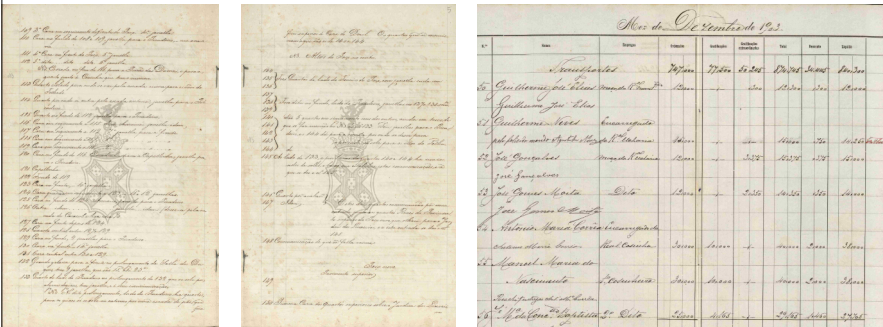
Fotografia
Arquivo Municipal de Lisboa
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Centro Português de Fotografia
Serviço de Informação para o Património Arquitetónico



[Fig. 6 e Fig. 7]

Manuscritos

Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Biblioteca da Ajuda



[Fig. 8, Fig. 9 e Fig. 10]

Publicações

Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança
Biblioteca Digital do Alentejo
Biblioteca Municipal de Cascais - S. Domingos de Rana
Biblioteca Nacional
Biblioteca Nacional Digital
Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de Espanha
Hemeroteca Municipal de Lisboa



[Fig. 11, Fig. 12 e Fig. 13]

2.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

2.1.1 Um método

Em relação ao método de trabalho aplicado ao caso de estudo da refeição consumida a 15 de dezembro de 1903 no Palácio Real de Vila Viçosa considera-se o encadeamento linear de ações enquanto característica fundamental da abordagem aplicada.

Em primeiro lugar, procurou-se reunir informação desenhada sobre o palácio em questão tendo-se, para isso, consultado digitalmente as plataformas do ANTT (fundo da Casa Real), do AHU e do GEAEM e, presencialmente, o SIPA e o AHFCB. Dada a importância desta última unidade arquivística efetuaram-se duas visitas ao palácio de Vila Viçosa, onde se encontra instalado o arquivo, para consulta documental. Aqui, e para além do contacto com diversos desenhos de arquitetura, visitaram-se de forma minuciosa os espaços do edifício integrantes da sua rede alimentar, tendo sido efetuadas medições e registos fotográficos dos mesmos. Paralelamente foram recolhidos registos manuscritos diversos – pedidos da cozinha e das mesas à ucharia referentes ao mês de dezembro de 1903, registos de fornecedores e do conteúdo fornecido para a mesma data –, e consultadas obras impressas pertinentes.

A consulta presencial de registos impressos, principalmente de carácter monográfico, sobre o Palácio Real de Vila Viçosa, a vila onde se encontra implantado e a envolvente paisagística alentejana prosseguiu na BN e na BMC, sendo completada pela recolha de obras digitais permitida pelas plataformas da BND e da BDA. Procuraram-se, de igual modo, outros conteúdos escritos, nomeadamente sob a forma de artigos, os quais permitiram contextualizar a situação política nacional perante o panorama estrangeiro, e a relevância da visita do jovem rei espanhol. Simultaneamente, e já no âmbito dos registos manuscritos explorou-se a BA e, uma vez mais, o ANTT, tendo sido consultados presencialmente diversos conjuntos documentais integrantes dos fundos da Casa Real e do Ministério do Reino. Estes foram, mais tarde, reunidos àqueles anteriormente recolhidos no AHFCB.

Procurou-se, de igual modo, recolher um lato e diversificado conjunto iconográfico e fotográfico, processo que se deu integralmente de forma digital através do recurso ao AML, ao ANTT, à BND, ao CPF e ao SIPA. Este conjunto integrou imagens pertinentes da arquitetura do Palácio Real de Vila Viçosa – sob o formato de gravura e fotografia –, assim como da passagem de Afonso XIII de Espanha por Lisboa e por Vila Viçosa.

Abreviaturas utilizadas:

AHFCB

Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança;

AHU

Arquivo Histórico Ultramarino;

AML

Arquivo Municipal de Lisboa;

ANTT

Arquivo Nacional Torre do Tombo;

BA

Biblioteca da Ajuda;

BDA

Biblioteca Digital do Alentejo;

BMC

Biblioteca Municipal de Cascais - S. Domingos de Rana;

BN

Biblioteca Nacional;

BND

Biblioteca Nacional Digital;

CPF

Centro Português de Fotografia;

GEAEM

Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar;

HDBNE

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de Espanha;

HML

Hemeroteca Municipal de Lisboa;

SIPA

Serviço de Informação para o Património Arqueológico.

No sentido de completar a investigação e enriquecer a caracterização histórica, social e política desta visita – e, consequentemente, do jantar de 15 de dezembro de 1903 –, analisou-se a sua cobertura jornalística, tanto do ponto de vista nacional, como segundo o olhar da imprensa espanhola. Para tal recorreu-se digitalmente à HML e à HDBNE, tendo sido recolhidos periódicos vários, cujo conteúdo foi cruzado com o de algumas das obras impressas consultadas.

No seguimento desta recolha documental de elementos desenhados, impressos, manuscritos, fotográficos e iconográficos procedeu-se a uma seleção, organização e estruturação da informação obtida de modo a construir, a partir deste conjunto, uma narrativa.

O método de trabalho de investigação aplicado ao presente caso de estudo distingue-se pela relevância incontornável que se atribuiu ao AHFCB enquanto elo essencial à cadeia de ações de pesquisa. Apesar de se terem desenvolvido pesquisas em quinze unidades arquivísticas distintas, considera-se que a concretização dos conteúdos e análises que seguidamente se dispõem seria inalcançável sem o acesso facultado a este relevantíssimo espólio documental.

2.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

2.1.2 Dos desenhos

A consulta documental nas unidades arquivísticas abaixo elencadas resultou numa angariação de oitenta e sete desenhos, destacando-se o papel fulcral dos elementos recolhidos no AHFCB. Ainda que esta procura focasse a documentação da evolução dos espaços do Palácio Real de Vila Viçosa e as suas utilizações ao longo dos tempos, contactou-se também com representações de carácter mais geral, ilustrativas da urbe alentejana na qual o paço se insere.

Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança (AHFCB)

[Fig. 30] *Planta do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa*, J. Corrêa (?), 1845.
Cota desconhecida.

[Fig. 31] *Alçado e planta que conjuga os pisos térreo e nobre do Palácio Real de Vila Viçosa*, Nicolau Pires, 1845.
Cota desconhecida.

[Fig. 32] *Planta do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa*, Ricardo Peyroteu, 1868.
Cota desconhecida.

[Fig. 33] *Planta do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa*, Ricardo Peyroteu, 1868.
Cota desconhecida.

[Fig. 34] *Planta do segundo piso do Palácio Real de Vila Viçosa*, Ricardo Peyroteu, 1868.
Cota desconhecida.

Planta do terreiro do paço, jardins, hortas, cavalariças e pinhal em Vila Viçosa, F. Perry Vidal, datação desconhecida.
Cota desconhecida.

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

[Fig. 2] *Planta parcial do quarto piso do Palácio Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, c. 1785 (?).
PT/AHU/CARTM/076/00014.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Fundo da Casa Real

Conjunto de plantas do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, c. 1900 (?).
PT/TT/CR/007-015/00347, Casa Real, n.º 347.

Biblioteca Nacional Digital (BND)

Plantas de Estremoz, Vila Viçosa, S. Gião e Aronches, Nicolas de Fer, 1705.
C.C. 392 V..

Planta de Vila Viçosa, Nicolau de Langres, 1665.
F. 2359.

Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar (GEAEM)

Planta topográfica da região de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
Direção de Infraestruturas do Exército 491/A-2A-26A-38.

Serviço de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)

Planta de localização do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1988.
DOC.00034832 DES.00001120.

Planta parcial do piso térreo do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001121.

Planta parcial do primeiro piso do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001122.

Alçado parcial norte do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001123.

Alçado parcial sul do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001124.

Secção parcial do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001125.

Planta parcial do piso térreo do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001126.

Planta parcial do primeiro piso do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001127.

Alçado parcial norte do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001128.

Alçado parcial sul do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001129.

Alçado parcial poente do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001130.

Secção parcial do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001131.

Secção parcial do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001132.

Pormenores construtivos do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001133.

Alçado parcial do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001134.

Planta parcial do piso térreo do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001135.

Planta parcial do piso térreo do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, 1990.
DOC.00034832 DES.00001136.

Planta do segundo piso do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044261.

Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044262.

Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044263.

Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044264.

Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044265.

Alçado e secção do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044266.

Alçado e secção do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044267.

Plantas parciais do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044268.

Planta de implantação do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00039844 DES.00044269.

Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052051.

Alçado e secção do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052052.

Alçado e secção do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052053.

Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052054.

Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052055.

Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052056.

Planta do segundo piso do Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052057.

Pormenores construtivos do Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052058.

*Secção parcial das Salas de Música e Anexa do Palácio
Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052059.

Plantas parciais do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052060.

*Secção parcial das Salas de Música e Anexa do Palácio
Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052061.

*Secção parcial das Salas de Música e Anexa do Palácio
Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052062.

Pormenores construtivos do Palácio Real de Vila Viçosa,
Direção de Serviços Regional de Monumentos do Sul, séc.
XX.
DOC.00040343 DES.00052063.

Pormenores construtivos do Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00040343 DES.00052064.

Pormenores construtivos do Palácio Real de Vila Viçosa,
Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais,
1951.
DOC.00040343 DES.00052065.

*Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1990.
DOC.00040343 DES.00052066.

*Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1990.
DOC.00040343 DES.00052067.

Planta de implantação do Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052068.

*Alçado parcial do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila
Viçosa*, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052069.

*Alçado parcial do Colégio dos Reis do Palácio Real de Vila
Viçosa*, autor desconhecido, séc. XX.
DOC.00040343 DES.00052070.

*Planta parcial da Sala dos Veados do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1996.
DOC.00057198 DES.00200260.

*Planta parcial da Sala dos Veados do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1996.
DOC.00057198 DES.00200261.

Planta do Palácio Real de Vila Viçosa e da sua envolvente,
Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais,
séc. XX.
DOC.00059352 DES.00131660.

Planta do Palácio Real de Vila Viçosa e da sua envolvente,
Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais,
séc. XX.
DOC.00059352 DES.00131661.

*Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132829.

*Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132830.

*Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132831.

*Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132832.

*Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132833.

*Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132834.

*Planta parcial do segundo piso do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132835.

*Planta parcial do segundo piso do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132836.

*Secção parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132837.

Secção parcial do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção
Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132838.

Plantas parciais do Palácio Real de Vila Viçosa, Direção
Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1976.
DOC.00059572 DES.00132839.

*Alçado parcial do muro do jardim do Palácio Real de Vila
Viçosa*, Porfírio Pardal Monteiro, séc. XX.
DOC.00200492 DES.00977398.



[Fig. 14] Vista do Terreiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, 1788. © BND, D. 22 V..

[Fig. 15] Vista de Vila Viçosa, Jan Goeree (1670-1731), c. 1700-1741. © BND, E. 1635 P..

2.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

2.1.3 Das imagens

O conjunto pictórico recolhido revela a existência de um parco, mas interessante, leque iconográfico, elucidativo do enquadramento do Palácio Real de Vila Viçosa na paisagem e da sua evolução construtiva ao longo dos tempos. No que respeita a recolha fotográfica, destacam-se os três registos da década de 1940 encontrados no CPF pela sua qualidade e pertinência para o estudo dos espaços de confeção e de consumo principais deste paço alentejano.

ICONOGRAFIA

Biblioteca Nacional Digital (BND)

[Fig. 14] *Vista do Terreiro do Palácio Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, 1788.
D. 22 V..

Batalha de Vila Viçosa, Gaspar Bouttats, c. 1660-1670.
E. 1053 V..

Alçado do Palácio Real de Vila Viçosa, Alexandre de Michellis, 1842.
E. 651 P..

Vista de Vila Viçosa, Lorenzo Magalotti, séc. XVII (?).
E.A. 326 A..

[Fig. 15] *Vista de Vila Viçosa*, Jan Goeree, c. 1700-1741.
E. 1635 P..

FOTOGRAFIA

Arquivo Municipal de Lisboa (AML)

Saída da Família Real para a Tapada de Vila Viçosa, Joshua Benoliel, 1908.
PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/JBN/002610.

Visita do Rei Afonso XIII a Vila Viçosa, António Novais, 1903.
PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/LSM/000.

Vista do Palácio Real de Vila Viçosa através do Terreiro do Paço, Artur Pastor, datação desconhecida.
PT/AMLSB/ART/003484. [Fig. 1]

Visita de Afonso XIII a Vila Viçosa, António Novais, 1903.
PT/AMLSB/ANV/000181.

Caçada na Tapada de Vila Viçosa aquando da visita de Afonso XIII, António Novais, 1903.
PT/AMLSB/ANV/000190. [Fig. 6]

Caçada na Tapada de Vila Viçosa aquando da visita de Afonso XIII, António Novais, 1903.
PT/AMLSB/ANV/000191.

Partida da Família Real para Vila Viçosa, António Novais, 1903.
PT/AMLSB/ANV/000211.

A Rainha D. Amélia na Tapada de Vila Viçosa, autor desconhecido, 1899.
PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/NEG/000875.

Visita do Rei Afonso XIII a Vila Viçosa, António Novais, 1903.
PT/AMLSB/ANV/000187.

Visita de Afonso XIII a Portugal: recepção festiva no Terreiro do Paço em Lisboa, Paulo Guedes, 1903.
PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/PAG/000266. [Fig. 20]

Visita de Afonso XIII a Portugal: comitiva ibérica na escadaria do Palácio Real de Vila Viçosa, António Novais, 16 e 17 de dezembro de 1903.
PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/LSM/000672. [Fig. 21]

Visita do Rei Afonso XIII a Vila Viçosa, Paulo Guedes, 1903.
PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/PAG/000267.

Caçada na Tapada de Vila Viçosa aquando da visita do Rei Afonso XIII, António Novais, 1903.
PT/AMLSB/ANV/000192.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Secretariado Nacional de Informação

Alçado principal do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/01129.

- [Fig. 7] *Alçado principal do Palácio Real de Vila Viçosa*, Santos de Almeida, datação desconhecida.
PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73677.

Centro Português de Fotografia (CPF)

- [Fig. 37] *Cozinha do Palácio Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, c. 1940.
Depósito Frio, Estante 02, Prateleira 29, PT/CPF/ALV/010674.

Cozinha do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, c. 1940.
Depósito Frio, Estante 02, Prateleira 29, PT/CPF/ALV/010675.

- [Fig. 45] *Sala de Jantar do Palácio Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, c. 1940.
Depósito Frio, Estante 02, Prateleira 29, PT/CPF/ALV/010691.

Serviço de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)

Vista do Jardim das Damas do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00032084 FOTO.00674935.

Vista exterior do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00032084 FOTO.00674936.

Vista do Jardim do Picadeiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00032084 FOTO.00674937.

Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do Paço, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00032084 FOTO.00674938.

Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do Paço, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00059572 FOTO.00002693.

Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do Paço, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067304 FOTO.00202627.

Vista exterior do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067304 FOTO.00202628.

Obras de reparação nos telhados do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067304 FOTO.00202629.

Obras de reparação nos telhados do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067304 FOTO.00202630.

Vista exterior do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067304 FOTO.00202631.

Vista exterior do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067304 FOTO.00202632.

Vista de muro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067304 FOTO.00202633.

Vista do Jardim do Bosque do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00067879 FOTO.00213963.

Quarto de cama do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00000617 FOTO.00503108.

Gabinete do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00000617 FOTO.00503109.

Gabinete do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00000617 FOTO.00503110.

Vista aérea do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00001594 FOTO.0050783.

Mantearia e Sala da 2.ª mesa do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00008951 FOTO.00002677.

Mantearia e Sala da 2.ª mesa do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00008951 FOTO.00002679.

Mantearia e Sala da 2.ª mesa do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00008951 FOTO.00002681.

Mantearia e Sala da 2.ª mesa do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00008951 FOTO.00002683.

Mantearia e Sala da 2.ª mesa do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00008951 FOTO.00002685.

Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do Paço, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00008951 FOTO.00002678.

Sala utilizada como dormitório no Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00017872 FOTO.00131304.

Sala utilizada como copa no Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00017872 FOTO.00131305.

Sala utilizada como copa no Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00017872 FOTO.00131306.

Sala utilizada como copa no Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00017872 FOTO.00131308.

Escadaria Nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, Paulo
Nuno Silva, 1997.
DOC.00021632 FOTO.00542168.

Escadaria Nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, Paulo
Nuno Silva, 1997.
DOC.00021632 FOTO.00542169.

Escadaria Nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, Paulo
Nuno Silva, 1997.
DOC.00021632 FOTO.00542170.

Muro do Jardim do Bosque do Palácio Real de Vila Viçosa,
Paulo Nuno Silva, 1997.
DOC.00021632 FOTO.00542187.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* Paulo Nuno Silva, 1997.
DOC.00021632 FOTO.00542188.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* Paulo Nuno Silva, 1997.
DOC.00021632 FOTO.00542189.

Muro do Jardim do Bosque do Palácio Real de Vila Viçosa,
Paulo Nuno Silva, 1997.
DOC.00021676 FOTO.00542314.

Jardim do Picadeiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1957.
DOC.00021919 FOTO.00543689.

Jardim do Picadeiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1957.
DOC.00021919 FOTO.00543690.

Detalhe de sala do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1957.
DOC.00021919 FOTO.00543691.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1943.
DOC.00022631 FOTO.00163186.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00022631 FOTO.00163187.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1952.
DOC.00022631 FOTO.00163188.

Jardim do Picadeiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1951.
DOC.00022631 FOTO.00163189.

Jardim do Picadeiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1951.
DOC.00022631 FOTO.00163190.

Jardim do Picadeiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1951.
DOC.00022631 FOTO.00163191.

Muro do Jardim do Bosque do Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, 1952.
DOC.00022631 FOTO.00163196.

Vista do Jardim das Damas do Palácio Real de Vila Viçosa,
autor desconhecido, 1962.
DOC.00022631 FOTO.00163201.

Telhados do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1962.
DOC.00022631 FOTO.00163197.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1963.
DOC.00022631 FOTO.00163202.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1963.
DOC.00022631 FOTO.00163203.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1963.
DOC.00022631 FOTO.00163204.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1963.
DOC.00022631 FOTO.00163205.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1963.
DOC.00022631 FOTO.00163206.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, 1964.
DOC.00022631 FOTO.00163207.

Porta dos Nós do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, 1966.
DOC.00022631 FOTO.00163216.

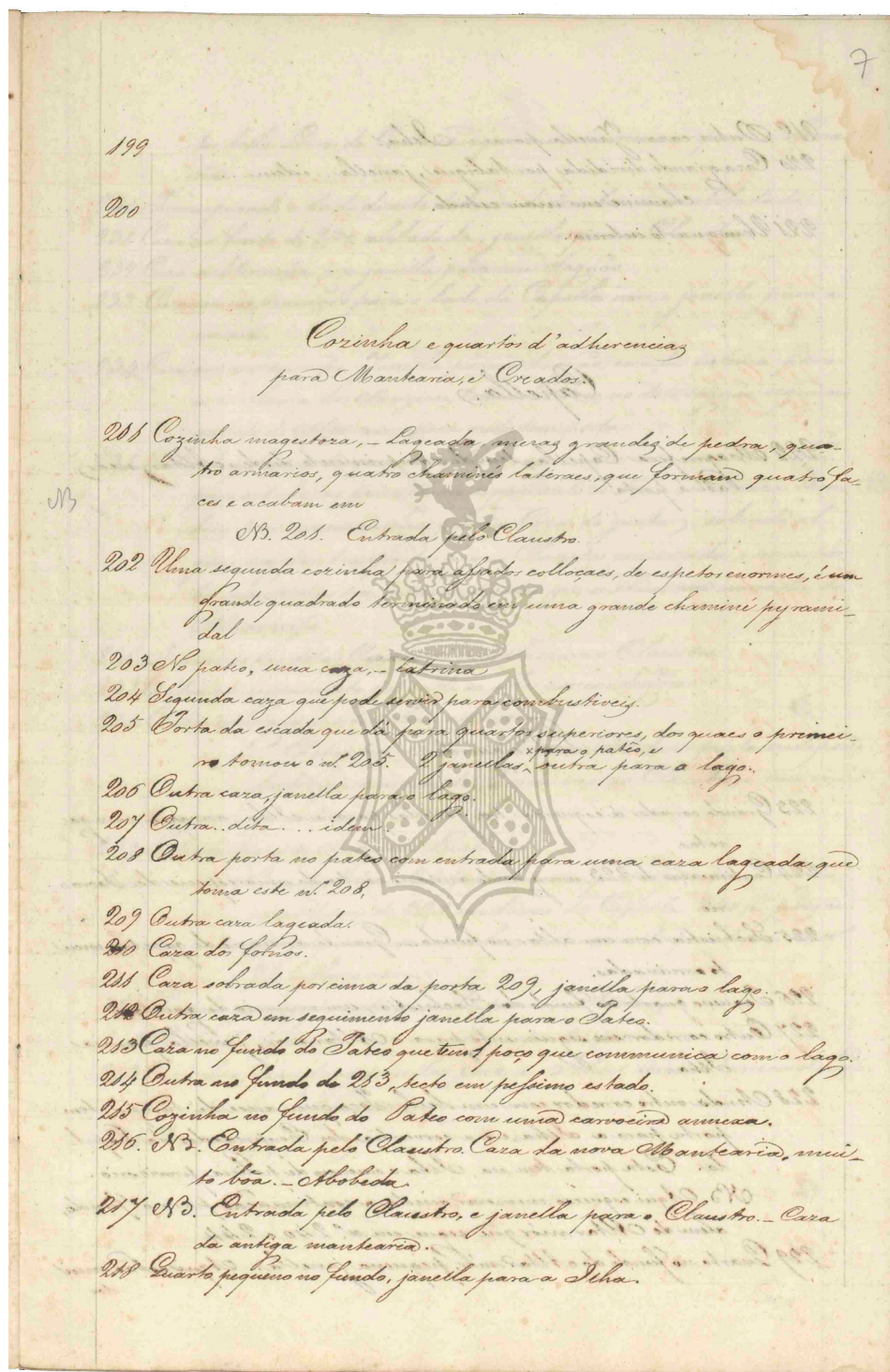
Tapada Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, datação
desconhecida.
DOC.00022631 FOTO.00163240.

Tanque do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00022631 FOTO.00163244.

Jardim do Picadeiro do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00022631 FOTO.00163249.

Horta do Reguengo do Palácio Real de Vila Viçosa, autor
desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00022631 FOTO.00163250.

*Vista do Palácio Real de Vila Viçosa a partir do Terreiro do
Paço,* autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00023027 FOTO.00545711



[Fig. 16] Página da descrição das diversas casas, salas, serventias, oficinas e outras acomodações do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, c. 1853. © AHFCB, NNG 2610.

Repare-se que na descrição efetuada é considerada, e pela primeira vez, uma bipartição da cozinha, não sendo a mesma – ainda – entendida como uma cozinha compartimentada com três momentos distintos:

“201 Cozinha magestosa, - lageada, mezas grandes de pedra, quatro armarios, quatro chaminés lateraes, que formam quatro faces e acabam em

N. 201 (?) Entrada pelo Claustro.

202 Uma segunda cozinha para assados collocaes, de espectos enormes, é um grande quadrado terminado em uma grande chaminé pyramidal (...).”

2.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

2.1.4 Dos manuscritos

Sem estranheza, é no AHFCB que se recolheram, a par com os registos desenhados já enumerados, alguns dos mais pertinentes manuscritos à construção da investigação em torno deste caso de estudo. Simultaneamente, foram ainda consultados o ANTT e a BA, sendo o primeiro a unidade arquivística mais fértil em registos complementares – recibos, notas de pagamento, contas diversas – passíveis de ser mobilizados neste trabalho.

Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança (AHFCB)

- [Fig. 8] *Descrição das diversas casas, salas, serventias, oficinas e*
[Fig. 9] *outras acomodações do Palácio Real de Vila Viçosa*, autor
[Fig. 16] desconhecido, c. 1853.
NNG 2610.

- [Fig. 22] *Apontamentos relativos aos preparativos da visita do Rei Afonso XIII ao Palácio Real de Vila Viçosa*, autores desconhecidos, 1902-1903.
NNG 2611.

Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 12 de janeiro de 1903, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903.
NNG 3917.

Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 13 de janeiro de 1903, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903.
NNG 3917.

Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 14 de janeiro de 1903, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903.
NNG 3917.

Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 14 de dezembro de 1903, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903.
NNG 3917.

Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903.
NNG 3917. [Fig. 25]

Pedido para as mesas à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 14 de janeiro de 1903, formulário preenchido por Vicente Fortunato, 1903.
NNG 3917.

Pedido para as mesas à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 14 de dezembro de 1903, formulário preenchido por Vicente Fortunato, 1903.
NNG 3917.

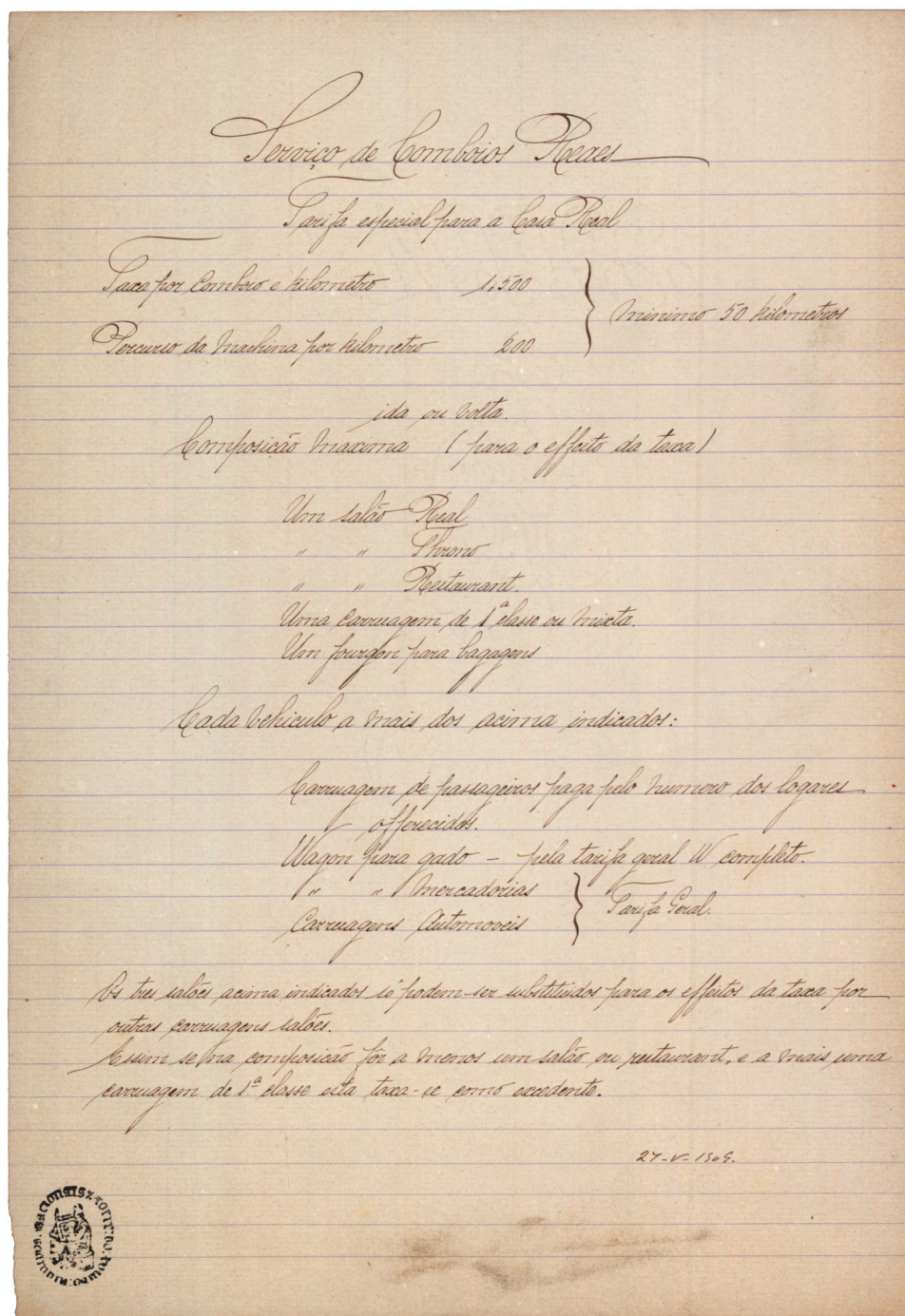
Pedido para as mesas à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 15 de dezembro de 1903, formulário preenchido por Vicente Fortunato, 1903.
NNG 3917.

Relação dos fornecedores da ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa aquando da visita do Rei Afonso XIII, autor desconhecido, 1903.
NNG 3922.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Fundo da Casa Real

Folha dos serões e madrugadas, respectiva aos trabalhadores das Propriedades de Belém e Caxias, que exerceram funções no Paço de Belém durante os preparativos e receção do Rei Afonso XIII, autor desconhecido, c. 1903.



[Fig. 17] Relação do serviço ferroviário com tarifa especial para a Casa Real, autor desconhecido, 1909. © ANTT, PT/TT/MR/007-022/558, Ministério do Reino, Inventário de Plantas e Desenhos, Serviço de Comboios Real.

PT/TT/CR/cx6064, Casa Real, caixa 6064.

Relação do pessoal extraordinário que exerceu funções no Palácio Real de Belém durante os preparativos e recepção do Rei Afonso XIII, autor desconhecido, 1903.
PT/TT/CR/cx6064, Casa Real, caixa 6064.

Relação das obras a executar a propósito do jantar e baile oferecidos ao Rei Afonso XIII, formulário preenchido por António Marcos da Paixão, 1903.
PT/TT/CR/cx6064, Casa Real, caixa 6064.

Compensação de mesa relativa aos dias de 1 a 15 de dezembro de 1903, Mariano Reys, 1903.
PT/TT/CR/cx6064, Casa Real, caixa 6064.

Relação das obras para a recepção ao Rei Afonso XIII, António Carlos Carneiro Viegas (?), 1903.
PT/TT/CR/cx6064, Casa Real, caixa 6064.

Relação das despesas do Almojarifado do Palácio Real da Ajuda no mês de dezembro de 1903 com o jantar e baile oferecidos ao rei Afonso XIII, autor desconhecido, 1903.
PT/TT/CR/cx6064, Casa Real, caixa 6064.

Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes ao Almojarifado da Tapada da Ajuda, formulários assinado por Feliciano José dos Reys, 1904.
PT/TT/CR/cx6076, Casa Real, caixa 6076.

Compensação de mesa relativa aos dias de 16 a 31 de Dezembro de 1903, Mariano Reys, 1903.
PT/TT/CR/cx6076, Casa Real, caixa 6076.

Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes à Mordomia-Mor, Joaquim Jacintho Ramos, dezembro de 1903.
PT/TT/CR/cx6076, Casa Real, caixa 6076.

Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes ao Palácio Real da Ajuda, Joaquim Jacintho Ramos, dezembro de 1903.
PT/TT/CR/cx6076, Casa Real, caixa 6076.

Biblioteca da Ajuda (BA)

Relação dos animais caçados na Tapada Real de Vila Viçosa em 16 de dezembro de 1899, autor desconhecido, 1899.
APNA 9.1.1, doc. 37.

Relação dos animais caçados na Tapada Real de Vila Viçosa em 17 de dezembro de 1899, autor desconhecido, 1899.
APNA 9.1.1, doc. 37a.

Relação dos animais caçados na Tapada Real de Vila Viçosa em 19 de dezembro de 1899, autor desconhecido, 1899.
APNA 9.1.1, doc. 37b.

Relação, nos diversos aposentos do Palácio Real de Vila Viçosa, dos objetos aí existentes, com os valores respetivos, autor desconhecido, 31 janeiro de 1882.
APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 3.

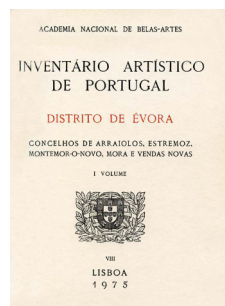
[Fig. 10] *Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes ao Palácio Real das Necessidades*, Joaquim Jacintho Ramos, dezembro de 1903.
PT/TT/CR/cx6076, Casa Real, caixa 6076.

Recibo relativo à aquisição de carne a José Camarate (?) para a ucharia do Palácio Real das Necessidades, José Camarate (?), dezembro de 1903.
PT/TT/CR/cx6132, Casa Real, caixa 6132.

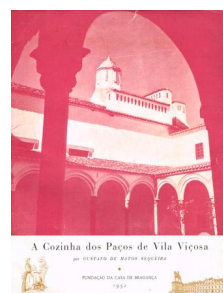
Recibo relativo à aquisição de bens alimentares ao Armazém de Géneros Alimentícios de José Affonso Vianna & C.^a para a ucharia do Palácio Real das Necessidades, autor desconhecido, 1903.
PT/TT/CR/cx6132, Casa Real, caixa 6132.

Fundo do Ministério do Reino

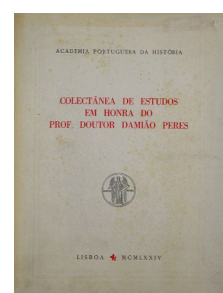
[Fig. 17] *Relação do serviço ferroviário com tarifa especial para a Casa Real*, autor desconhecido, 1909.
PT/TT/MR/007-022/558, Ministério do Reino, Inventário de Plantas e Desenhos, Serviço de Comboios Real.



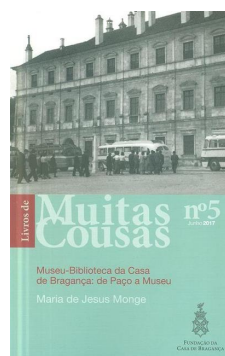
[a]



[b]



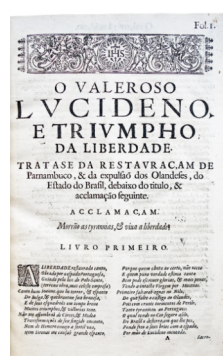
[c]



[d]



[e]



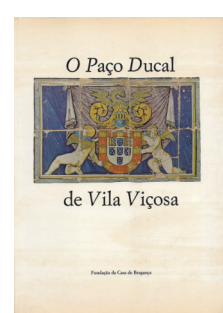
[f]



[g]



[h]



[i]

[Fig. 18] Capas das principais obras consultadas relativas ao Palácio Real de Vila Viçosa: a – Espanca, T. (1978). *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona sul)*, 1.º volume. Academia Nacional de Belas-Artes. AHFCB; b – Sequeira, G. M. (1952). *A Cozinha dos Paços de Vila Viçosa*. Fundação da Casa de Bragança. AHFCB; c – Cavalheiro, A. R. (1974). *A Corte Portuguesa em Vila Viçosa vista pela Conde D'Ormesson em 1895*. In Academia Portuguesa de História, *Colectânea de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*. A.P.H., pp. 276-298. BN, H.G. 29861 V; d – Monge, M. J. (2017). *Museu-Biblioteca da Casa de Bragança: de Paço a Museu. Livros de Muitas Cousas*, 5. Fundação da Casa de Bragança. BN, P. 49432 V; e – Rodrigues, J. B. e Duarte Pio, D. (Pref.). (2005). *D. Carlos e D. Afonso XIII. O primeiro encontro régio*. Caleidoscópio. BN, S.C. 110406 V; f – Calado, F. M. (1668). *O Valeroso Lucideno e o Triunpho da Liberdade*. Oficina Domingos Carneiro. BND, HF. 3055; g – Cadornega, A. O. e Teixeira, H. G. (Pref.). (1982). *Descrição de Vila Viçosa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda; h – Teixeira, J. M. (1983). *O Paço Ducal de Vila Viçosa: sua arquitetura e suas coleções*. Fundação da Casa de Bragança; i – Hallet, J. e Senos, N. (Coord.). (2018). *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Tinta-da-China.

2.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

2.1.5 Das publicações

As publicações consultadas encontram-se espalhadas por sete diferentes instituições, nacionais e espanholas, visitadas presencial e/ ou digitalmente, às quais se juntam aquelas adquiridas pessoalmente ou recolhidas de modo avulso em formato digital.

Tratando-se do Palácio Real de Vila Viçosa, destaca-se a consulta de obras impressas no AHFCB, em articulação com os desenhos e manuscritos disponibilizados pela instituição.

OBRAS IMPRESSAS E DIGITAIS

Museu Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança (MBFCB)

[Fig. 18 a] Espanca, T. (1978). *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona sul)*, 1.º volume. Academia Nacional de Belas-Artes. Cota desconhecida.

Lucena, A. e Bello, A. (1955). *Os Jardins do Paço Ducal de Vila Viçosa*. Fundação da Casa de Bragança. Cota desconhecida.

[Fig. 18 b] Sequeira, G. M. (1952). *A Cozinha dos Paços de Vila Viçosa*. Fundação da Casa de Bragança, 1952. Cota desconhecida.

Biblioteca Digital do Alentejo (BDA)

Espanca, J. J. R. (1983-1992). *Memórias de Vila Viçosa*. Câmara Municipal de Vila Viçosa. BDA - 01(2.12)JE19_BPE.

Biblioteca Municipal de Cascais – S. Domingos de Rana (BMC)

Carapinha, A. (1997). Os Vergéis do Paço Ducal. *Revista Monumentos*, 6, março de 1997, pp. 34-37. BMCS D 72 MON.

Pinto, F. (1997). As Obras no Paço Ducal. *Revista Monumentos*, 6, março de 1997, pp. 32-33.

BMCS D 72 MON.

Teixeira, J. M. (1997). O Paço, passo a passo. A estratégia arquitetónica Ducal (séculos XVII-XVIII). *Revista Monumentos*, 6, março de 1997, pp. 8-13. BMCS D 72 MON.

Biblioteca Nacional (BN)

Arnoso, C. (1958). *Vila Viçosa*. Fundação da Casa de Bragança. H.G. 20700 V..

Cabral, A. A. (1889). *Notícia histórica e estatística do Palácio e Real Tapada de Vila Viçosa*. S. I.. H.G. 6606/5 V..

Cardim, L. (1953). *Vila Viçosa*. Marques Abreu. B.A. 6185 P..

Cavalheiro, A. R. (1974). A Corte Portuguesa em Vila Viçosa vista pela Conde D'Ormesson em 1895. In *Academia Portuguesa de História, Coleção de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*. A.P.H., pp. 276-298. H.G. 29861 V..

[Fig. 18 c]

Monge, M. J. (2017). Museu-Biblioteca da Casa de Bragança: de Paço a Museu. *Livros de Muitas Cousas*, 5. Fundação da Casa de Bragança. P. 49432 V..

[Fig. 18 d]

Oliveira, J. C. (1951). *Vila Viçosa restaurada: apontamentos de um passeio*. S. I..

H.G. 28318//5 P..

Perdigão, J. M. (1994). *Evolução e Revalorização do Reguengo e dos Jardins do Paço Ducal de Vila Viçosa*. [Unpublished master's thesis]. Universidade de Évora. B.A. 13804 V..

[Fig. 18 e] Rodrigues, J. B. e Duarte Pio, D. (Pref.). (2005). *D. Carlos e D. Afonso XIII. O primeiro encontro régio*. Caleidoscópio. S.C. 110406 V..

Biblioteca Nacional Digital (BND)

[Fig. 18 f] Calado, F. M. (1668). *O Valeroso Lucideno e o Triumpho da Liberdade*. Oficina Domingos Carneiro. HF. 3055.

Coleção Pessoal (CP)

[Fig. 18 g] Cadornega, A. O. e Teixeira, H. G. (Pref.). (1982). *Descrição de Vila Viçosa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

[Fig. 18 h] Teixeira, J. M. (1983). *O Paço Ducal de Vila Viçosa: sua arquitetura e suas coleções*. Fundação da Casa de Bragança.

[Fig. 18 i] Hallet, J. e Senos, N. (Coord.). (2018). *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Tinta-da-China.

Ferreira, M. J. (2019). *Os Têxteis e a Casa de Bragança. Entre a utilidade e o deleite*. Scribe.

Registos digitais de fontes diversas

Silva, I. C. (2019). D. Carlos (1889-1908): o epílogo da monarquia em Portugal? *Passado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, 18, pp. 63-83.

Nunes, T. (2019). Afonso XIII em Portugal (12 a 15 de fevereiro de 1909). A Visita Real a Vila Viçosa e o seu impacto. *Passado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, 18, pp. 87-111.

PERIÓDICOS

Biblioteca Nacional Digital (BND)

[Fig. 19] Campos, A. (Red. principal). *Diário Ilustrado*, 11057, 11 de dezembro de 1903. Impr. de Souza Neves.

Campos, A. (Red. principal). *Diário Ilustrado*, 11062, 16 de dezembro de 1903. Impr. de Souza Neves.

Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML)

Caetano, A. (Dir. publ.); Macedo, M. (Dir. publ.) e Azevedo, G. (Dir. publ.). *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, 899, 20 de dezembro de 1903. Empreza do Occidente.

Caetano, A. (Dir. publ.); Macedo, M. (Dir. publ.) e Azevedo, G. (Dir. publ.). *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, 900, 30 de dezembro de 1903. Empreza do

Occidente.

Chaves, J. J. (Ed. lit.). *Ilustração Portuguesa*, 6, 14 de dezembro de 1903. Empreza do Jornal "O Século".

Chaves, J. J. (Ed. lit.). *Ilustração Portuguesa*, 7, 21 de dezembro de 1903. Empreza do Jornal "O Século".

Chaves, J. J. (Ed. lit.). *Ilustração Portuguesa*, 8, 28 de dezembro de 1903. Empreza do Jornal "O Século".

[Fig. 12]

Pinheiro, R. e Pinheiro, M. *A Paródia*, 49, 17 de dezembro de 1903. Cândido Chaves.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España (HDBNE)

Jornal La Época. Ultimos Telegramas y Noticias de la Tarde, LIV(19.21), 14 de dezembro de 1903. La Época.

Jornal La Época. Ultimos Telegramas y Noticias de la Tarde, LIV(19.22), 15 de dezembro de 1903. La Época.

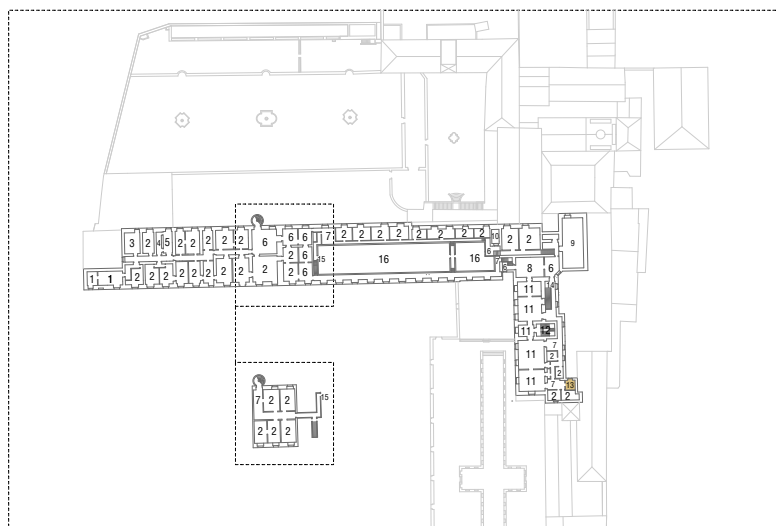
Pluma y lápiz, 164, 1903. Casa Editorial Maucci.

Soldevilla, F. (Ed.). (1904). *El Año Político 1903*, ano IX. Imprenta de Ricardo Rojas.

[Fig. 13]

Legenda dos espaços da rede alimentar

- Espaços de abastecimento
 - Horta
 - Jardim
 - Tapada
 - Curral / Galinheiro
- Espaços de confeção
 - Cozinha principal
 - Cozinha secundária
 - Cozinha de aposento
 - Cozinha de pessoal afeto ao paço
- Espaços de apoio
 - Ucharia
 - Mantearia
 - Arrecadação (afeta à refeição)
 - Terraço / Pátio (afeto à refeição)
- Espaços de consumo
 - Sala de refeições principal
 - Sala de refeições secundária
 - Sala de banquetes
 - Sala / área utilizada para refeições
 - Sala de refeições de pessoal afeto ao paço
- Espaços de serviço
 - Copa ou sala equiparada
 - Casa de lavagem
 - Sala de música
- Espaços de digestão
 - Sala de bilhar
 - Sala de café
 - Sala / área utilizada para concertos
 - Sala / área utilizada para bailes
 - Terraço / Pátio
 - Jardim



2.2 O PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA EM 1903

IDENTIFICAÇÃO GERAL DOS ESPAÇOS

Notas sobre as plantas:

1. Plantas à escala 1/2000 realizadas tendo por base a sobreposição de três levantamentos [da própria (2021); de Ana Lopes e Zulmira Pereira (c. 2018) para “*De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*”; e A. Barroco (1976) para a Direção dos Serviços dos Monumentos Nacionais patente no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico].
2. As legendas numéricas apresentadas não constituem uma cópia integral daquelas anotadas nos diversos desenhos consultados, mas sim uma apropriação trabalhada pela autora.
3. Na legenda da rede alimentar são, por vezes, salientadas somente cores (exemplo do tom ilustrativo do espaço de abastecimento “Horta”). Tal acontece para dar nota da existência de tais espaços da rede alimentar, ainda que os mesmos se localizem fora da área abrangida pelo desenho.



[Planta 3] Terceiro piso e águas-furtadas

1. Biblioteca
2. Quartos de cama
3. W. C.
4. Escada para o piso nobre
5. Casa de passagem para o piso nobre
6. Casa de passagem
7. Corredor
8. Antecâmara
9. Arrecadação
11. Quartos do Rei D. Fernando II
12. Escada particular dos Reis D. Carlos e D. Amélia
13. Cozinha
14. Escada para o piso nobre
15. Escada para as águas-furtadas
16. Furtados

[Planta 2] Piso nobre

- | | | |
|---------------------------------------|--|--|
| 1. Quarto de hóspedes | 16. Quarto do particular da Rainha D. Amélia | 31. Sala de jantar |
| 2. Quarto | 17. Gabinete de fotografia | 32. Casa das luzes |
| 3. Sala de Medusa | 18. Quarto do particular do Rei D. Carlos | 33. Corredor de serviço da sala de jantar |
| 4. W. C. | 19. Cozinha | 34. Antiga casa de música |
| 5. Quarto da dama e da criada | 20. Escada para o Jardim do Bosque | 35. Casa de jantar da 1.ª mesa |
| 6. Quarto do vedor | 21. Gabinete da Rainha D. Amélia | 36. Mantearia e casa de jantar da 2.ª mesa |
| 7. Sala dos Duques | 22. Quarto de cama da Rainha D. Amélia | 37. Arrecadação da louça |
| 8. Sala das Virtudes | 23. Quarto de cama do Rei D. Carlos | 38. Quarto de criados |
| 9. Sala de Hércules | 24. Gabinete do Rei D. Carlos | 39. Terraço sobre o grande lago |
| 10. Gabinete da inspeção dos palácios | 25. Escritório do almoxarife | 40. Terraço da sala de jantar |
| 11. Arrecadação | 26. Tribuna real | |
| 12. Sala de bilhar | 27. Tribuna do serviço | |
| 13. Capela de D. Jaime I | 28. Sala da Caça | |
| 14. Quarto de criada | 29. Sala do café | |
| 15. Quarto de costura | 30. Sala de música | |

[Planta 1] Piso térreo

- | | | |
|---------------------------------|------------------------------------|-------------------------------|
| 1. Arrecadação | 24. W. C. da copa | 47. Depósito da Carne |
| 2. Vestíbulo | 25. Pátio do Picadeiro | 48. Depósito da Hortaliça |
| 3. Quartos dos oficiais | 26. Pátio do fiel | 49. Pátio da cozinha |
| 4. Quartos dos sargentos | 27. Cavalaria | 50. Cozinha |
| 5. Casernas | 28. Picadeiro | 51. Claustro |
| 6. Quarto do oficial da guarda | 29. Dormitório de criados | 52. Cocheiras |
| 7. Quarto do sargento da guarda | 30. Loja | 53. Saída para a ilha |
| 8. Casa da guarda | 31. Quartos | 54. Armazém |
| 9. Escada principal | 32. Casa da cisterna | 55. Capela |
| 10. Dormitórios | 33. Quartos de D. Jaime | 56. Sacristia |
| 11. Cozinha | 34. Passadiço para o claustro | 57. Escada para a tribuna |
| 12. Vestíbulo | 35. Passagem para a arrecadação | 58. Dependências da capela |
| 13. Escada do Picadeiro | 36. Galeria para o jardim | 59. Casa do Tesouro |
| 14. Corredor | 37. Arrecadação do cobre | 60. Retretes |
| 15. Pátio | 38. Escada para a sala de jantar | 61. Pátio da Torre |
| 16. Forno | 39. Pátio da Lenha ou das Galinhas | 62. Antigas cocheiras |
| 17. Depósito da água | 40. Arrecadação | 63. Varanda da Janela dos Nós |
| 18. Casa de banho | 41. Casa do registro do lago | 64. Casa da Cascata |
| 19. Cozinha da tropa | 42. Antiga arrecadação | 65. Jardim do Bosque |
| 20. Casa das lanternas | 43. Quintal e horta | 66. Jardim do Claustro |
| 21. Escada para o andar nobre | 44. Tanques | 67. Jardim das Damas |
| 22. Casa de passagem | 45. Grande lago | 68. Jardim do Picadeiro |
| 23. W. C. dos oficiais | 46. Casa dos Fornos | |



[Fig. 20] *Visita de Afonso XIII a Portugal: recepção festiva no Terreiro do Paço em Lisboa*, Paulo Guedes (1886-1947), 1903. © AML, PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/PAG/000266.

[Fig. 21] *Visita de Afonso XIII a Portugal: comitiva ibérica na escadaria do Palácio Real de Vila Viçosa*, António Novais (1854-1940), 16 e 17 de dezembro de 1903. © AML, PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/LSM/000672.

2.3 AFONSO XIII EM PORTUGAL

Por uma coesão ibérica

“(…) Em dezembro, foi a vez de Afonso XIII, a cuja visita D. Carlos atribuiu o maior alcance – ele que, na correspondência com José Luciano de Castro, recomendava sempre o maior cuidado nas relações com a Espanha.”¹

O ano de 1903 constituir-se-á, para o reinado de D. Carlos, o grande momento inaugural de atividade diplomática, sendo a visita de Afonso XIII a Portugal apenas uma das instâncias de estratégia política que marcariam tal período. Com apenas dezassete anos de idade, Afonso XIII desloca-se a Lisboa naquela que seria a primeira viagem oficial ao estrangeiro desde a sua aclamação, em maio de 1902. A sua tenra idade, digna de nota, encontra-se expressa nas memórias de Vital Fontes (1861-1954), antigo servente da Casa Real, que comenta:

“De Afonso XIII lembro a primeira visita a Portugal, ainda muito novo. Tão novo que até se dizia que fumou o seu primeiro cigarro em Lisboa, protegido pelo Sr. D. Carlos e às escondidas da Sr.^a D. Amélia a quem viera recomendado pela Rainha Cristina e que andava sempre a cobrir com o seu guarda-sol o reizinho que era muito fraco (...).”²

Apesar da juventude do monarca espanhol e do carácter fraternal que certos momentos poderão ter tomado entre os reis ibéricos, a visita a Portugal de Afonso XIII não pode deixar de ser entendida como uma manobra diplomática em prol da política externa nacional, beneficiando do ascendente que D. Carlos parecia exercer. Nas palavras do historiador e político Carlos Malheiro Dias (1875-1941), o rei português teria sido *“o mais influente conselheiro da aproximação anglo-espanhola.”*³

De tradição diplomática conhecida – que mostrava inclinações para com a política do bloco central europeu, nomeadamente a Alemanha – a Espanha viu, com a postura estratégica de Afonso XIII, um rumo que colocava à margem os intentos do Imperador alemão Guilherme II. Para tal afastamento e consequente aproximação ao âmbito de influências do bloco anglo-franco-russo, apoiado por Portugal, terá contribuído D. Carlos, que procurava uma estabilização ibérica *“numa conjuntura internacional feita de delicados equilíbrios e vagas alianças.”*⁴

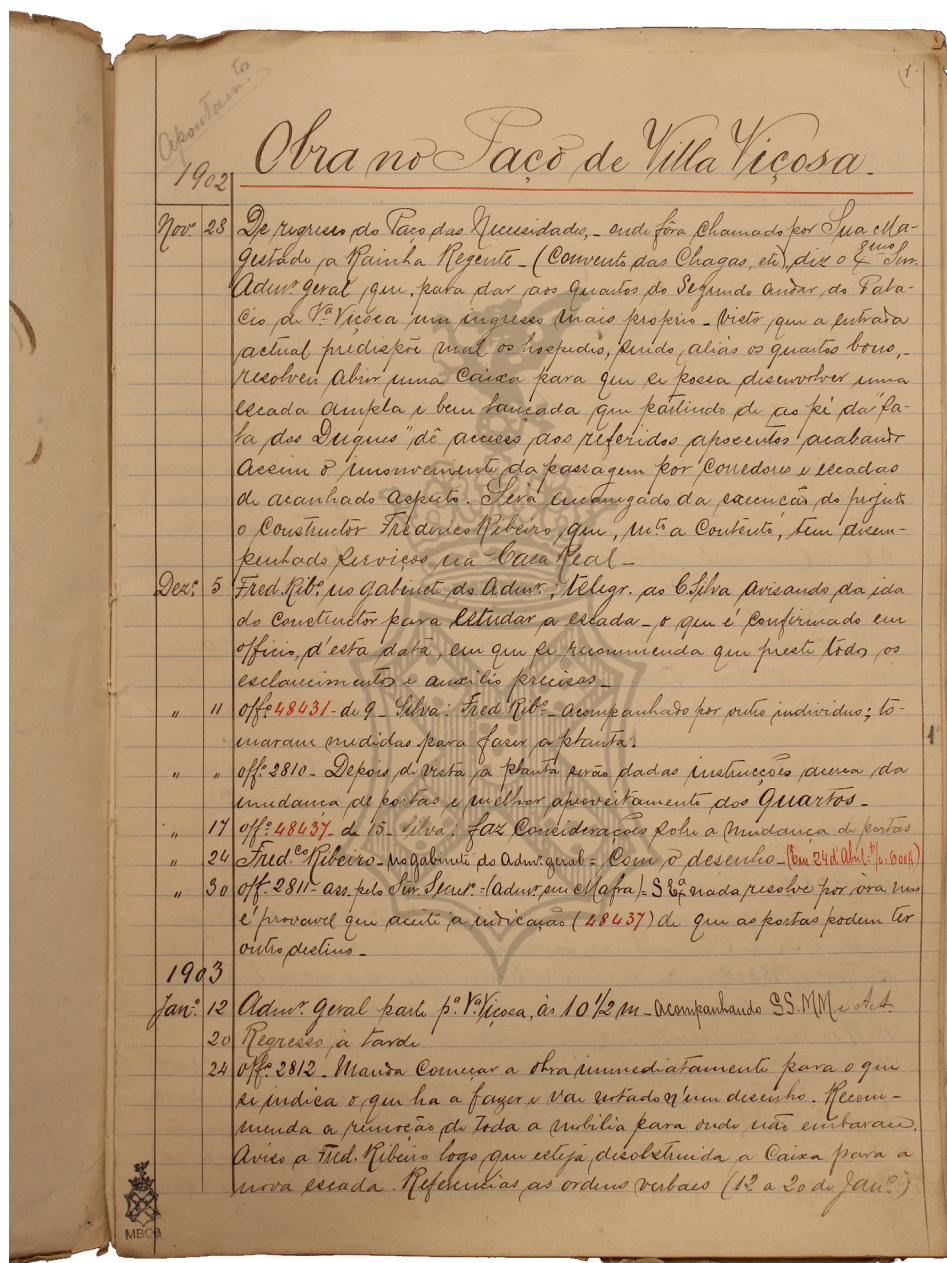
“A orientação diplomática do monarca português passava pela revalorização geoestratégica de Portugal bem como do seu império colonial, como forma de preservação

¹ Silva, C. G. (1953). *D. Carlos: exame crítico de um período histórico, com elementos inéditos*. Coleção “Humanitas”, p. 203.

² Fontes, V. e Perez, R. (Ed.). (1945). *Servidor de Reis e de Presidentes*. Compilação de Rogerio Perez. Editora Marítimo-Colonial, Lda., p. 3.

³ Dias, M. citado por Rodrigues, J. B. e Duarte Pio, D. (Pref.). (2005). *D. Carlos e D. Afonso XIII. O primeiro encontro régio*. Caleidoscópio, p. 26.

⁴ *Idem*, p. 24.



[Fig. 22] Primeira página do documento apontamentos relativos aos preparativos da visita do Rei Afonso XIII ao Palácio Real de Vila Viçosa, autores desconhecidos, 1902-1903. © AHFCB, NNG 2611.

"1902

Nov.º 28 De regresso do Paço das Necessidades, - onde fôra chamado por Sua Magestade a Rainha Regente - (Convento das Chagas, etc), diz o Ex.^{mo} Adm.^o Geral que, para dar aos quartos do Segundo andar do Palacio de V.^a Viçosa um ingresso mais proprio - visto que a entrada actual predispõe mal os hospedes, sendo aliás os quartos bons, resolveu abrir uma caixa para que se possa desenvolver uma escada ampla e bem lançada que partindo de ao pé da 'Sala dos Duques' dê acesso aos referidos aposentos acabando assim o inconveniente da passagem por corredores e escadas de acanhado aspecto. Será encarregado da execução do projecto o constructor Frederico Ribeiro que, m.^o a contente, tem desempenhado serviços na Casa Real-

Dez.º 5 Fred. Rib.^o no gabinete do Adm.^o; teligr. Do C. Silva avisando da ida do constructor para estudar a escada -, o que é confirmado em officio, d'esta data, em que se recomenda que preste todos os esclarecimentos e auxilios precisos-

[Dez.º] 11 off.º 48431 - de 9 - Silva: Fred. Rib.^o - acompanhado por outro individuo; tomaram medidas para fazer a planta.

[Dez.º 11] off.º 2810 - Depois de vista a planta serão dadas instrucções acerca da mudança de portas e melhor aproveitamento dos quartos-

[Dez.º] 17 off.º 48437 - de 15 - Silva: faz considerações sobre a mudança de portas"

*do mesmo. Sendo conhecidas as apetências expansionistas germânicas em relação a territórios ultramarinos portugueses, bem como a fragilidade da posição portuguesa em África face a países com um potencial industrial, económico e militar de relevo, D. Carlos optara pelo reforço da aliança tradicional inglesa, sem prejuízo do estreitamento de relações diplomáticas com outros países. Desta forma, seria possível manter o estatuto de neutralidade no âmbito do sistema de alianças, traçado nas vésperas da I Guerra Mundial.*²⁵

Esta neutralidade tão desejada por Portugal via-se, contudo, dependente do posicionamento diplomático espanhol e este, em certa medida, preferencialmente sujeito ao poder ascendente da estratégia diplomática de D. Carlos.

*“Os acontecimentos posteriores a 1908 demonstram o êxito da ação diplomática do monarca português, consubstanciado no afastamento espanhol da Tríplice Entente, bem como a neutralidade deste país no decurso do conflito mundial.”*²⁶

A visita de Afonso XIII a Portugal não foi, contudo, apenas originadora de aparato político e ignição de conversa entre as Cortes e o Governo. Ainda que fosse de importância crassa “agregar o país vizinho às zonas de influência por onde navegava o nosso país”²⁷, havia que saber fazê-lo com pompa, bom gosto e o fausto (possível). Amplamente ornada, Lisboa recebeu a comitiva régia espanhola a 10 de dezembro de 1903, tendo-se multiplicado os festejos pela capital aos quais assistiu, em copiosas concentrações, a população lisboeta [Fig. 20]. De entre o programa das atividades – que incluía jantares de gala, uma missa no Mosteiro dos Jerónimos, uma tourada no Campo Pequeno e uma récita no Teatro S. Carlos – destaca-se a partida para Vila Viçosa a 14 de dezembro, já após o término oficial das comemorações. Ao paço alentejano estavam reservadas refeições e caçadas naquele que era, para a Família Real portuguesa, o destino intimista e familiar de excelência nos meses de inverno.

Os preparativos que tomaram lugar no Palácio Real de Vila Viçosa, a fim de neste poder dar-se, condignamente, a estada de Afonso XIII em 1903 [Fig. 21] começaram a ter lugar cerca de um ano antes. De acordo com um registo de correspondência patente no AHFCB [Fig. 22], houve intensa troca de telegramas, cartas e ofícios entre o paço alentejano e inúmeros outros intervenientes, entre 28 de novembro de 1902 e 23 de dezembro de 1903. Neste diálogo contínuo, destacam-se as menções a pequenas obras no palácio – principalmente na ala das residências reais, a nascente – e a necessidade por itens quotidianos (louças, atalhados, colchões, ...). Pode ler-se, a tom de exemplo, para o dia 23 de outubro de 1903: “*Estão-se collocando as retretes p.^a creados e caldeira p.^a água quente na Cozinha dos quartos reaes que vai ter mosaico (d’Evora) em vez do tijolo que se arrancou.*”²⁸ A análise de tal documento, díspar em grafias, protagonistas e ações, não permite concluir, contudo, que se tenha feito qualquer obra significativa nos espaços integrantes da rede alimentar palaciana.

Ainda que a ideia transparecida pela comunicação social da época seja denotadora de um agrado geral – nacional e espanhol – face à receção a Afonso XIII e à sua comitiva, tendo o próprio monarca elogiado o carinho recebido em terras lusas, nem tudo terá decorrido dentro do previsto. A partir de Vila Viçosa, as palavras de Bernardo Correia de Melo (1855-1911), Conde de Arnoso e secretário pessoal de D. Carlos, dirigidas em carta ao diplomata Luís Pinto de Soveral (1851-1922) a 22 de dezembro de 1903, transparecem um desabafo:

*“A visita do Rei de Espanha corre bem para o público. Quer dizer, houve asneira a dar com um pau. De Lisboa e com vagar te explicarei. Salvaram-se as aparências e neste querido país já não é mau.”*²⁹

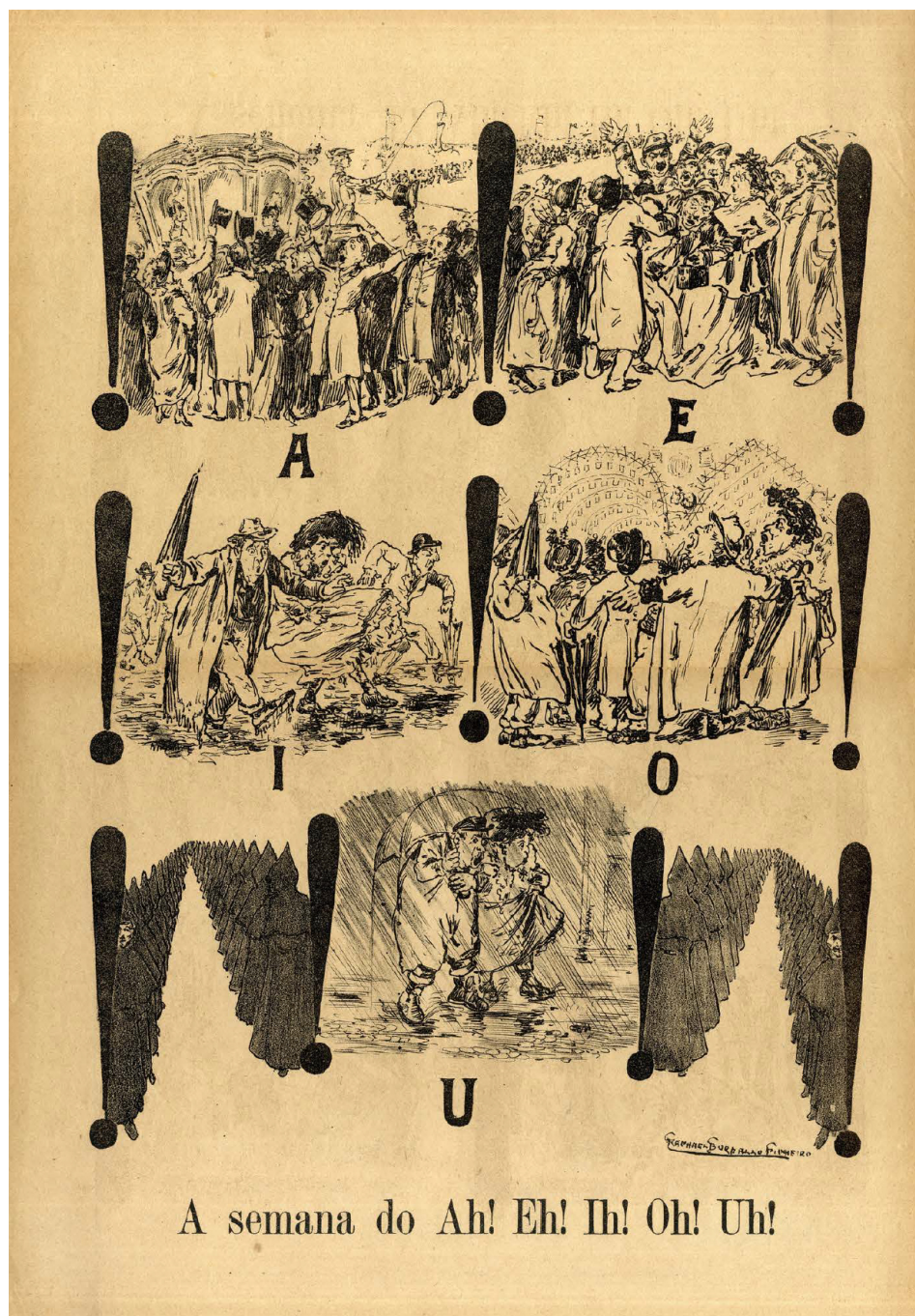
²⁵ Nunes, T. (2019). Afonso XIII em Portugal (12 a 15 de fevereiro de 1909). A Visita Real a Vila Viçosa e o seu impacto. *Passado y Memoria. Revista de Historia Contemporânea*, 18, p. 1063.

²⁶ *Idem*, *Ibidem*.

²⁷ Serrão, V. (1990). *História de Portugal. Volume X*. Editorial Verbo, p. 285.

²⁸ Apontamentos relativos aos preparativos da visita do Rei Afonso XIII ao Palácio Real de Vila Viçosa, autores desconhecidos, 1902-1903. AHFCB, NNG 2611.

²⁹ Carta do Conde de Arnoso a Luís Pinto Soveral citada por Urbano, P. (2013). “Nos Bastidores da Corte”: O Rei e a Casa Real na crise da Monarquia 1889-1908. [Unpublished doctoral dissertation]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 355.



[Fig. 23] Página da revista *A Paródia* com ilustração satírica de Raphael Bordallo Pinheiro referente à visita de Afonso XIII a Lisboa. Pinheiro, R. e Pinheiro, M. *A Paródia*, 49, 17 de dezembro de 1903. Cândido Chaves. © HML. Grafia atualizada.

Sobre esta visita, e no mesmo número da revista, pode ler-se:

"Patriotismo e negócio

Em diversos sítios por onde teve de passar o Rei de Espanha, liam-se estas palavras, ora em letras de ouro, ora em luminárias, ora em flores: - Bien venidos seias!

O dono d'uma casa de pasto a S. Paulo, que é espanhol, e se chama Bemvindo, iluminou também a fachada, e fez então dispôr os bicos de gás de modo que quem passava lia isto: Bienvenido - Ceias. Parecia uma saudação, e era uma tabuleta."

2.4 JANTAR NO ALENTEJO

Uma noite excepcional

Altamente documentada pela imprensa nacional [Fig. 12, Fig. 19 e Fig. 23] e espanhola da época (publicação anual madrilena *El Año político*, semanário catalão *Pluma y Lápiz*, diário *La Época*, ...), a visita de Afonso XIII primou pelo carácter de exceção que a deslocação a Vila Viçosa imprimiu. Sobre o cerimonial que acompanhou a receção real, já no Terreiro do Paço calipolense, dá nota o *Diário de Notícias*:

“Vila Viçosa, 14, 9,25’ t. - Suas majestades srs. D. Afonso XIII e D. Carlos, rainhas sr.^a D. Amélia, sua alteza o príncipe real e comitivas, chegaram a esta vila às 6 e meia horas da tarde. (...) O cortejo real (...) passou por entre duas colunas compactas de povo, empunhando archotes (...). O Terreiro do Paço está vistosamente iluminado à veneziana. (...) As ornamentações do Terreiro do Paço que não chegaram a ser concluídas devido ao mau tempo, são de lindo efeito (...).”¹⁰

Através de uma leitura cruzada dos diversos relatos que detalham a passagem de Afonso XIII por Vila Viçosa, torna-se dúbia a possibilidade de se ter concretizado, efetivamente, um grande banquete de gala imediatamente após a chegada da comitiva ao Paço. Algumas das descrições jornalísticas indiciam que, ainda que se tendo realizado uma receção no dia 14, o banquete *per si* teria ficado para o dia seguinte. Assim, e na continuidade do relato disposto no *Diário de Notícias*, é dado claro ênfase ao jantar do dia 15 de dezembro em detrimento daquele de 14 ao qual não é feita qualquer menção. De acordo com esta publicação:

“Vila Viçosa, 15, às 11.25 da t. - O jantar começou às 8 e meia horas da noite e terminou às 10 horas e 20 minutos (...). Durante o jantar tocou a banda de infantaria 2. Depois começou o concerto na sala do bilhar que terminou às 11 e meia sendo muito aplaudidas as exímias concertistas, D. Guilhermina e D. Virgínia Suggia.”¹¹

Condizente com a hipótese de que a grande refeição se terá dado no dia posterior à chegada a Vila Viçosa, o diário *La Época* menciona apenas uma receção e um concerto improvisado, no dia 14 de dezembro, fazendo-se de seguida referência ao jantar do dia 15 no qual houve, inclusive, lugar a condecorações.¹² Também a publicação espanhola *El Año Político*, à semelhança do *Diário de Notícias*, menciona unicamente um banquete de gala no dia 15 de dezembro, o qual terá deixado Afonso XIII *“muito satisfeito”*.¹³

¹⁰ Descrição do Diário de Notícias em Rodrigues, J. B. e Duarte Pio, D. (Pref.). (2005). *D. Carlos e D. Afonso XIII. O primeiro encontro régio*. Caleidoscópio, pp. 184-186.

¹¹ *Idem*, p. 186.

¹² Jornal *La Época*. *Ultimos Telegramas y Noticias de la Tarde*, LIV(19.22), 15 de dezembro de 1903. *La Época*, p. 1.

¹³ Soldevilla, F. (Ed.). (1904). *El Año Político 1903*, ano IX. Imprenta de Ricardo Rojas, p. 497.

Olival
Horta

1. Olival D'El Rei
2. Olival de Reguengo
3. Horta Nova
4. Horta de Reguengo
5. Horta das Freiras das Chagas

Quercus Suber X Quercus Ilex

Presença elevada
Presença baixa
Presença reduzida

Pinus Pinea

Presença elevada

Olea Europaea

Presença moderada



[Fig. 24] Planta do Palácio Real de Vila Viçosa na sua relação de proximidade com o território do Reguengo (escala 1/10000) e com a Tapada de Vila Viçosa (escala 1/50000), desenho da autora tendo por base a *Carta da Cobertura Vegetal* da autoria de Manuel de Sousa da Câmara (-) (SIPA, FOTO.00725612) e a *Planta do terreiro do paço, jardins, hortas, cavalariças e pinhal em Vila Viçosa* da autoria de F. Perry Vidal (-) (AHFCB) respetivamente, 2022.

2.4 JANTAR NO ALENTEJO

2.4.1 Da Tapada Real e do Reguengo: jardins que alimentam



[15 de dezembro de 1903, de manhã cedo: na Porta dos Nós, e com o olhar fixo no caminho que sobe até à Tapada, espera-se a chegada de vinte galinholas¹⁴, frutos da caçada que, desde bem cedo, decorre naquela imensidão de terra ondulante. Simultaneamente, sob a frescura matinal deste dia de inverno que cobriu de orvalho a Horta do Reguengo, começam-se a colher agriões e alfaces¹⁵. Amontoados dentro de cestos, os verdes aguardam viagem para o pátio da cozinha.]

A implantação, iniciada por volta de 1501, do Palácio Real de Vila Viçosa no sítio do Reguengo, local fértil na produção de bens alimentares, havia permitido ao Ducado de Bragança o usufruto e a participação ativa na construção e manutenção da paisagem alentejana. A presença de água nestes terrenos e a consequente criação de sistemas hidráulicos para a sua captação, armazenamento e distribuição ao redor do paço permitiram a proliferação de oliveiras, horta e pomar assim como a desenvoltura, nas imediações, dos cerca de mil e quinhentos hectares da Tapada Real, um dos primeiros coutos de caça¹⁶ instituídos em Portugal: a secura típica alentejana contrariada pelo engenho humano.¹⁷ Nas palavras de Frei Manuel Calado (1584-1654) em *O Valeroso Lucideno e o Triunpho da Liberdade*, e ainda sobre a importância da água no sítio do Reguengo, pode ler-se:

*“(...) o Reguengo, que é um jardim plantado de muitas, e esquisitas árvores, regado com muitas fontes, e engenhos de água, e com muitas ruas largas, e compridas, cujas paredes são de murta miúda, com muitas e diferentes figuras, para cujo ministério tem ali o Duque jardineiros mui primos na arte de suas curiosidades, tem ali um lago de água nascediça, com muitos peixes, e outras noras, e poços dos quais se tira a água com engenhos para esse efeito, com a qual se regam as partes onde as águas correntes não podem chegar.”*¹⁸

Reguengo e Tapada Real [Fig. 24], jardins produtores de bens alimentares, podem ser entendidos como momentos zero na cadeia de transformação alimentar e, por conseguinte, a sua leitura deverá fazer-se em íntima relação para com o espaço da cozinha principal do Palácio Real de Vila Viçosa. Considerado o coração da rede alimentar, este espaço de confeção tem na sua

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

¹⁴De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foram servidos ‘Bécasses rôties aux croûtons’.

¹⁵De acordo com o *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903* foram solicitados dez molhos de agriões e vinte e quatro alfaces que poderão ter tido proveniência na Horta do Reguengo. *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917.

¹⁶De acordo com as relações dos animais caçados na Tapada Real de Vila Viçosa em dezembro de 1899, viveriam nos terrenos em causa veados, corças, gamos, perdizes, galinholas, narsejas, codornizes, tordos, rolas, lebres, coelhos e raposos. *Relação dos animais caçados na Tapada Real de Vila Viçosa em 16 de dezembro de 1899*, autor desconhecido, 1899. APNA 9.1.1, doc. 37.

¹⁷Carapinha, A. (1997). Os Vergéis do Paço Ducal. *Revista Monumentos*, 6, março de 1997, p. 90.

¹⁸Calado, F. M. (1668). *O Valeroso Lucideno e o Triunpho da Liberdade*. Oficina Domingos Carneiro, p. 97. Grafia atualizada.

Pedido d Ucharia do Paço de Villa Rica
Para a Real Cozinha
Em 15 de dezembro de 1903

Hand-drawn diagram of a coat of arms on a grid background. The coat of arms is a shield with a crown on top. The shield is divided into four quarters by a cross. Each quarter contains a different symbol: top-left is a crown, top-right is a crown, bottom-left is a crown, and bottom-right is a crown. The shield is surrounded by a decorative border. To the right of the shield, there are handwritten numbers: "260 + 80" and "48 + 250".

MURDO
 GARDNER
 FOLIO
 ALMA
 GARDNER
 DUNSTON

KILBO
 *
 *
 *
 KILBO
 *
 *
 *
 LUNA KILBO
 *
 *
 *
 CAIRNS
 KILBO

MURDO

Cruzando a informação disposta neste formulário com aquela a que se teve acesso também no AHFCB referente aos itens aprovionados por diversos fornecedores da Casa Real (e trazidos para o Palácio Real de Vila Viçosa a 14 de dezembro de 1903), constata-se que certos bens alimentares como agriões, alfaces, cebolas e batatas não se encontram entre os alimentos vendidos. Deduz-se, assim, que poderão estes itens ter tido proveniência na horta e pomar do Reguengo. No que respeita às principais proteínas confeccionadas para o jantar de 15 de dezembro de 1903 – o peixe (não especificado), o frango (peito) e as galinholas – constatam-se menções, nesta lista de pedidos, a três quilos de bacalhau, vinte e oito frangos e vinte galinholas. O bacalhau aparenta ter sido fornecido pela firma Silva e Amaro, ao passo que os frangos, juntamente com as frangas e galinhas solicitadas deverão ter tido proveniência interna. Contudo, não foi encontrada referência a qualquer área destinada à sua criação a não ser aquela do Pátio das Galinhas que no seguimento se explorará. A dimensão deste não permitiria, contudo, a coexistência de um tão avultado número de aves pelo que se coloca a possibilidade de estas terem sido criadas nos terrenos do Reguengo. As cinquenta e duas dúzias de ovos anotadas no formulário não parecem, de igual modo, ter sido fornecidas por empresas externas, deduzindo-se que provieram das galinhas criadas no palácio. As galinholas, por sua vez, e tratando-se de peças de caça, terão sido obtidas na Tapada Real.

implantação periférica face à volumetria do complexo palaciano um dos aspetos chave para tão bem sucedida relação com os espaços de abastecimento desta rede alimentar.

Nas proximidades da cozinha, o território do Reguengo dividia-se entre zonas dedicadas ao cultivo (Horta do Reguengo) e áreas de olival (Olival d'El Rei e Olival do Reguengo) [Fig. 24]. Na viragem do século XIX para o século XX, a Horta do Reguengo havia já absorvido os terrenos correspondentes à Horta Nova – dos tempos de D. Catarina de Bragança (1638-1705) –, e à Horta das Freiras das Chagas, religiosas do convento erigido nas imediações do palácio, a sul. Por esta altura – e com o término, em 1860, do regime de arrendamento particular aplicado a estes terrenos –, florescia na Horta do Reguengo uma zona de cultivo e recreio aberta ao público delimitada por talhões onde, e nas palavras de Túlio Espanca (1913-1993), proliferavam “*boninas, tabuada e hortaliças, pomares, vinha, olival e árvores de fresco*”¹⁹. Já mais distante do paço, o terreno da Tapada Real apresentava, à semelhança dos dias de hoje, uma morfologia distinta pautada de planos, vales e colinas de ondulação suave onde, e para além de oliveiras, cresciam também azinheiras, sobreiros e pinheiros-mansos. Usufruindo destes terrenos arborizados, circulavam livremente dentro dos muros da Tapada diversas espécies animais como veados, corças, gamos, raposas e javalis, assim como perdizes, poupas, galinholas e aves de rapina.

Tapada Real e cozinha principal, ainda que não usufruindo de uma relação de tão estreita proximidade como aquela entre esta última e o Reguengo, comunicavam através do percurso que, saindo da tapada pelo acesso nas imediações das Ermidas de S. Jerónimo e S. Bento, se dirigia para sul e entrava pelo complexo palaciano através da Porta dos Nós. A sugestão da utilização deste acesso de forma a alcançar-se a cozinha é dada por Frei Manuel Calado que, uma vez mais em *O Valeroso Lucideno e o Triunpho da Liberdade*, aponta:

“Por esta porta dos nós se entra também para a Capela, e para um terreiro rodeado deo de casas, a que chamam ilha, e para a cozinha do Duque, e mais despensas que serve para este ministério. E a um lado estão as estrebarias dos cavalos, aonde ordinariamente estava duzentos (...).”²⁰

O valor simbólico destes dois jardins, espaços de abastecimento alimentar, está intrinsecamente ligado à satisfação da necessidade humana por alimentação, simultaneamente promovendo o deleite. Reguengo e Tapada são, assim, espaços de fruição onde se promovem o passeio e a atividade lúdica da caça e de onde, simultaneamente, se retira aprovisionamento para as ucharias do palácio. Por conseguinte, estes são territórios cuja fruição se alcança não somente no imediato da sua exploração presencial, *in loco*, como também por extensão, no prato.

A dimensão e formulação paisagística deste diálogo entre Reguengo e Tapada Real origina um contexto espacial de produção que permite ao Palácio Real de Vila Viçosa o usufruto de um estatuto alimentar de exceção, não emulado nos demais palácios da capital.



[Eis que cruza a Porta dos Nós, finalmente, um grupo barulhento de homens, de cavalos, de mulas que puxam uma carroça, e de cães. Vestidos com traje de caça cinzento encimado por um boné verde²¹, trazem os tão aguardados animais. Numa azáfama barulhenta e suja são, de imediato, recolhidas e levadas para o pátio da cozinha duas dezenas de aves de reduzido porte [Fig. 25]. Ao ouvir tal alarido festivo, junta-se à procissão de víveres e de homens outro que, vindo do lagar do azeite junto à porta, carrega um pote de lata bem cheio daquele líquido oleoso produzido nos olivais do almoxarifado²².]

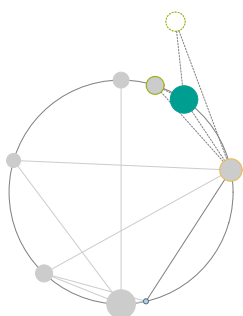
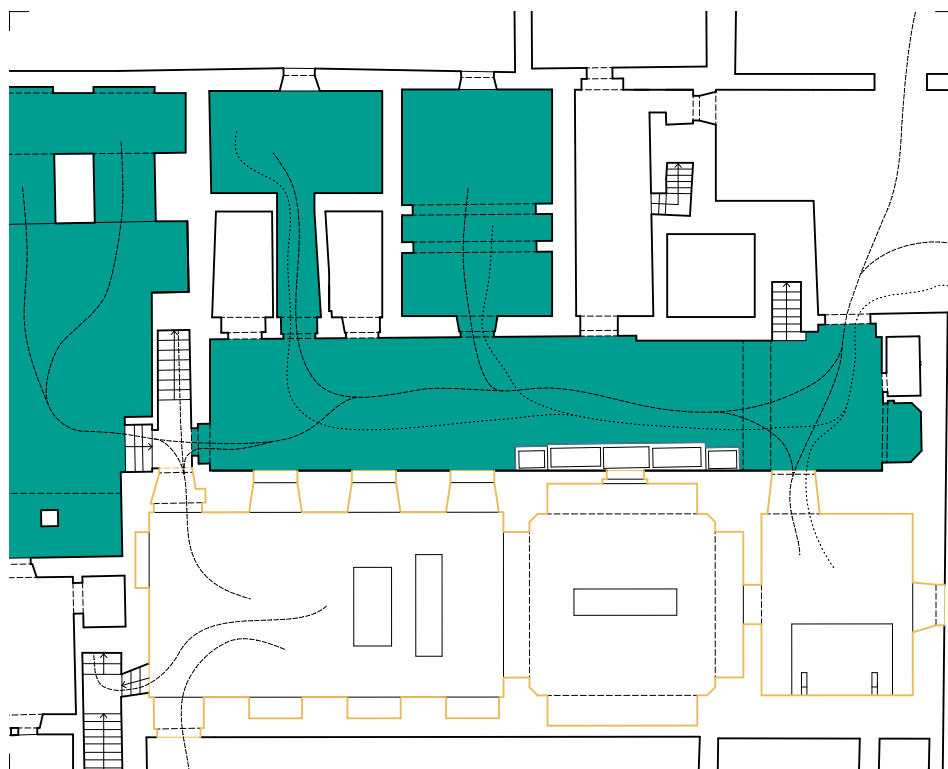
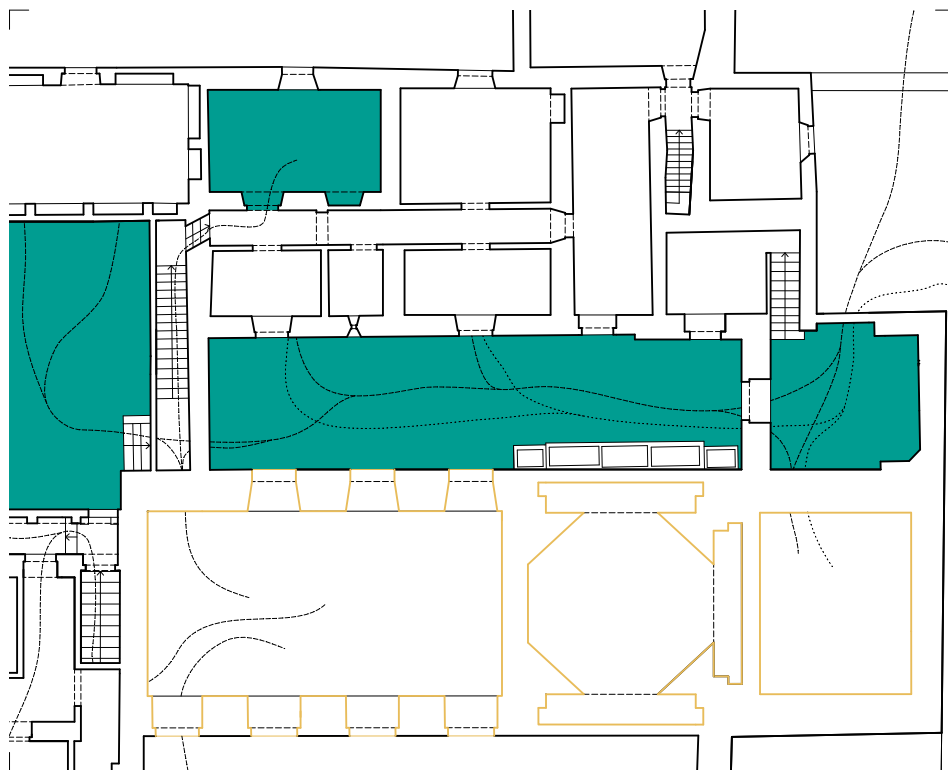
¹⁹ Espanca, T. (1978). *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona sul)*, 1.º volume. Academia Nacional de Belas-Artes, p. 626.

²⁰ Calado, F. M. (1668). *O Valeroso Lucideno e o Triunpho da Liberdade*. Oficina Domingos Carneiro, p. 97. Grafia atualizada.

²¹ Conde D'Ormesson citado por Cavalheiro, A. R. (1974). A Corte Portuguesa em Vila Viçosa vista pela Conde D'Ormesson em 1895. In Academia Portuguesa de História, *Colectânea de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*. A.P.H., p. 296. Tradução da autora.

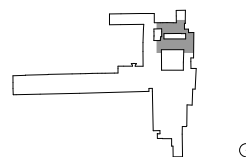
²² De acordo com o *pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903* foram solicitados seis litros de azeite doce que poderão, certamente, ter tido origem nos olivais administrados à época pelo Almoxarifado do Palácio Real de Vila Viçosa. *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917.

..... Percurso dos fornecedores
 Percurso dos funcionários
 Percurso dos comensais



[Fig. 26] Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa e do piso superior das dependências do pátio da cozinha (c. 1900), desenho da autora, 2021. Escala 1/250.

[Fig. 27] Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa (c. 1900), desenho da autora, 2021. Escala 1/250.



2.4 JANTAR NO ALENTEJO

2.4.2 Ainda no exterior, pelos pátios



[15 de dezembro de 1903, pelas 14h30: junto às pias de mármore adossadas à parede poente da cozinha estão pousadas, no chão irregular do pátio, grandes tinas de cobre onde a água ainda parece ferver. As galinhas²³, inertes, que em breve serão depenadas, aguardam empilhadas ali perto. Do outro lado das pias um moço da cozinha encarrega-se da lavagem dos hortícolas, trocando alegremente palavras com outros moços que, com passo afoito, se dirigem para as ucharias onde repousam as reservas de batata e os braços de cebolas.]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

De cariz longitudinal, o pátio da cozinha [Fig. 26 e Fig. 27] [Planta 1 49] surge qual paragem obrigatória no percurso entre os espaços de abastecimento alimentar – Reguengo e Tapada – e o mais importante espaço de confeção do paço, a cozinha principal [Planta 1 50]. A implantação deste pátio ao longo do limite poente da cozinha, num diálogo de simetria para com o claustro posicionado a nascente, permite isolar o espaço de confeção face ao restante complexo palaciano, contribuindo para a sua ventilação e, simultaneamente, dificultando a propagação de possíveis focos de incêndio. O pátio da cozinha, espaço multifacetado a céu aberto, dava acesso a diversas dependências implantadas a poente e que, de frente para o volume da cozinha, eram facilmente acessíveis a partir desta. Na primeira destas dependências terá existido, isto segundo o levantamento desenhado de 1860 de Ricardo Peyroteu (-) [Fig. 32], uma ucharia para depósito de hortaliças [Planta 1 48] e, na divisão contígua, para norte, uma outra destinada ao armazenamento da carne [Planta 1 47]. Já António de Oliveira Cadornega (1623-1690), na sua *Descrição de Vila Viçosa* datada de 1683, faz referência a estes espaços de apoio, descrevendo:

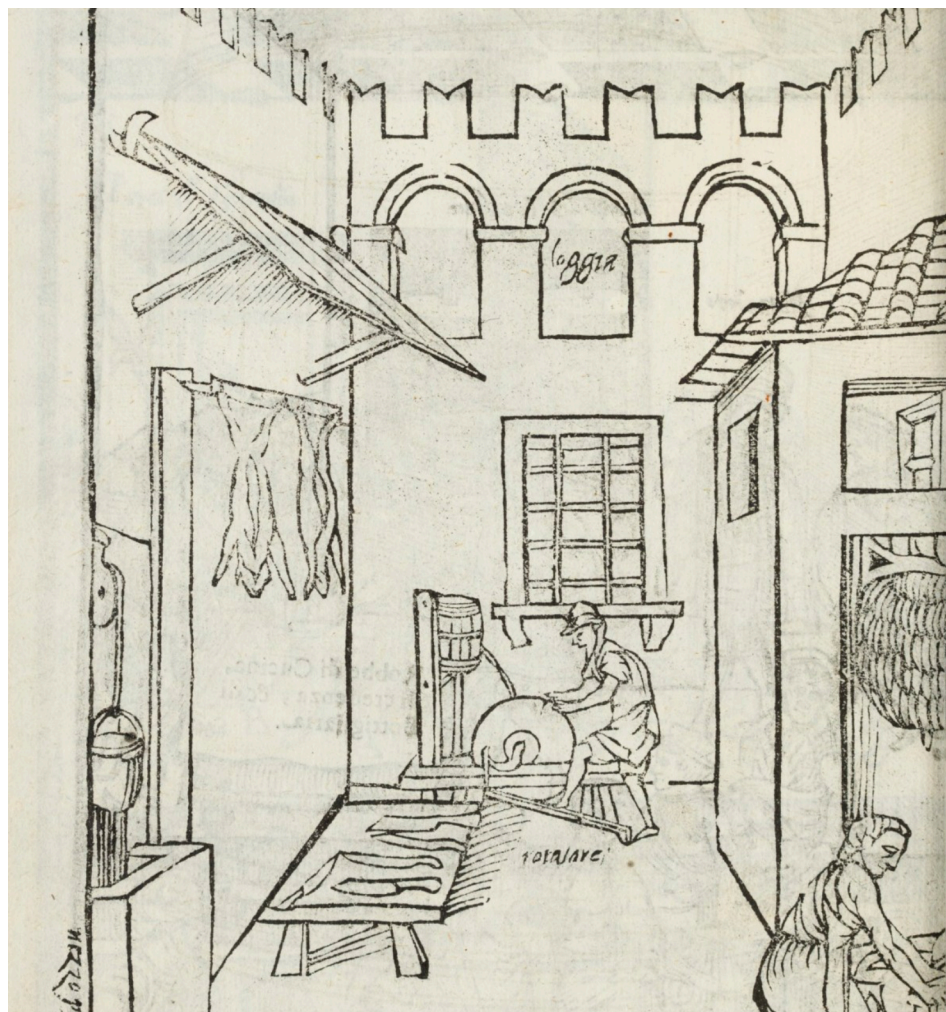
*“Metia-se entre a Cozinha um corredor coberto, por onde se passava a uma casa térrea, e de sobrado os altos, em que estava a Ocharia e o Escrivão da Cozinha (...). Ali iam buscar os moços de cozinha tudo o que era necessário para ela (...).”*²⁴

Nesta obra que oscila entre a evocação e a narração, António de Oliveira Cadornega menciona a existência de um *corredor coberto* que ligaria a cozinha à ucharia. Segundo Joana Bento Torres (-) e André Teixeira (-), a este corredor poderia corresponder o alpendre da cozinha, uma construção do tempo de D. Teodósio I (1505 - 1563) entretanto desaparecida.²⁵

²³ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foram servidos ‘Bécasses rôties aux croûtons’.

²⁴ Cadornega, A. O. e Teixeira, H. G. (Pref.). (1982). *Descrição de Vila Viçosa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 89.

²⁵ Torres, J. B. e Teixeira, A. (2018). Com o Lume Aceso: as cozinhas do Paço Ducal no século XVI. In J. Hallet e N. Senos (Coord.). *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Tinta-da-China, p. 325.



[Fig. 28] Reprodução de página da obra de culinária de 1570 da autoria de Bartolomeo Scappi. Scappi, B. (1570). *Opera di M. Bartolomeo Scappi, cuoco secreto di Papa Pio V. Divisa in Sei Libri*. Michele Tramezzino, p. 3-4.

[Fig. 29] Vista do pátio da cozinha, de norte para sul, fotografia da autora, 2022.

Através da análise dos desenhos recolhidos depreende-se que a parede divisória existente entre os pátios da cozinha [Planta 1 49] e da Lenha ou das Galinhas [Planta 1 39] compreendia uma escadaria que, durante algum tempo, permitiu aceder a uma divisão do piso nobre que albergou diversos programas: *Caza de Muzica* [Fig. 31], *Antiga casa de musica* [Fig. 33] e *Copa* [Fig. 36]. O vão existente atualmente na parede de meação entre os pátios não corresponde ao que existiria quando tal escadaria ainda se encontrava a uso (ver subcapítulo 2.4.3).

Aquando desta descrição contemporânea ao quotidiano do Ducado de Bragança, o Palácio Real de Vila Viçosa encontrava-se habitado a tempo inteiro pelo duque e por aquela que poderia ser considerada a sua corte ducal. Contudo, após a Restauração da Independência em 1640 e a aclamação de D. João II (1455-1495), 8.º Duque de Bragança, como D. João IV, rei de Portugal e dos Algarves, o quotidiano no paço viu-se indelevelmente alterado, passando de residência permanente de um duque para morada esporádica de um rei. Assim, deve ter-se em consideração que as lógicas de armazenamento aplicadas à ucharia do duque referida por António de Oliveira Cadornega, armazenamento esse de cariz contínuo, difere em larga escala daquelas outras aplicadas a partir de 1640. Aquando do reinado de D. Carlos, período focado por este estudo, a permanência no Palácio Real de Vila Viçosa da Família Real e da sua comitiva dava-se, preferencialmente, por alturas do Natal. Por conseguinte, suspeita-se que o armazenamento e acondicionamento alimentar nas ucharias – que se depreendem idênticas às representadas por Ricardo Peyroteu no seu levantamento de 1868 [Fig. 32] –, teria em consideração estas estadias sazonais e de curta duração, o tipo e quantidade de alimentos a serem guardados, a sua perecibilidade e, por fim, a cadência e velocidade do seu consumo.

Retomando a análise das dependências de apoio que desaguam no pátio da cozinha repara-se que entre a ucharia da carne [Planta 1 47], já referida, e a entrada do pátio, a norte, se localiza uma divisão provida de dois fornos [Planta 1 46]. Estes poderão ter sido utilizados, pelo menos até ao século XVII, na cozedura de vidro sendo-se levado a crer, contudo, que tal atividade terá dado lugar, mais tarde, à produção de pão.²⁶

“Nesse pátio, agora num repouso forçado e outrora tão agitado, lavadouros de pedra, fornos de aquecimento de águas, dependências para armazenagem de mantimentos e para talho de carnes documentam dezenas de atividades que o tempo e a vida paralisaram (...).”²⁷

As palavras que Gustavo Matos Sequeira (1880-1962) tece sobre este pátio e, mais particularmente, sobre estes fornos, indiciam que poderiam ter sido também utilizados para o aquecimento de água, existindo nas proximidades desta Casa dos Fornos uma cisterna [Planta 1 17] responsável pelo abastecimento de água ao pátio e à cozinha. A geometria do percurso entre os fornos e as pias de mármore adossadas à parede poente da cozinha, assim como a curta distância que os separa, parece sugerir que a água aquecida nestes pudesse ser utilizada quer nestas pias, na lavagem das louças e utensílios de cozinha, quer na realização de tarefas menos salubres na imediação destas, como o depenar de aves, o escamar de peixes e o esfolar de certos animais [Fig. 28]. Ao fundo do pátio da cozinha, a sul, uma parede divisória de espessura considerável medeia a transição para o Pátio da Lenha/das Galinhas [Planta 1 39]. Aqui, a julgar pela denominação atribuída e este espaço em meados do século XIX, seria guardada a lenha a utilizar nos fornos e fomalhas do paço e estaria acomodado um galinheiro, possivelmente dedicado à criação de galinhas poedeiras. Através da análise do conteúdo e da dispersão no espaço dos menus de refeições consumidas pela Família Real portuguesa na viragem do século XIX para o século XX conclui-se que, aquando da estadia no Palácio Real de Vila Viçosa, se fazia um considerável consumo de ovos.²⁸ A descontração das rotinas e das vivências inerente ao usufruto deste paço alentejano e da paisagem envolvente via-se também refletida à mesa, onde os pratos se aportuguesavam, simplificavam, e estreitavam a sua relação com o sítio.

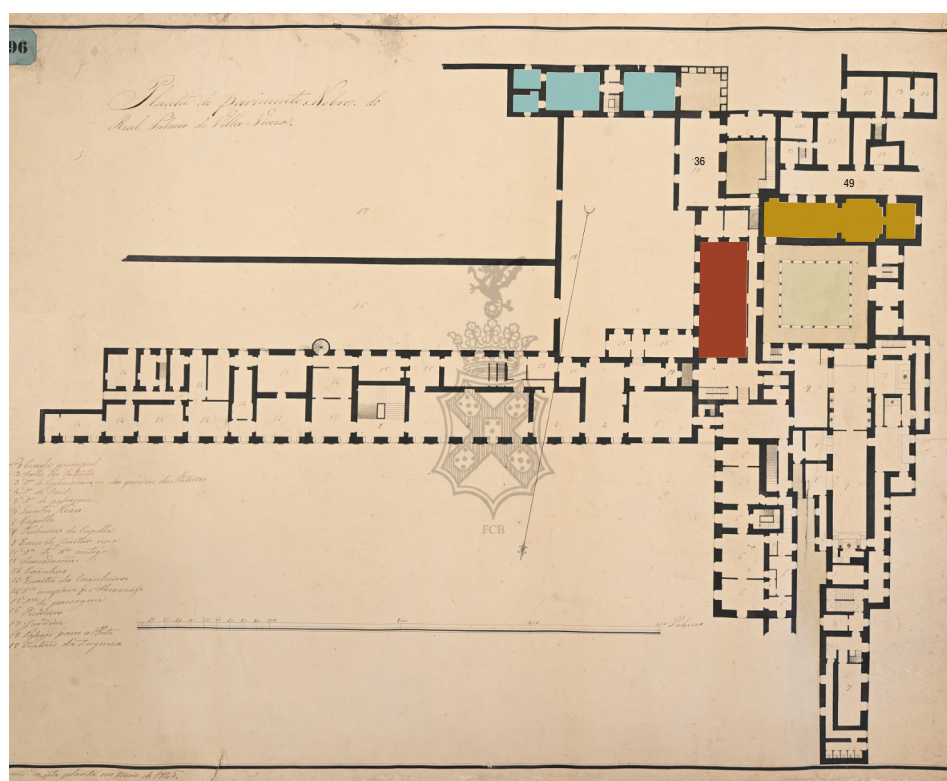
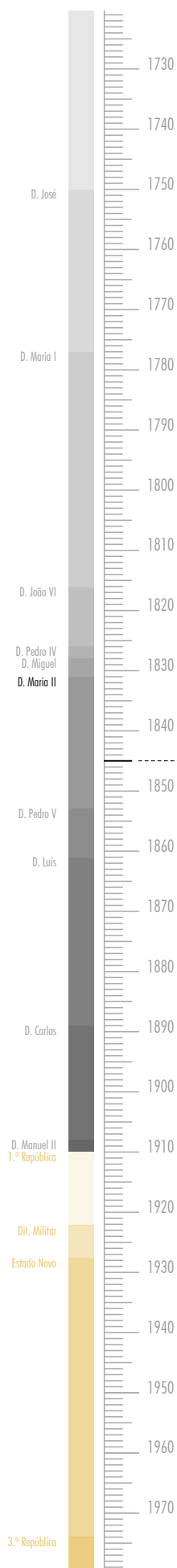


[Em molhos que ainda pingam água, os hortícolas são levados para o interior da cozinha pela porta à direita das pias. Alguns metros atrás, carregando feixes de gravetos e rolos de lenha, dois ajudantes entram pelo vão que dá acesso à câmara do forno.]

²⁶ Nas palavras de António de Oliveira Cadornega “O Forno de Vidro que ali partia era cousa de grandeza, onde se faziam mui bons vidros” em Cadornega, A. O. e Teixeira, H. G. (Pref.). (1982). *Descrição de Vila Viçosa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 89. Não é certo, contudo, se os fornos atualmente existentes são aqueles referidos pelo autor ou se outros ali construídos em sua substituição.

²⁷ Sequeira, G. M. (1952). *A Cozinha dos Paços de Vila Viçosa*. Fundação da Casa de Bragança, 1952, p. 15.

²⁸ Este gosto por ovos refletia-se quase invariavelmente ao almoço e em pratos como, a tom de exemplo, ‘Oeufs sur le plat’ (almoço de 13 de dezembro de 1895 - AHFCB, NNG 3728, n.º 42), ‘Omelette à la française’ (almoço de 14 de dezembro de 1896 - AHFCB, NNG 3728, n.º 75) e ‘Oeufs à la Diane’ (almoço de 15 de dezembro de 1903 - AHFCB, NNG 3729/4).



[Fig. 30] Anotações esquemáticas sobre planta do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa, J. Corrêa (-) (?), maio de 1845. © AHFCB.

O primeiro dos levantamentos de 1845, datado do mês de maio, tem autoria presumível de J. Corrêa. Este é um desenho que denota algum rigor, estando representado unicamente o piso nobre do palácio, com as suas divisões legendadas.

Nesta planta é feita uma só menção a um espaço de confeção, o das *Cozinhas*, elemento constante ao longo dos diversos levantamentos encontrados, e cuja comparação dimensional permite aferir inúmeras falhas no rigor dos diversos desenhos. Ainda que este seja um levantamento ao nível do piso nobre, a cozinha encontra-se seccionada a uma cota do piso térreo, como denota o desenho das suas chaminés, que não se consideram devidamente representadas.

Ao longo do pátio da cozinha (49), contudo, encontram-se corretamente seccionadas as divisões destinadas aos aposentos dos serviçais, que se sobrepõem ao conjunto de espaços de serviço dedicados ao aprovisionamento da cozinha, situados no piso térreo.

Seguindo na direção da sala de jantar constata-se que a escadaria que ascende ao piso nobre desagua num corredor que direciona para uma sala de dimensões consideráveis, à qual é atribuída a nomenclatura de *Caza de jantar antiga* (36). Esta referência não é inteiramente coerente com a informação recolhida acerca do faseamento construtivo desta parte do segundo piso do Palácio Real de Vila Viçosa.

A partir deste antigo espaço de consumo consegue-se aceder à *Caza de jantar nova* tendo-se, para isso, de atravessar o espaço intersticial entre as duas salas, não legendado, dividido ao meio por uma parede de espessura reduzida, com um vão. Dado este encadeamento entre divisões, antevê-se um percurso pouco racional e fluído dos alimentos entre a cozinha e a sala de jantar, levando ao questionamento sobre a veracidade desta sugestão de apropriação espacial do palácio.

A oeste, na continuidade da *Caza de Jantar Antiga* (36), os espaços outrora pertencentes ao Colégio de Música já referido veem-se agora dedicados aos serviços, estando legendados como *Arrecadações*.

Legenda dos espaços da rede alimentar

Espaços de abastecimento

- Horta
- Jardim
- Tapada
- Curral / Galinheiro

Espaços de confeção

- Cozinha principal
- Cozinha secundária
- Cozinha de aposento
- Cozinha de pessoal afeto ao paço

Espaços de apoio

- Ucharia
- Mantearia
- Arrecadação (afeta à refeição)
- Terraço / Pátio (afeto à refeição)

Espaços de consumo

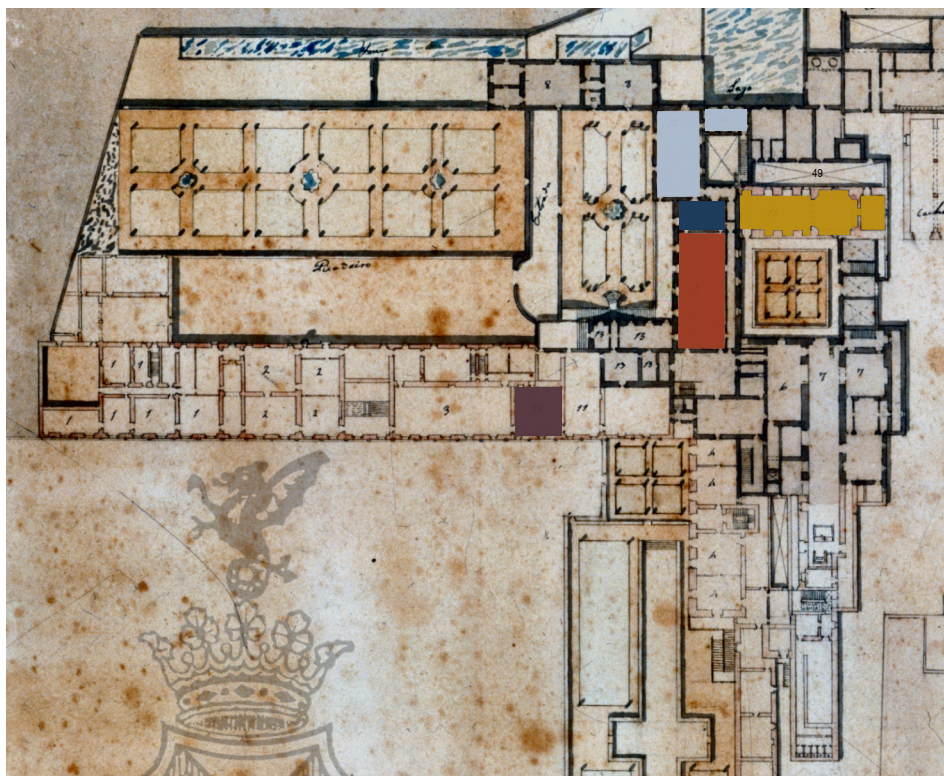
- Sala de refeições principal
- Sala de refeições secundária
- Sala de banquetes
- Sala / área utilizada para refeições
- Sala de refeições de pessoal afeto ao paço

Espaços de serviço

- Copa ou sala equiparada
- Casa de lavagem
- Sala de música

Espaços de digestão

- Sala de bilhar
- Sala de café
- Sala / área utilizada para concertos
- Sala / área utilizada para bailes
- Terraço / Pátio
- Jardim



[Fig. 31] Anotações esquemáticas sobre *alçado e planta que conjuga os pisos térreo e nobre do Palácio Real de Vila Viçosa*, Nicolau Pires (-), 1845. © AHFCB.

Este é um desenho que parece ter sido criado com uma intenção distinta do levantamento anterior. Possivelmente relacionadas com a campanha de obras de melhoramento encetada por D. Maria II, estas plantas parecem denotar uma intenção de levantamento efetivo da realidade material do edificado do palácio, no caso da representação de J. Corrêa; e uma tentativa de representar num só plano, e com dignidade, as divisões mais relevantes a uma qualquer ideia de reformulação projetual da ocupação do paço, no caso da planta de Nicolau Pires. A mescla de pisos nesta última é detetável através da análise do desenho das divisões que rodeiam o pátio da cozinha.

No que respeita a rede alimentar que integra os espaços de confeção, de consumo e anexos, Nicolau Pires apenas identifica a *cozinha principal*, não havendo qualquer referência a cozinhas secundárias. Contíguo a esta cozinha, sem menção em legenda, é visível o pátio da cozinha (49), com a sua geometria simplificada, assim como os demais compartimentos anexos, aos quais não foi atribuída nomenclatura.

Ascendendo-se ao andar nobre a partir da cozinha, deteta-se uma diferença que, apesar de singela, tem grande relevância no percurso efetuado pelos alimentos na seio da rede alimentar: a abertura de um vão no patamar superior da escada permite, agora, aceder diretamente ao espaço intersticial entre a *Caza de Jantar* e a *Caza de Muzica* sem a necessidade de entrar nesta última. Ainda que Nicolau Pires faça referência a um espaço dedicado à copa na sua legenda, tal não possui correspondência no desenho. Supõe-se, contudo, que a este espaço intersticial corresponda a *Copa*. Contrariamente ao representado na planta anterior, esta possível copa não possui qualquer parede divisória, seja por falta de rigor, seja por verdadeira inexistência.

Seguidamente surge a *Caza de Muzica* já referida, que integra duas divisões. Segundo esta disposição espacial depreende-se que neste contexto, e aquando do momento da refeição, se esta fosse efetivamente acompanhada de um momento musical, tal não poderia tomar lugar no espaço aqui denominado de *Caza de Muzica*, dada a sua distância e não contiguidade à *Caza de Jantar*. Esta referência a uma sala de música poderá ser uma reminiscência da vocação que aquele espaço outrora teve enquanto integrante do Colégio de Música ou, porventura, apenas uma sugestão projetual de uma possível disposição.

Legenda dos espaços da rede alimentar

Espaços de abastecimento

- Horta
- Jardim
- Tapada
- Curral / Galinheiro

Espaços de confeção

- Cozinha principal
- Cozinha secundária
- Cozinha de aposento
- Cozinha de pessoal afeto ao paço

Espaços de apoio

- Ucharia
- Mantearia
- Arrecadação (afeta à refeição)
- Terraço / Pátio (afeto à refeição)

Espaços de consumo

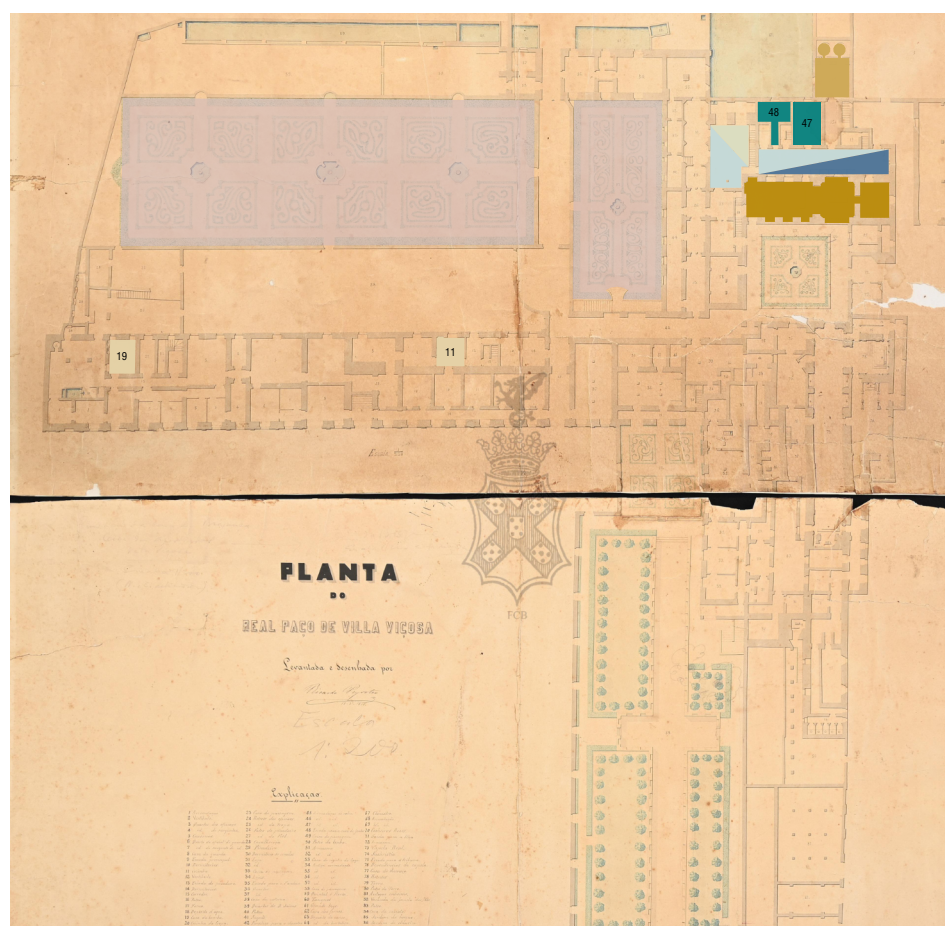
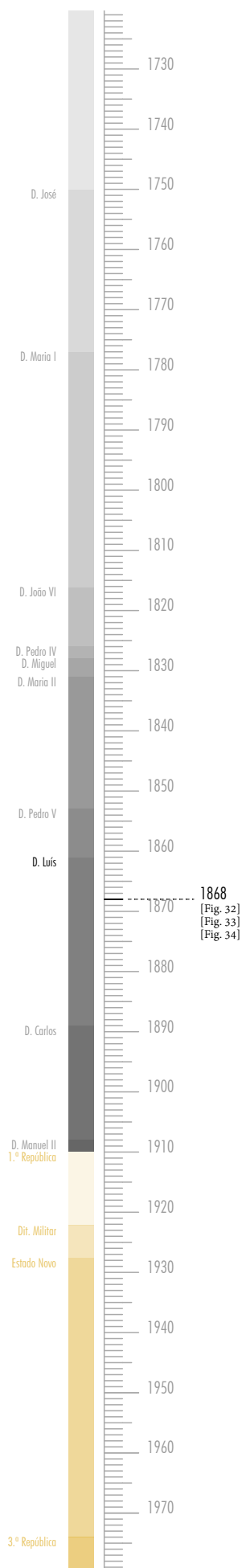
- Sala de refeições principal
- Sala de refeições secundária
- Sala de banquetes
- Sala / área utilizada para refeições
- Sala de refeições de pessoal afeto ao paço

Espaços de serviço

- Copa ou sala equiparada
- Casa de lavagem
- Sala de música

Espaços de digestão

- Sala de bilhar
- Sala de café
- Sala / área utilizada para concertos
- Sala / área utilizada para bailes
- Terraço / Pátio
- Jardim



[Fig. 32] Anotações esquemáticas sobre planta do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa, Ricardo Peyroteu (-), 1868. © AHFCB.

Avançando cronologicamente, existem três desenhos datados de 1868, da autoria de Ricardo Peyroteu [Fig. 32, Fig. 33 e Fig. 34]. Estes, que constituem uma representação de cada um dos pisos do Palácio Real de Vila Viçosa, materializam um rigor e detalhe únicos informando, para além do edificado, sobre a envolvente paisagística dos jardins (à semelhança de Nicolau Pires, ainda que este não o faça com o mesmo realismo).

Neste piso térreo do conjunto é possível situar não somente as *Cozinhas Reaes*, constante inequívoca, mas também outros dois espaços com vocação para a cocção alimentar: um deles especificamente denominado por *Cozinha da tropa* (19) – contigüente à qual existe um pátio com um pequeno forno –, e outro com aparência de *Cozinha* (11) para os serviços do paço, dada a sua proximidade imediata aos dormitórios e outras demais áreas de serviço.

Relativamente à cozinha principal e às suas imediações, e contrariamente ao disposto nos levantamentos anteriores, surge já nomeado o *Pateo da lenha*, assim como no seu seguimento, o *Pateo das cozinhas*. A denominação dos espaços de arrumação que desaguam neste último pátio demonstra precisão de informação, sendo dada nota – em alguns casos – da sua especificidade: *Deposito da carne* (47) e *Deposito da hortaliça* (48). A *Casa dos fornos* vê-se uma vez mais mencionada, destacando-se o detalhe com o qual estes se encontram representados, à semelhança do que acontece com outros elementos de reduzida dimensão: as pias de mármore existentes no pátio da cozinha ou até mesmo as aberturas nos dois fogões simétricos presentes na 2.ª câmara da cozinha principal. Esta minúcia no levantamento (ainda que com distorções geométricas), replicada ao longo de todo o desenho, em associação com o rigor de legendagem, torna este um levantamento de qualidade ímpar, incomparável aos demais analisados.

Legenda dos espaços da rede alimentar

Espaços de abastecimento

- Horta
- Jardim
- Tapada
- Curral / Galinheiro

Espaços de confeção

- Cozinha principal
- Cozinha secundária
- Cozinha de aposento
- Cozinha de pessoal afeto ao paço

Espaços de apoio

- Ucharia
- Mantearia
- Arrecadação (afeto à refeição)
- Terraço / Pátio (afeto à refeição)

Espaços de consumo

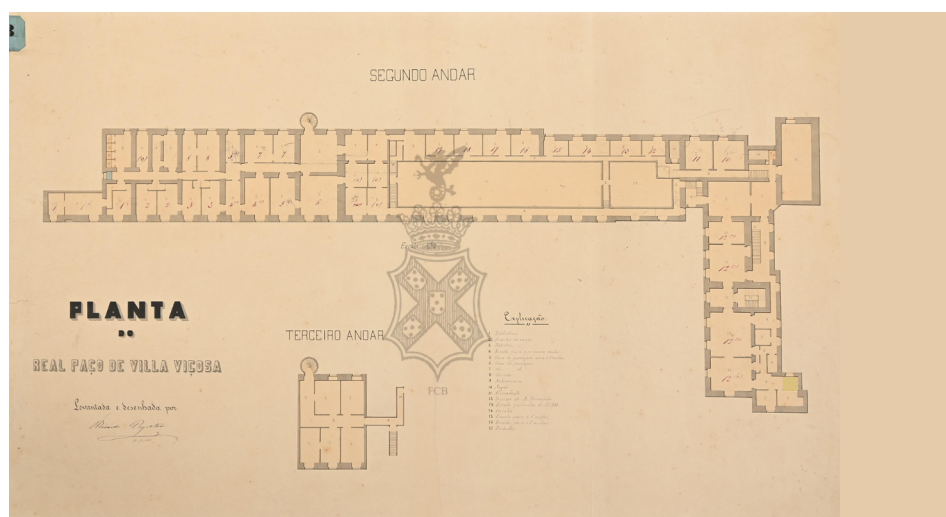
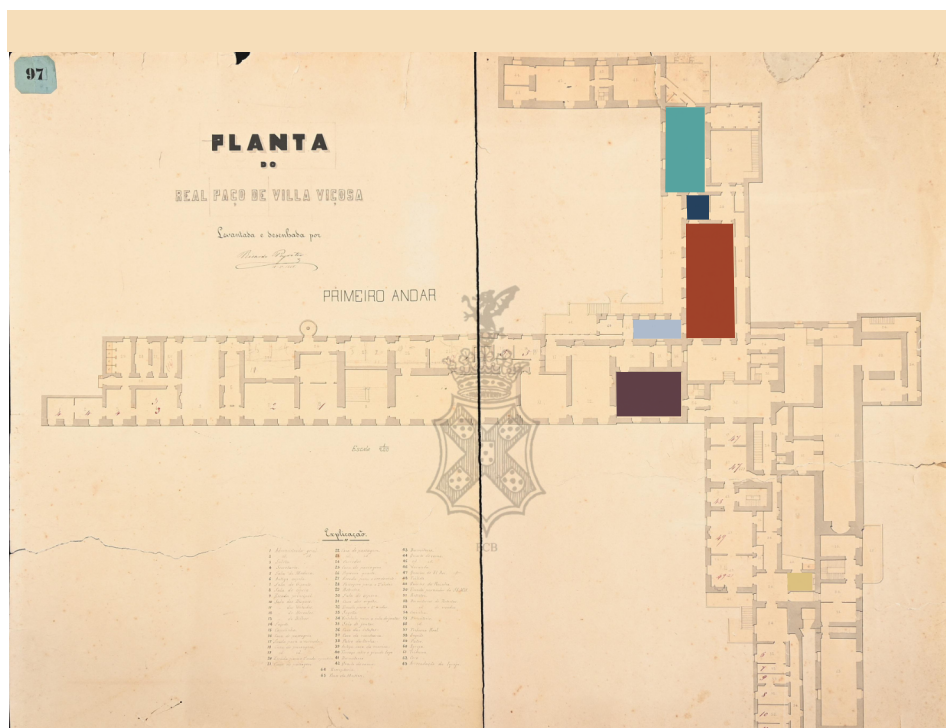
- Sala de refeições principal
- Sala de refeições secundária
- Sala de banquetes
- Sala / área utilizada para refeições
- Sala de refeições de pessoal afeto ao paço

Espaços de serviço

- Copa ou sala equiparada
- Casa de lavagem
- Sala de música

Espaços de digestão

- Sala de bilhar
- Sala de café
- Sala / área utilizada para concertos
- Sala / área utilizada para bailes
- Terraço / Pátio
- Jardim



[Fig. 33] Anotações esquemáticas sobre *planta do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa*, Ricardo Peyroteu (-), 1868. © AHFCB

No que concerne o piso nobre, e após a subida das escadas provenientes da cozinha, constata-se a existência (à semelhança do levantamento de Nicolau Pires) de um vão que permite o acesso direto à pequena divisão contígua ao espaço de consumo principal, divisão essa uma vez mais bipartida, e que permitiria aceder ao corredor de serviço da *Sala de jantar*. Na direção da passagem entre esta e aquela que é agora denominada *Casa da mantearia* (e que Nicolau Pires definiu como *Sala de Música*) surge a *Casa das estufas* – referência inédita –, que permite deduzir que este espaço intersticial funcionasse como uma espécie de copa e que possuísse, à época, os dispositivos necessários à manutenção da temperatura dos alimentos durante o serviço da refeição.

A *Casa da musica*, que ocupa agora a divisão imediatamente à esquerda da sala de jantar, ter-se-ia situado na contiguidade da *Casa da mantearia* (que outrora teria sido, ela mesma, *Sala de Música* também), constituindo-se uma das vocações espaciais mais flutuantes no Palácio Real de Vila Viçosa. Não muito longe da *Sala de jantar* identifica-se, por sua vez, uma divisão utilizada como espaço de digestão – *Sala de bilhar*.

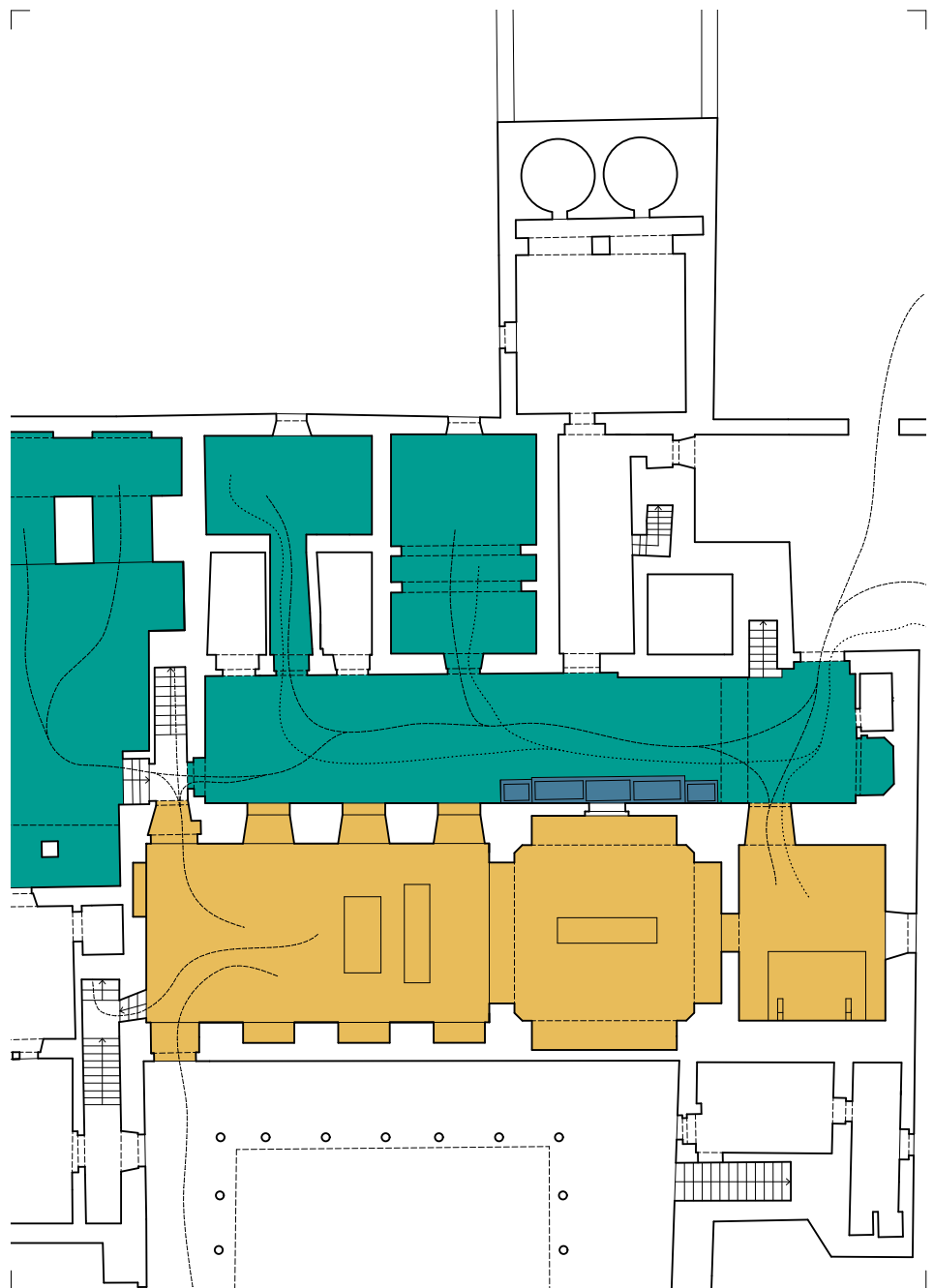
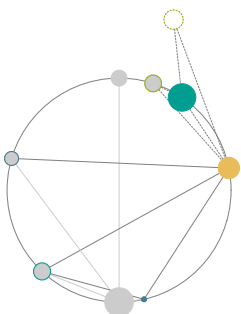
Sem alterações, os aposentos dos serviçais mantêm a sua posição no extremo poente do edifício. Ainda neste primeiro piso deverá fazer-se referência àquela que seria uma pequena *Cozinha* de aposento, junto dos quartos do rei e da rainha, servida por um pequeno saguão.

[Fig. 34] Anotações esquemáticas sobre *planta do terceiro piso do Palácio Real de Vila Viçosa*, Ricardo Peyroteu (-), 1868. © AHFCB.

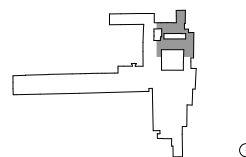
No término deste levantamento, e já no segundo andar do paço, deverá referir-se aquela que será uma segunda *Cozinha* de aposento, porventura de D. Fernando II, dada a proximidade aos seus quartos.

Nota de leitura: para facilitar a sua leitura em coordenação com a sequência de legendas, apresentam-se os desenhos das [Fig. 32, Fig. 33 e Fig. 34] segundo uma ordem iniciada no piso térreo.

..... Percurso dos fornecedores
 ----- Percurso dos funcionários
 ----- Percurso dos comensais



[Fig. 35] Planta parcial do piso térreo do Palácio Real de Vila Viçosa (c. 1900), desenho da autora, 2021. Escala 1/250.



2.4 JANTAR NO ALENTEJO

2.4.3 Uma cozinha, três momentos



[15 de dezembro de 1903, pelas 16h00: na cozinha, espalhados pelas três câmaras, pouco menos de vinte pessoas encarregam-se da confeção do jantar.²⁹ Qual bailado bem ensaiado, movimentam-se habilmente numa azáfama quente e bem estruturada, cabendo a cada um um conjunto de tarefas pré-definidas a serem executadas em momentos espaciais próprios.]

Construído durante o ducado de D. Jaime I (1478-1532), 4.º Duque de Bragança, o núcleo original daquele que viria a ser o atual palácio de Vila Viçosa formulava-se em torno do pátio norte – um claustro à volta do qual se organizam diversos espaços como a capela, a cozinha e outras divisões. Este paço primitivo, que a historiografia aponta ter como momento génese da construção o ano de 1501, vê-se representado de forma aproximada no desenho divulgado por José de Monterroso Teixeira (-) na sua monografia *O Paço Ducal de Vila Viçosa, sua Arquitectura e suas Coleções*. Durante o ducado do sucessor de D. Jaime I, D. Teodósio I (1505-1563), ter-se-ão levado a cabo três sequentes campanhas de ampliação³⁰ deste paço que originaram, entre outras alterações, mudanças no espaço da cozinha principal. Sobre esta, e segundo Joana Bento Torres (-) e André Teixeira (-) em *Com o Lume Aceso: as cozinhas do Paço Ducal no século XVI*:

“A estrutura localiza-se no núcleo primitivo do complexo, iniciado pelo Duque D. Jaime em 1501. A zona mais antiga seria o conjunto dos compartimentos que designámos A e B, pois enquadra-se diretamente no Pátio do Paço. A esta teria sido depois acrescentado o compartimento C (...), possivelmente nas obras de renovação de D. Teodósio de 1540-1559.”³¹

Partindo do exposto é possível identificar duas possibilidades para a formulação espacial da cozinha do paço de D. Jaime I: uma primeira, sugerida por Joana Bento Torres e André Teixeira, composta por duas câmaras, e uma outra, aquela sugerida por José de Monterroso Teixeira, com uma estrutura interna tripartida.

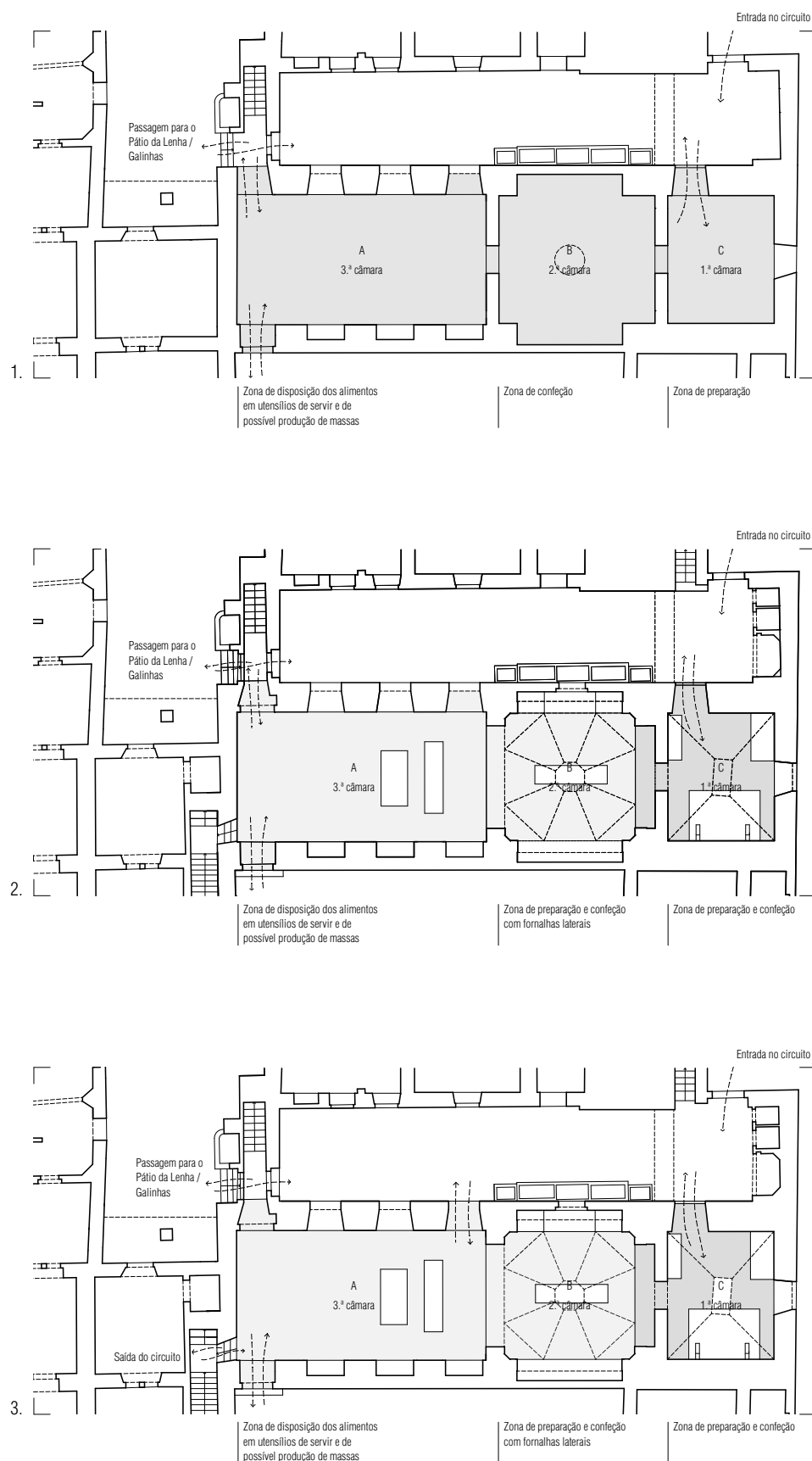
A cozinha de D. Teodósio I diferenciava-se da do seu antecessor (em essência, e seguindo a possibilidade apresentada por Joana Bento Torres e André Teixeira) através do acrescento do compartimento C [Fig. 36]. Esta denominação poderá indiciar que este é o último

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

²⁹ De acordo com a *relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes ao Palácio Real das Necessidades*, trabalhavam na cozinha deste, em dezembro de 1903, vinte pessoas. Servindo o Palácio Real de Vila Viçosa de habitação sazonal da Família Real portuguesa, compreendia-se a não permanência em Vila Viçosa de todos os trabalhadores. Assim, aquando destas relocações alentejanas, os monarcas seriam acompanhados de funcionários do Almoxarifado do Paço das Necessidades, residência principal de D. Carlos e de D. Amélia. A documentação encontrada aponta para que trabalhassem na cozinha do Palácio Real das Necessidades, em dezembro de 1903, vinte funcionários. Contudo, a informação recolhida não permite aferir se todos trabalhavam em simultâneo no espaço da cozinha e destes, quantos e quais seguiram para Vila Viçosa em dezembro de 1903. *Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes ao Palácio Real das Necessidades*, Joaquim Jacintho Ramos, dezembro de 1903. ANTT, PT/TT/CR/cx6076, Fundo da Casa Real, caixa 6076.

³⁰ Primeira campanha de 1532-1537, segunda campanha de 1537-1559 e terceira campanha de 1559-1563.

³¹ Torres, J. B. e Teixeira, A. (2018). *Com o Lume Aceso: as cozinhas do Paço Ducal no século XVI*. In J. Hallet e N. Senos (Coord.). *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Tinta-da-China, p. 318.



[Fig. 35] Evolução do espaço da cozinha principal do Palácio Real de Vila Viçosa: 1. Planta anotada de uma possível disposição da cozinha do paço de D. Teodósio I no século XVI, com sugestão de continuidade no pavimento. Indica-se a designação A, B e C de acordo com o texto mencionado de Joana Bento Torres e André Teixeira, à qual é sobreposta uma nova denominação que corresponde ao sentido de uso do espaço; 2. Planta anotada de uma possível disposição da cozinha do palácio de Vila Viçosa nos séculos XVII/XVIII, com diferenciação de pavimento e 3. Planta anotada de uma possível disposição da cozinha do palácio de Vila Viçosa nos séculos XIX/XX, com diferenciação de pavimento, desenho da autora, 2021. Escala 1/250.

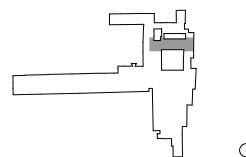
compartimento da cozinha em termos do encadeamento funcional dos seus espaços. Contudo, partindo das funções atribuídas a cada uma das três câmaras da cozinha, conclui-se que o circuito dos alimentos tem, na verdade, início no compartimento C – que, para além de possuir uma ligação ao pátio da cozinha por onde dariam entrada alguns bens alimentares, seria o espaço onde se dariam os mais volumosos e morosos assados. Este espaço deverá, assim, ser lido como a 1.ª câmara da cozinha, onde é iniciado o circuito de preparação da refeição. É sabido, de igual modo, que os costumes e necessidades palacianas da época levavam a que não fosse construída somente uma cozinha, mas porventura um conjunto de várias, sendo na principal e maior confeccionada a refeição do monarca – no presente caso, do Duque – e demais habitantes no palácio. As restantes cozinhas, secundárias, funcionariam de forma independente, distribuídas pelo edifício, as quais se abordarão adiante.³²

No palácio de Vila Viçosa terão existido, segundo aponta o estudo do Inventário de D. Teodósio I, três cozinhas no piso térreo, a principal e duas secundárias, estando estas possivelmente ligadas às boticas e a outras divisões de serviço das duquesas. Ainda que, no presente, não seja “possível fazer uma análise espacial das duas cozinhas mais pequenas, pela dificuldade em localizá-las (...) na estrutura arquitetónica do paço”³³, sugere-se a análise de um documento descritivo das divisões do palácio de Vila Viçosa, possivelmente datado de c. 1853 e guardado no AHFCB [Fig. 8, Fig. 9 e Fig. 16].³⁴ De acordo com esta descrição sequenciada e numerada, que infelizmente carece do levantamento desenhado que à época a acompanharia e permitiria situar com exatidão as divisões anotadas, constata-se existirem no “pavimento térreo, vindo do lado das Chagas”³⁵ [Fig. 16] três cozinhas, assim como uma outra, nas imediações da cozinha principal. Poderá esta última corresponder de algum modo a uma das cozinhas secundárias do primitivo paço levando em consideração que a instalação de espaços dedicados à cocção implica infraestruturas próprias, de difícil alteração? Porventura a análise de registos gráficos mais tardios permita aferir novas conclusões.

As opiniões convergem no entendimento de que esta cozinha palaciana do século XVI deveria assumir, preferencialmente, uma disposição compartimentada – ainda que não necessariamente tripartida. Esta ideia de compartimentação associa-se a obras escritas com divulgação europeia como *Le Premier Tome de l'Architecture*³⁶, do arquiteto francês Philibert de L'Orme, publicada em 1567. Nesta obra de arquitetura, profusamente ilustrada, é proposto um modelo para a organização do espaço da cozinha que estabelece com clareza uma diferenciação entre compartimentos destinados à preparação e outros à cocção dos alimentos, visando a otimização do espaço disponível, agilizando os percursos dos alimentos e dos diversos intervenientes, e procurando uma separação entre as zonas de calor e de frio.

Também Bartolomeo Scappi, cozinheiro secreto do Papa Pio V (1504-1572), na sua obra de culinária quinhentista *Opera di M. Bartolomeo Scappi*³⁷, dispõe algumas noções sobre aquela que deverá ser entendida como uma cozinha ideal: arejada, em terreno plano, bem proporcionada, apetrechada de mesas de trabalho e com as suas funções distribuídas por várias câmaras. Miguel Espinet (1948-), sobre esta, explica:

“Nela estão expressas todas as sugestões e necessidades da cozinha da época. A sala de tamanho médio (...) tem a nova particularidade de estar abarrotada de utensílios, aparatos, mesas de trabalho e fogos de todos os tipos. Não deixa de ser uma certa utopia em matéria de desenho. Porém é interessante destacar três coisas: primeiro, a altura do púcaro em cima do fogo da chaminé; segundo, o aparecimento dos ‘potagiers’, ou fogões anexados a uma parede; e terceiro, o abastecimento de água ao alcance da mão através de um grande reservatório dentro da cozinha.”³⁸



³² Torres, J. B. e Teixeira, A. (2018). *Com o Lume Aceso: as cozinhas do Paço Ducal no século XVI*. In J. Hallet e N. Senos (Coord.). *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Tinta-da-China, p. 318.

³³ *Idem, Ibidem*.

³⁴ *Descrição das diversas casas, salas, serventias, oficinas e outras acomodações do Palácio Real de Vila Viçosa*, autor desconhecido, c. 1853. AHFCB, NNG 2610.

³⁵ Convento das Chagas de Cristo, localizado a sul do Palácio Real de Vila Viçosa.

³⁶ De L'Orme, P. (1567). *Le Premier tome de l'architecture de Philibert de L'Orme conseiller et aumosnier ordinaire du Roy, & abbé de S. Serge lez Angiers*. Frederic Morel.

³⁷ Scappi, B. (1570). *Opera di M. Bartolomeo Scappi, cuoco di secreto di Papa Pio V. Divisa in Sei Libri*. Michele Tramezzino.

³⁸ Espinet, M. (1984). *El Espacio Culinario. De la taberna romana a la cocina profesional y domestica del siglo XX*. Tusquets Editores, p. 63. Tradução da autora.

O termo utopia é aplicado por Miguel Espinet em referência a esta cozinha ideal teórica, de uma forma que leva a indagar sobre a real motivação por trás da evolução dos espaços de confeção. Os avanços nos costumes culinários, a par com as modificações tecnológicas da época exigiam ao espaço arquitetónico uma constante atualização. Assim, poderá ser-se levado a questionar se a disposição compartimentada da cozinha de Vila Viçosa no século XVI, à qual sabiamente se atribuem funções específicas a cada um dos seus momentos espaciais, resulta de um planeamento criterioso em função dos modelos em voga à época, ou se se regeu antes por “uma ocupação necessária, e (...) indiscriminada, de uma sala atrás da outra”³⁹, aliando o bom senso e a imprescindível atualização das tecnologias de cocção às condicionantes espaciais.

Se aos diferentes espaços da cozinha correspondem atividades distintas – segmentação espacial –, à realização destas estarão igualmente associados trabalhadores diferentes, alocados de acordo com a sua posição hierárquica no seio da estrutura laboral do paço. Esta hierarquização, que se haveria de prolongar até aos últimos anos da monarquia, era já deveras notória aquando da preparação das refeições dos duques, como se constata no relato de António de Oliveira Cadornega (1623-1690):

“(…) o que nesta singular Cozinha se forjava era tudo ao natural e verdadeiro. Nela, havia Cozinheiro-mor com muitos súditos pera aquele mister (...). Este supertendente despendia a ocupação que haviam ter e no que se haviam de ocupar: uns, com os assados; outros com as olhas, ensopados, almôndegas, picados, coelhos (...). Tigelas de manjar branco, de manjar real, de ovos moles (...). Que pera vinte e quatro iguarias, que era o comer ordinário de cada dia, e a ceia doze, todas estas diversidades de cousas havia mister.”⁴⁰

Na viragem do século XIX para o século XX, e dada a permanência apenas sazonal da Família Real no Palácio Real de Vila Viçosa, deduz-se que alguns dos funcionários que aqui exerciam funções aquando destas visitas viriam de Lisboa. Aqueles que laboravam na cozinha dividiam-se pelas três câmaras e, através de uma sequência de ações no espaço cuja leitura se fará da 1.ª para a 3.ª câmara, confeccionavam os diversos pratos da refeição.



[Na 1.ª câmara da cozinha continua a preparar-se o fogo para, nos espetos, se assarem as galinholas⁴¹. Entretanto, e fazendo uso das fornalhas na bancada ali perto, um moço da cozinha passa pelas chamas as aves, uma por uma, que entretanto ali se amontoam já depenadas e esquartejadas, vindas do pátio. Num alguidar de cobre, ali perto, um líquido espesso e grudento repousa, pronto para lhes ser untado.]

Sobre a 1.ª câmara, Gustavo Matos Sequeira (1880-1962) faz a seguinte descrição:

“(…) a primeira, com uma porta para o pátio de serviço e uma janela gradeada para o Norte, cobre-se de um tecto cupulado aberto a meio por uma fenda retangular que dava saída ao fumo e que, exteriormente, semelha um miniaturol espigueiro minhoto. É aí que uma grande “árvore de ferro” dá suporte aos respeitáveis espetos de assar, um dos quais sobrevivente de mais fartos tempos, mede 3m,80 de comprimento, e onde duas mesas de pedra se defrontam sob a formatura parietal das grelhas, tenazes, varas e espevitadeiras de ferro.”⁴²

Possuidora de uma pavimentação diferente das restantes, com lajes negras de xisto que contrapõem os blocos de mármore rosado utilizados na 2.ª e 3.ª câmaras, esta 1.ª câmara apresenta-se mais rudimentar e tosca mas, ainda assim, não menos significativa. A diferenciação

³⁹ Espinet, M. (1984). *El Espacio Culinario. De la taberna romana a la cocina profesional y domestica del siglo XX*. Tusquets Editores, p. 63.

⁴⁰ Cadornega, A. O. e Teixeira, H. G. (Pref.). (1982). *Descrição de Vila Viçosa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 90

⁴¹ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foram servidos ‘Bécasses rôties aux croûtons’.

⁴² Sequeira, G. M. (1952). *A Cozinha dos Paços de Vila Viçosa*. Fundação da Casa de Bragança, 1952, p. 16.

⁴³ (página 28) Estas obras de melhoramento, possivelmente iniciadas em 1728, terão sido efetuadas de forma a dotar o palácio de condições para a estadia do rei e da corte aquando da Cerimónia da Troca das Princesas que tomou lugar em janeiro de 1729 no Rio Caia. Nas obras terão participado os mestres de pedraria António Gonçalves, Manuel de Sousa e António da Rocha. Espanca, T. (1978). *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona sul)*, 1.º volume. Academia Nacional de Belas-Artes, p. 629.

⁴⁴ (página 28) Torres, J. B. e Teixeira, A. (2018). *Com o Lume Aceso: as cozinhas do Paço Ducal no século XVI*. In In J. Hallet e N. Senos (Coord.). *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Tinta-da-China, p. 318.

⁴⁵ (página 28) De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foi servido ‘Consommé aux trois filets’. A partir do pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903 não é possível decifrar, todavia, quais terão sido os peixes utilizados, visto apenas ter sido solicitado bacalhau. *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917.



[Fig. 37] A cozinha do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, c. 1940. © CPF, Depósito Frio, Estante 02, Prateleira 29, PT/CPF/ALV/010674.

[Fig. 38] *Cocina Poblana*, Édouard Pingret (1788-1875), séc. XIX. Óleo sobre tela (625 x 510 mm). © Museo Nacional de Historia, Castillo de Chapultepec, Cidade do México.

de pavimentos existente poderá corroborar a ideia de que D. João V (1689-1750), aquando da campanha de obras por si mandadas realizar no paço⁴³, terá concretizado uma repavimentação parcial da cozinha, que não teria contemplado a 1.ª câmara [Fig. 35], tendo as lajes de xisto origem nas anteriores obras de D. Teodósio I.⁴⁴ Esta opção joanina poderá sugerir que esta 1.ª câmara estaria destinada a tarefas mais propensas à criação de detritos e sujidade, como a realização dos (grandes) assados e a sua preparação. Coloca-se, ainda, a possibilidade da chaminé em forma de pirâmide quadrangular atualmente existente neste compartimento ter sido igualmente mandada erigir pelo monarca, transformando aquele que até então seria um espaço de preparação num outro multifacetado.



[Simultaneamente ao que acontece na 1.ª câmara da cozinha, sobre a bancada de mármore da câmara central repousam, numa travessa de louça de tamanho expressivo, porções de diversos peixes⁴⁵ acabados de amanhar e cortar. Na outra ponta, a uma distância quer higiénica, quer prática, dois ajudantes de cozinha debruçavam-se sobre a carne: um abrindo peitos de frango⁴⁶ a golpe de faca, outro esquartejando o que parecem ser pedaços de carne de porco ricos em cartilagem⁴⁷. Ali perto, generosos quilos de fumeiro⁴⁸ aguardam a sua vez de ser despedaçados também, tendo por companhia dois alguidares de hortícolas de onde sobressaem invejáveis cabeças de bróculos⁴⁹. Ao lume cozem numa panela, devidamente parcelados, os três bacalhaus⁵⁰, libertando-se pela cozinha um forte aroma a pescado.]

A reforma joanina dos espaços de cocção, contudo, alcançou a sua derradeira amplitude na 2.ª câmara da cozinha, onde a composição barroca que a delimita constituída por “*quatro grandes arcos abatidos polilobados assentes em grandes colunas quadrangulares*”⁵¹ confere uma dimensão estética que se prolonga à passagem para a 3.ª câmara, enfatizando a diferenciação destas duas em relação à 1.ª câmara, não ornamentada. Este enriquecimento do espaço com elementos decorativos [Fig. 37 e Fig. 38] sugere uma vontade de qualificar o local de trabalho daqueles que operavam na cozinha, elevando-o, porventura também enquanto reflexo de uma renovada atitude de reconhecimento face à profissão de cozinheiro.⁵²

Sobre a chaminé existente no compartimento central da cozinha, uma pirâmide octogonal cuja geometria é reconhecível tanto pelo interior como pelo exterior, existe a possibilidade de esta ser o resultado da modificação de uma outra chaminé ali existente, do século XVI, com forma cónica. Uma das justificações para tal proposta de uma chaminé cónica aparenta ser baseada na gravura editada pelo periódico *O Panorama* em 1852. Esta gravura, contudo, apresenta uma grande falta de acuidade perspética, levantando dúvidas sobre o rigor da representação da chaminé e das suas características “cónicas”. Paralelamente, Joana Bento Torres e André Teixeira apontam as chaminés do Palácio Real da Vila de Sintra (à semelhança de José de Monterroso Teixeira) e do palácio dos Condes de Almada como potenciais semelhantes desta primitiva chaminé cónica do palácio de Vila Viçosa, fazendo notar que:

“De facto, podemos vislumbrar na estrutura interna da actual chaminé do compartimento B uma moldura octogonal tal, como a do primeiro palácio [Sintra], e uma outra facetada octogonalmente, como no segundo [Condes de Almada].”⁵³

Esta comparação com as chaminés cónicas do palácio de Sintra aparenta-se verosímil já que, efetivamente, ainda que de forma cónica exterior e interiormente, estas possuem um

⁴⁶ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foi servido ‘Blanc de volaille’.

⁴⁷ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foi servido ‘Fromage de cochon à la gelée’.

⁴⁸ De acordo com o *pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903* sabe-se terem sido solicitados seis quilos de cheouriço de carne e quinze quilos de chouriço de sangue. *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917.

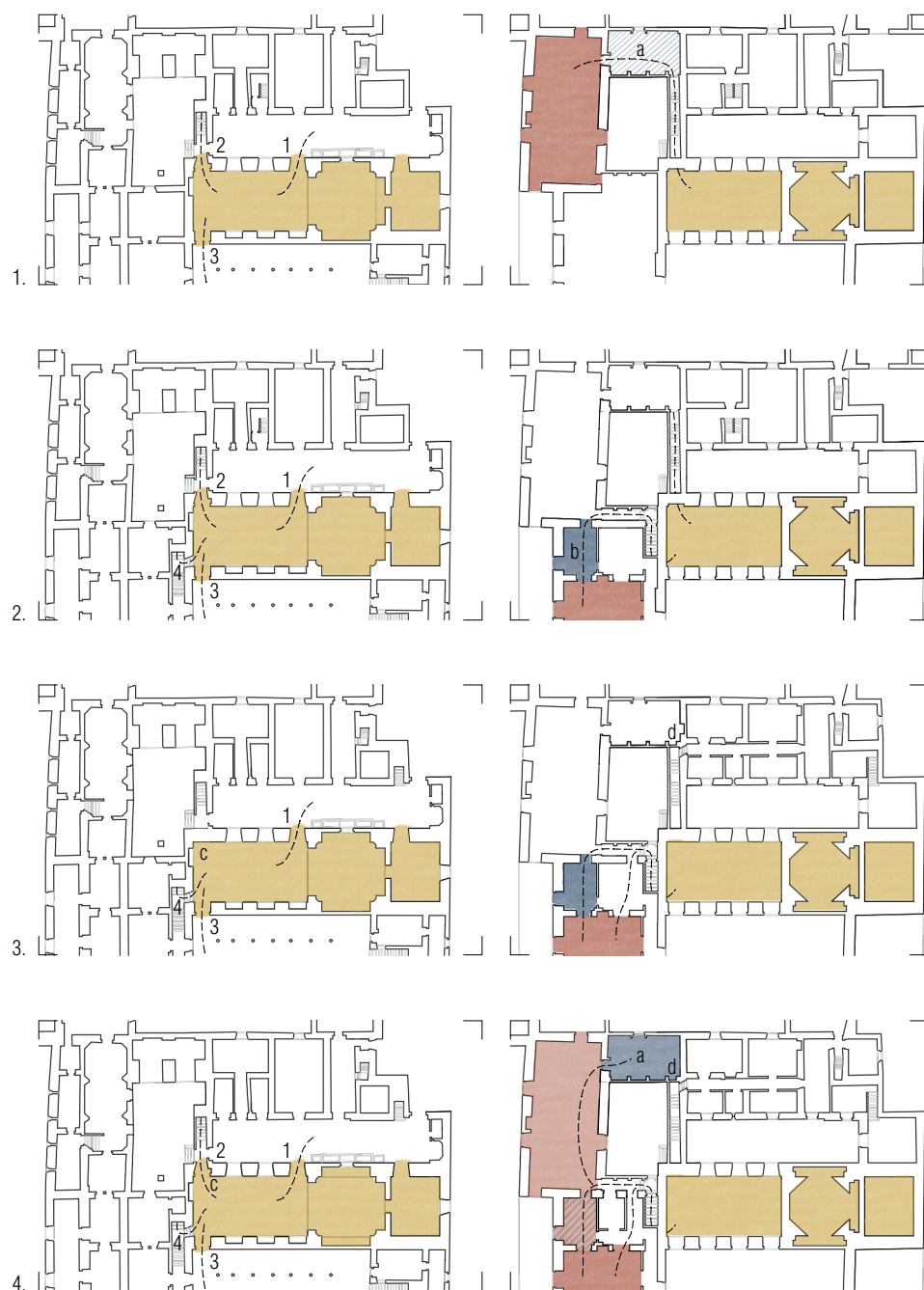
⁴⁹ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foram servidos ‘Brocolis boillis, sauce beurre’.

⁵⁰ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foi servido ‘Poisson à l’Amiral’. O *pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903* atesta a requisição de três quilos de bacalhau, deduzindo-se que o mesmo se tenha destinado a este prato. *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917.

⁵¹ Teixeira, J. M. (1983). *O Paço Ducal de Vila Viçosa: sua arquitetura e suas coleções*. Fundação da Casa de Bragança, p. 96.

⁵² No final do século XVII e início do século XVIII as dinâmicas alimentares da aristocracia eram vastas e minuciosas, procurando-se a perfeição e o requinte à mesa, o que levou ao surgimento dos primeiros grandes chefes da história, como François-Pierre la Varenne (1618-1678), ou François Vatel (1631-1671), seu seguidor.

⁵³ Torres, J. B. e Teixeira, A. (2018). *Com o Lume Aceso: as cozinhas do Paço Ducal no século XVI*. In J. Hallet e N. Senos (Coord.). *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Tinta-da-China, p. 320.



[Fig. 39] Sugestão para a evolução das possíveis ligações entre a cozinha principal do Palácio Real de Vila Viçosa e alguns dos espaço de serviço e consumo da sua rede alimentar em quatro momentos distintos: 1. antes de 1777-1785; 2. entre 1777-1785 e 1868; 3. entre 1868 e c. 1900 e 4. após c. 1900, desenho da autora, 2024. Escala 1/1000.

1. Na [Fig. 30] é feita menção a uma *Caza de Jantar Antiga*, porventura em referência à divisão utilizada como espaço de consumo antes da construção da sala de jantar do paço entre 1777 e 1785. Sugere-se, assim, que antes da existência desta sala de jantar, o circuito de comunicação entre a cozinha e a *Caza de Jantar Antiga* fosse o número 2: este desembocaria no piso nobre, naquele que poderia ser um espaço de apoio contíguo (a).

2. A construção daquela que é entendida como a sala de jantar oficial do paço terá implicado a estruturação de um novo percurso entre a cozinha e o espaço de consumo (4). Esta ligação, que implicou a abertura de um vão na parede sul da 3.ª câmara da cozinha, levou ainda à construção de uma escadaria. De acordo com a [Fig. 30] o acesso à sala de jantar através do percurso 4 seria mediado por um espaço de serviço acessível somente através de um vão (b).

3. Em 1868, e de acordo com a [Fig. 32], já não existiam os vãos c e d, sugerindo que as alterações no primeiro andar do volume das ucharias representadas na [Fig. 36] possam ter acontecido aquando do seu encerramento. A escadaria que partia do vão c terá sido redirecionada, passando a dar acesso ao novo corredor sobre as ucharias. Ainda em 1868, e de acordo com a [Fig. 33], o acesso à sala de jantar poderia efetuar-se de duas maneiras.

4. Por volta de 1900, e de acordo com a [Fig. 36], o espaço a funcionaria como copa, e a *Caza de Jantar Antiga* serviria como sala de jantar da 2.ª mesa. Ainda que se coloque a possibilidade do vão c ter sido reaberto – como é representado nos levantamentos da década de 1940 –, o percurso 2 continua sem efeito, visto o vão d continuar fechado. Assim, torna-se incompreensível a lógica de apropriação que aloca a copa ao espaço a.

arranque octogonal pelo interior. Ao ser rebaixada aquando das reformas joaninas, como apontado por Gustavo Matos Sequeira em *A Cozinha dos Paços de Vila Viçosa*⁵⁴, esta chaminé poderá ter tido a sua geometria cónica transformada numa outra de carácter piramidal octogonal, interna e externamente, essa sim comparável à de chaminés como as do Palácio dos Condes de Almada ou até, num tom de maior similitude, às do Casal de Pedro Teixeira, também em Lisboa.

Ainda sobre esta 2.^a câmara da cozinha do Palácio Real de Vila Viçosa, Ana Marques Pereira (-) sugere que a instalação de saídas de fumo atrás dos arcos laterais do compartimento, assim como daquele que estabelece passagem para a 1.^a câmara, poderia procurar solucionar uma possível exaustão deficitária resultante do rebaixamento da chaminé central, relacionando-se simultaneamente com a instalação de fornalhas nas laterais da cozinha [Fig. 35].⁵⁵

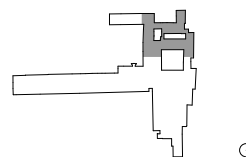
Do conjunto de reformulações joaninas acredita-se fazer também parte a demolição de uma parede separatória entre a 3.^a e a 2.^a câmaras⁵⁶ de cariz semelhante àquela ainda hoje existente entre a 2.^a e a 1.^a [Fig. 35]. A destruição de tal barreira visual e física enfatizou o cariz longitudinal do espaço, pressupondo-se igualmente que tenha facilitado a circulação de pessoas e alimentos, permitindo agora um mais ágil acesso à câmara central a partir do pátio da cozinha. A dinâmica de apropriação do espaço viu-se, portanto, grandemente alterada por tal atitude que, de igual modo, poderá ter causado alterações térmicas nos espaços da cozinha. Contudo, se se pensar que o grande fogo central foi substituído pela utilização das fornalhas laterais às quais se havia de juntar, mais tarde, um fogão de lenha em ferro fabricado na Serralharia Lisbonense⁵⁷, poderá deduzir-se que a destruição de tal parede e a sua substituição pelo vistoso arco joanino, não terá dado aso a problemas de temperatura.

A 3.^a e última câmara da cozinha [Fig. 37], coroada por uma abóboda de berço, encontra-se implantada a uma cota de pavimento inferior às restantes duas, sendo iluminada lateralmente por aberturas simétricas. A sua disposição, contígua à escadaria de acesso à copa e salas de refeição, no piso nobre, faz supor que neste espaço se dessem os empratamentos e se recebessem, vindas das mesas, as loiças e os demais utensílios após a utilização, de onde seriam encaminhados para a casa de lavagem exterior. É precisamente o carácter comunicante desta câmara o seu mais marcado traço de dinâmica espacial. Os desenhos de levantamento recolhidos e analisados permitiram construir aquela que se deduz ser uma possibilidade para a evolução das relações comunicantes entre esta 3.^a câmara e a copa/sala de jantar, expondo as múltiplas atitudes pendulares face aos diversos vãos que pontuam este percurso [Fig. 39].

Espacialmente, a cozinha que é visitável hoje em dia no Palácio Real de Vila Viçosa em pouco se distanciará daquela de D. João V. Apesar de se depreender que os seus espaços se viram estabilizados pelas reformas joaninas, os circuitos inerentes a estes – de pessoas, de alimentos e de objetos –, viram-se transformados muito devido ao fecho e abertura destes vãos. Assim, e ainda que espacialmente idêntica, deduz-se que a cozinha contemporânea ao reinado de D. Carlos seria apropriada segundo um circuito de percursos distinto daquele do passado.



[Na 3.^a câmara, sobre a bancada mais pequena, um moço de cozinha abre desenfreadamente latas de ananás⁵⁸. Alguns minutos mais tarde o mesmo jovem, de volta à 2.^a câmara, dedica-se agora a abrir as latas de ervilhas, de túberas e de cogumelos que ali o esperavam fazia tempo⁵⁹. Do gelo ainda não há sinal, pelo que a preparação do ‘glace’ terá de esperar um pouco mais⁶⁰.]



⁵⁴ Sequeira, G. M. (1952). *A Cozinha dos Paços de Vila Viçosa*. Fundação da Casa de Bragança, 1952, p. 16.

⁵⁵ Pereira, A. M. (2006). *Cozinhas. Espaço e Arquitectura*. Edições Inapa, p. 30.

⁵⁶ Este pano parietal, se existente aquando do tempo de D. Teodósio I, não se encontra representado no desenho em planta hipotético apresentado por José Monterroso Teixeira entretanto referido.

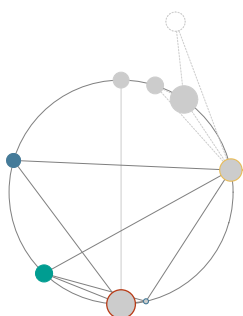
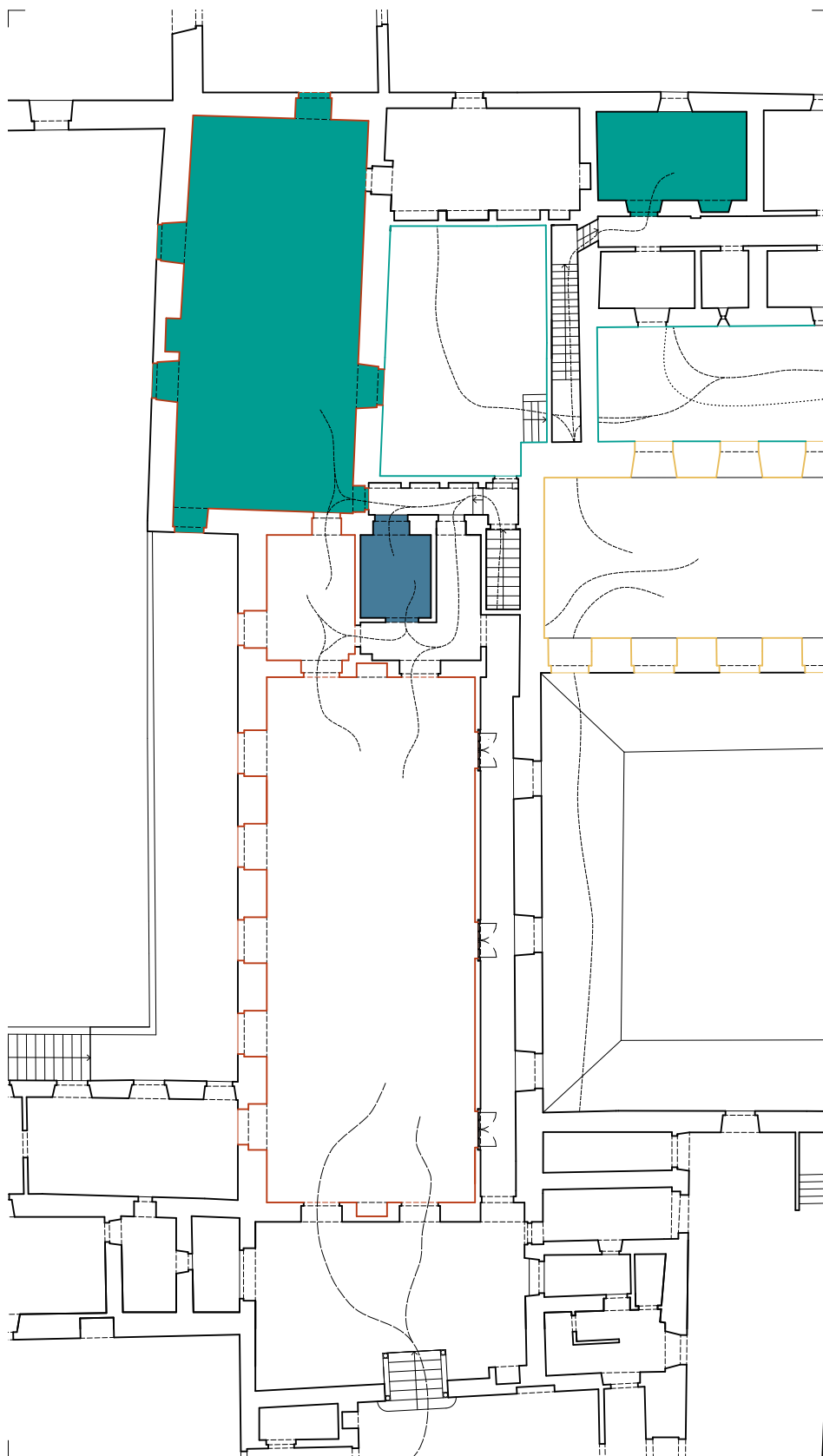
⁵⁷ Pereira, A. M. *Op. Cit.*, p. 30.

⁵⁸ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foi servido ‘Savarin à l’ananas’. Apesar de no pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903 não constar a requisição de latas de ananás, sabe-se no dia anterior terem sido solicitadas quatro. *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 14 de dezembro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917.

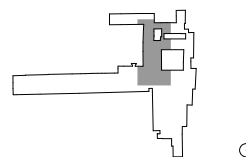
⁵⁹ De acordo com o *pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903* foram solicitadas seis latas de ervilhas, duas latas de túberas e uma lata de cogumelos. *Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa a 15 de dezembro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917.

⁶⁰ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foi servido ‘Glace’. Para a execução desta sobremesa gelada terá sido utilizado gelo fornecido pela Companhia Frigorífica Portuguesa. *Relação dos fornecedores da ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa aquando da visita do Rei Afonso XIII*, autor desconhecido, 1903. AHFCB, NNG 3922.

..... Percurso dos fornecedores
 Percurso dos funcionários
 Percurso dos comensais



[Fig. 40] Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa (c. 1900), desenho da autora, 2021. Escala 1/250.



2.4 JANTAR NO ALENTEJO

2.4.4 Escada acima



[15 de dezembro de 1903, pelas 18h00: na mantearia, um corruptio de moços do palácio entra e sai pela porta este na direção da sala de jantar, atravessando a pequena divisão contígua onde também serão servidas refeições e se encontra já posta uma mesa a todo o comprimento. Na copa, ao lado, outros dois moços do palácio terminam a limpeza da estufa e aprimoram a bancada do serviço. O moço da iluminação também não tem mãos a medir.]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

Subindo as escadas que partem da parede sul da 3.^a câmara da cozinha, e atravessando o vão que surge no seu enfiamento, chega-se a uma divisão de dimensões quase comparáveis àquelas da sala de jantar, a este [Fig. 40]. Tal compartimento terá, porventura, funcionado como sala de música (c. 1845) [Fig. 31] e como sala de jantar (anteriormente a 1845) concentrando, cerca de 1900 [Fig. 36], as funções de mantearia e de casa de jantar da 2.^a mesa [Fig. 43].

A utilização deste espaço como mantearia, isto é, como arrecadação dos itens que vão à mesa régia, não parece impedir a sua apropriação simultânea como casa de jantar, visto que possivelmente seriam utilizados aparadores paralelos às paredes onde seriam guardados os objetos. Contudo, a dimensão desta sala não aparenta adequar-se ao número de pessoas que aqui deveriam tomar as suas refeições. De acordo com os formulários dos pedidos para as mesas à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa, de entre os quais se analisa de forma mais detalhada aquele de 15 de dezembro de 1903, na 2.^a mesa consumiriam almoço e jantar, neste dia, duzentas e quarenta pessoas. As tentativas de simulação desenhada efetuadas apenas permitiram sentar, neste espaço nomeado por volta de 1900 como *Casa de mantieiria* e 2.^a *meza* [Fig. 36], cerca de quarenta pessoas, com um grau de conforto que, ainda assim, já se considera comprometido dada a exiguidade do espaço destinado a cada comensal.⁶¹ Por conseguinte, podem ser colocadas três possibilidades para a resolução deste conflito: 1. mobilização de outras salas do palácio onde seriam colocadas mesas adicionais não se tendo, contudo, contactado com qualquer registo que o indicie; 2. consumo da refeição de forma faseada, o que levaria a uma dinâmica dificultada de deslocamentos de e para a cozinha e 3. realização de uma refeição volante na qual os comensais, de pé, vão circulando pelo espaço ao mesmo tempo que consomem pratos de carácter mais leve e apropriado⁶², algo vulgar em refeições cujo número de pessoas ascende às centenas.

⁶¹ Mesmo em outras ocasiões do ano, como a 14 de janeiro de 1903 (*Pedido para a cozinha à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 14 de janeiro de 1903*, formulário preenchido por António Maria Corrêa, 1903. AHFCB, NNG 3917), em que nesta casa de jantar da 2.^a mesa terão consumido almoço e jantar apenas cento e trinta pessoas, se denota a mesma dificuldade em fazer sentar tal número de comensais.

⁶² Para além dos alimentos servidos, também os utensílios empregues no seu consumo deveriam ser apropriados, podendo utilizar-se baixelas que dispusessem, a tom de exemplo, de pratos com divisórias, como acontecia com o serviço Haviland Limoges *Florinhas* (disponível no Palácio Real da Vila de Sintra no início do século XX). Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. Ed.), A. N. Pereira (Dir. Ed.), et al, *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., pp. 66-67.



Fig. 312. — Étuve mobile de salle à manger (voy. p. 438).



[Fig. 41] Estufa móvel de sala de jantar, gravura da autoria de Urbain Dubois patente na obra Dubois, U. (1899). *Cuisine de Tous Les Pays*. Librairie E. Dentu, p. 443.

[Fig. 42] Reprodução de página da obra de culinária de 1570 da autoria de Bartolomeo Scappi. Scappi, B. (1570). *Opera di M. Bartolomeo Scappi, cuoco secreto di Papa Pio V. Divisa in Sei Libri*. Michele Tramezzino, S. I.

A problemática da relação entre a dimensão dos espaços de consumo e o número de comensais sente-se, de igual modo, na divisão contígua a esta casa de jantar da 2.ª mesa. Acessível a partir do vão aberto na parede sul desta, este outro espaço de consumo surge dedicado à 1.ª mesa [Fig. 43] (no presente contexto não sinónima de mesa de Estado) e aqui terão almoçado e jantado, no mesmo dia 15 de dezembro de 1903, trinta e duas, e vinte e duas pessoas respetivamente. Ao contrário do que acontece com a casa de jantar da 2.ª mesa, nesta casa de jantar da 1.ª mesa é possível, efetivamente, sentar à mesa trinta e duas pessoas. Porém, uma vez mais, as simulações desenhadas permitem perceber que tal é exequível apenas no limite extremo das capacidades deste espaço, retirando-se aos comensais todo o conforto e liberdade de movimentos durante a refeição. Sugere-se, assim, que doze comensais neste espaço será o máximo indicado.

Ao lado da casa de jantar da 1.ª mesa, e separada desta por paredes de tabique entretanto removidas, supõe-se ter existido uma copa [Fig. 40]. Ainda que no registo desenhado de c. 1900 [Fig. 36] este espaço não se encontre nomeado, e às funções de copa seja atribuída uma divisão deveras distante da sala de jantar sem acesso direto à cozinha, acredita-se ser este compartimento na contiguidade da casa de jantar da 1.ª mesa o mais adequado à função, não fosse o espaço da própria casa de jantar da 1.ª mesa ter funcionado como casa das estufas aquando do levantamento de 1868 [Fig. 33]. Na obra *Cuisine artistique. Étude de l'école moderne* e a propósito da copa ('avant-salle') e das estufas [Fig. 41], Urbain Dubois expõe:

*“Uma sala de jantar, disposta nas condições desejadas, deve ser precedida por uma pequena sala ('copa'), onde chega o serviço da cozinha e onde os pratos podem ser mantidos quentes, nas estufas fixas ou móveis. (...) não menos útil (...) é posicionar a sala de jantar em comunicação direta com a cozinha, através de condutas de som, ou melhor ainda, através de um telefone. (...)”*⁶³

A partir das noções apresentadas, compreende-se ser no espaço existente [Planta 2 35] entre a sala de jantar, a casa de jantar da 1.ª mesa e a escadaria de acesso à cozinha o local ideal à permanência da copa que, como defendido por Urbain Dubois, deveria estar munida de diversas estufas. Estas, que se de grandes dimensões deveriam ser fixas, poderiam funcionar a carvão, ou então com gelo, quando o fim pretendido era o da refrigeração. Consoante o tipo de prato confeccionado e a sua ordem de consumo, os alimentos seriam trazidos da cozinha já empratados individualmente ou em travessas, tabuleiros ou até caixas de transporte [Fig. 42], procedendo-se ao seu rearranjo na copa, e recorrendo-se às estufas existentes para a manutenção da temperatura desejada. No contexto espacial do Palácio Real de Vila Viçosa, a distância entre a cozinha e a copa é rapidamente transponível, sendo expectável que a comida chegasse a este espaço de serviço com uma temperatura idêntica àquela com que saíra da cozinha no minuto anterior. Assim, a existência de uma estufa na copa do palácio de Vila Viçosa justificar-se-ia mais pela necessidade de manter os alimentos quentes (ou frios) enquanto se aguardava pela sua vez de entrar na sala de jantar, do que propriamente de os reaquecer.

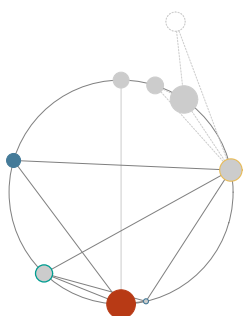
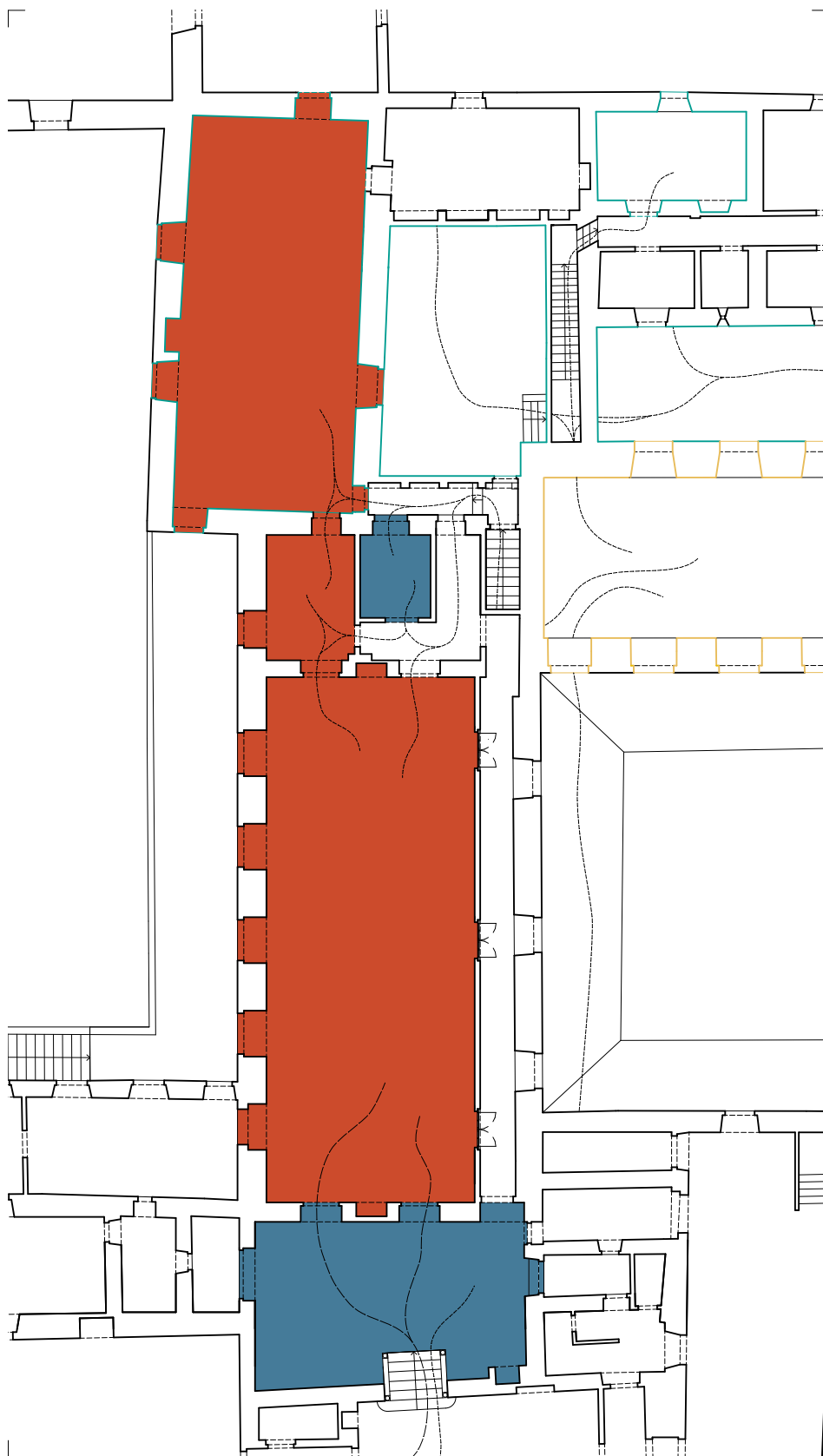


[Três moços do palácio trazem da mantearia dois biombos que posicionam na sala de jantar. Sobre a mesa de Estado foram já dispostos, pelos moços da prata, reluzentes centros de mesa que num ápice começam a ser preenchidos com frutos, enquanto louças, talheres e vidros continuam a ser dispostos à sua volta. A imensidão de garrafas de Bordeaux, Bucelas, Colares, Porto, Moscatel,⁶⁴ ... já se encontra devidamente organizada numa pequena mesa ali perto.]

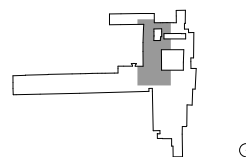
⁶³ Dubois informa ainda que o número de estufas da sala de jantar deverá relacionar-se com a dimensão e a importância do jantar: uma para os jantares de quarenta a sessenta cobertas (pessoas) e uma outra maior para os jantares de cento e cinquenta a duzentas cobertas. Dubois, U. (1872). *Cuisine Artistique. Études de l'École Moderne. Ouvrage en Deux Parties*. Librairie E. Dentu, p. 18.

⁶⁴ Pedido para as mesas à ucharia do Palácio Real de Vila Viçosa em 15 de dezembro de 1903, formulário preenchido por Vicente Fortunato, 1903. AHFCB, NNG 3917.

..... Percurso dos fornecedores
 Percurso dos funcionários
 Percurso dos comensais



[Fig. 43] Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa (c. 1900), desenho da autora, 2021. Escala 1/250.



2.4 JANTAR NO ALENTEJO

2.4.5 Em torno da mesa de Estado



[15 de dezembro de 1903, pelas 20h30: com um movimento sincopado, dez criados entram na sala de jantar pelas duas portas protegidas por biombos, quatro deles empurrando uma pequena mesa com rodas onde, devidamente acondicionado, repousa o ‘consommé’. Os homens dividem-se simetricamente por ambos os lados da mesa onde, já devidamente acomodados e com olhos postos nos pequenos menus [Fig. 44], aguardam os vinte e cinco comensais. Sobre a mesa, posta com toalha adamascada, uma enorme peça de prata decora o centro, rodeada de outras de menores dimensões e de variados pratinhos⁶⁵ onde azeitonas, manteiga fresca, muitas frutas e generosas porções de frutos secos aguardam ser consumidos. Na sala de música, além da parede do fundo, a banda de infantaria 2 começa a tocar. D. Carlos, ao centro, de frente para a rainha que tem a seu lado Afonso XIII, convidado de honra, parece satisfeito com o aparato.]

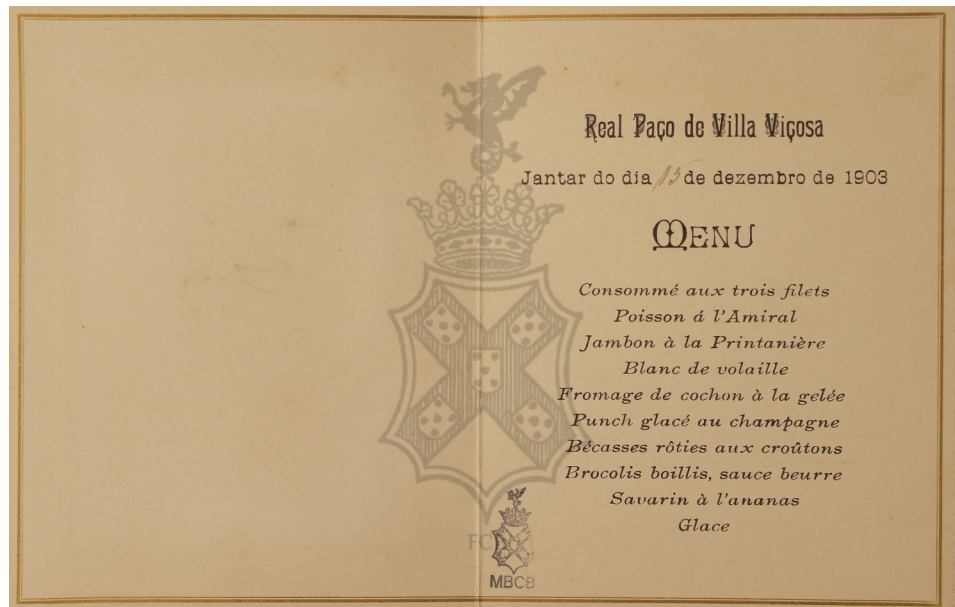
Porventura terá sido a necessidade por uma sala de jantar propriamente dita, isto é, um espaço unicamente dedicado ao ato de consumir a refeição, a razão para a apropriação de alguns espaços supostamente afetos ao Colégio de Música. O novo espaço de consumo do Palácio Real de Vila Viçosa, mandado construir com o patrocínio de D. Maria I (1734-1816) durante a campanha de reformas que decorreu entre 1777 e 1785⁶⁶ terá vindo substituir um outro, possivelmente de cariz mais precário, localizado no espaço onde em c. 1900 se fixou a mantearia/casa de jantar da 2.ª mesa [Fig. 36]. Esta oficialização do espaço de consumo principal do paço, isto é, da sua sala de jantar que funciona simultaneamente como sala para banquetes [Fig. 43 e Fig. 45], enquadra-se cronologicamente no renovado panorama de estruturação do espaço doméstico que se vinha instalando desde os inícios do século XVIII. Por esta altura começava a tomar verdadeira forma, especialmente em Inglaterra, a ideia da pertinência espacial de uma sala dedicada somente ao consumo alimentar sabendo-se, contudo, que existem registos de menções a espaços de refeição já no século XVII.⁶⁷ A sala de jantar do Palácio Real de Vila Viçosa que, a par com a cozinha principal, constitui o núcleo duro da sua rede alimentar, é uma divisão de dimensões consideráveis, iluminada naturalmente pelo lado sul e que possui, paralelamente ao seu comprimento, um corredor de serviço.

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

⁶⁵ “A toalha convém que seja adamascada. Quando se estende, deve ficar bem posta (...) A peça principal, para ornato ou serviço, coloca-se no centro. Em torno dela põem-se serpentinas, com velas; vasos de flores; grupos de figuras; pratos de doce de copa; pratos montados de porcelana, cristal, ou prata, com pastilhas, amêndoas torradas, doces de ovos e de côco, foguetes (...). Em cada um dos intervalos dos fruteiros guarnecidos com frutos frescos, coloca-se um pratinho de frutos secos, das diferentes qualidades que houver(...)”
Matta, J. da e Pimentel, A. (Pref.). (1924). *Arte de Cosinha*. Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, pp. 301-302.

⁶⁶ Teixeira, J. M. (1983). *O Paço Ducal de Vila Viçosa: sua arquitetura e suas coleções*. Fundação da Casa de Bragança, p. 24.

⁶⁷ Collard, F. (2002). *Furnishing the Dining Room*. In P. Glanville e H. Young (Ed.), *Elegant Eating. Four Hundred years of dining in style*. V&A Publications, p. 20.



[Fig. 44] Menu do jantar consumido no Palácio Real de Vila Viçosa no dia 15 de dezembro de 1903. © AHFCB, NNG 3729.

A estruturação dos diferentes pratos presente neste menu, tal como seria de prever, encontra-se condizente com um serviço 'à la russe' que, de um modo geral, tomava a seguinte ordem de pratos: 'potage', 'hors d'oeuvre', 'relevés', 'entrée chaude', 'entrée froide', 'rôti', 'legume', 'entremets' e 'sucrés'.

Tomando como exemplo de estruturação uma minuta apresentada por João da Matta (-) na sua obra de 1876 *Arte de Cozinhar*, e traduzindo livremente o menu do jantar do dia 15 de dezembro de 1903 obtém-se, numa construção por analogia, uma formulação em tudo idêntica à do ilustre cozinheiro: POTAGE ('potage') - Consomê de três filetes; ENTREMEIO ('hors d'oeuvre') - Peixe à (moda do) Almirante; RELEVÉS ('relevés') - Presunto à (moda da) Primavera; ENTRADAS QUENTES ('entrée chaude') - Peito de frango; ENTRADAS FRIAS ('entrée froide') - Geleia de porco enformada; 'Punch' glaceado com 'champagne'; ASSADO ('rôti') - Galinholas assadas com 'croutons'; LEGUME ('legume') - Bróculos grelhados com molho de manteiga; DOCE ('entremets' e 'sucrés') - 'Savarin' de ananás e Gelado.

[Fig. 45] Sala de jantar do Palácio Real de Vila Viçosa, autor desconhecido, c. 1940. © CPF, Depósito Frio, Estante 02, Prateleira 29, PT/CPF/ALV/010691.



[O ambiente à mesa é deveras amigável e jovial, enchendo-se a sala de jantar de calor humano e do tilintar dos copos de cristal que aqui e ali se vão esvaziando. Atentos, os criados das bebidas vão repondo o teor dos copos, começando a servir o Sauternes, acompanhante ideal da entrada fria⁶⁸, no caso um 'fromage de cochon à la gelée'⁶⁹. O encarregado da mesa de Estado, agora na copa, garante a mais afinada comunicação com a cozinha, dando e recebendo indicações por um moço do palácio que vai subindo e descendo as escadas.]

A sala de jantar, visualmente marcante com as suas quatro paredes cravejadas de cabeças de animais de caça encimadas por dois lustres feitos com hastes emanava, à época, uma ambiência condizente com a paisagem alimentar servida no prato [Fig. 6 e Fig. 45]. A construção desta ponte visual e simbólica entre espaço de consumo e espaço de produção – Tapada Real – garante à refeição uma dimensão valorativa renovada, não replicável noutras residências régias. A ligação entre a origem do consumido, o consumido e o espaço onde se dá esse consumo materializa-se na figura desta sala de jantar que, ao abrir-se alegoricamente para a tapada se fecha, arquitetonicamente, para o Jardim das Damas [Planta 1 67], contíguo pelo lado sul. Apesar da existência de cinco portas com bandeiras sotapostas, a cota de implantação da sala de jantar e o afastamento criado pelo seu terraço não permitem à verdejância exterior penetrar no espaço de consumo.



[Da 3.^a câmara da cozinha saem quatro criados, cada qual com uma travessa de assado. Na copa, após inspeção meticulosa do encarregado, outros quatro criados começam a levar as travessas na direção da sala de jantar. Os outros quatro, que as haviam trazido para cima, recolhem as caixas de transporte cheias de louça e talheres sujos deixados pelos moços de sala. Rapidamente voltam para a escada e dirigem-se para a cozinha. Lá fora, no pátio, dois moços da cozinha encarregam-se da lavagem da louça. Ainda não tinham iniciado o seu percurso de volta à copa quando o encarregado da mesa de Estado irrompe cozinha adentro para saber do gelado, que a seu ver já deveria estar na estufa fria da copa. Ao mesmo tempo, na sala de jantar, é apresentado aos convidados o tão esperado assado, que são servidos de porções generosas, mas dentro do bom gosto da contenção. As travessas, bem compostas, combinam galinhola e bróculos numa composição delicada que deverá ser quase afogada pelo molho de manteiga⁷⁰ assim que chegar aos pratos. Terminado o assado, retiram-se todos os pratos, utensílios e copos, sendo apenas deixados os da água.⁷¹ Quatro criados, bem coordenados, retiram de cima do aparador na imediação de um dos biombos os pratos de sobremesa, previamente intercalados com guardanapos.⁷² Não tarda, entram em cena o 'savarin' de ananás e o 'glace'⁷³. Terminado o café, a animada comitiva dirige-se para a sala de bilhar, atravessando a sala de música e descendo os degraus. Neste espaço de digestão onde aguardam Virgínia e Guilhermina Suggia a sua vez de entrar em cena, há ainda tempo para um curto discurso de D. Carlos ao qual se seguiu um outro de Afonso XIII. O monarca espanhol, visivelmente agradecido pela hospitalidade, atribuí ao Príncipe Real a Grande Cruz de Mérito Militar. E o concerto começa.⁷⁴]

⁶⁸ "É uso num bom jantar servir uma entrada fria antes do assado. O vinho que lhe compete é Reno ou Sauternes." Matta, J. da e Pimentel, A. (Pref.). (1924). *Arte de Cosinha*. Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, p. 306.

⁶⁹ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foi servido 'Fromage de cochon à la gelée'.

⁷⁰ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foram servidos 'Bécasses rôties aux croûtons' e 'Brocolis boillis, sauce beurre'.

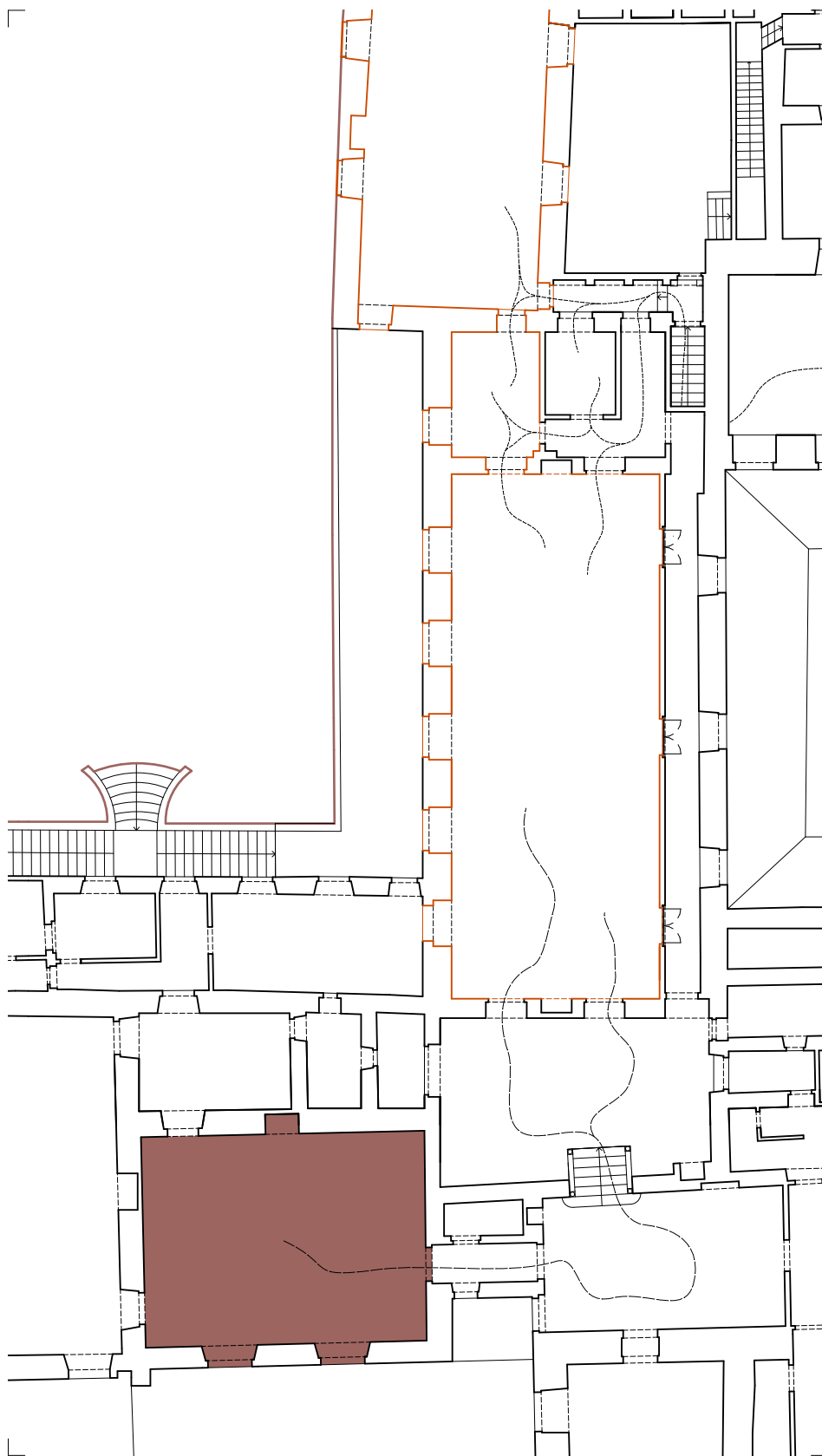
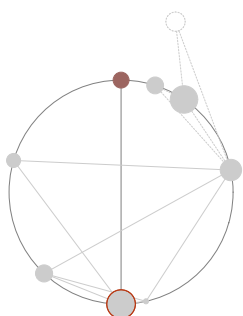
⁷¹ "Concluído o serviço anterior os criados devem tirar da mesa todos os copos, menos o da água e o do Champagne; todos os pratos e talheres; as conservas, mostardeiras, rabanetes, salames e manteigas. Em seguida, varrer da toalha, com escova própria, todas as migalhas de pão e quaisquer outros vestígios desagradáveis (...). Deve desaparecer tudo quanto repugne à vista e ao olfato, a fim de que os aspetos e os diversos aromas das sobremesas predisponham agradavelmente os convidados para os novos trabalhos que têm de encetar." Matta, J. da e Pimentel, A. Op. Cit., p. 306.

⁷² "É na mesa do aparador que se marca este serviço [de sobremesa] (...): Põe-se um prato de sobremesa (...) com um guardanapo dentro (...). Sobre este guardanapo e prato coloca-se um pratinho mais pequeno, que deve ser de cristal, com dois copos dentro, para servir vinhos de sobremesa (...)." Idem, pp. 303-304.

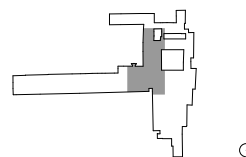
⁷³ De acordo com o menu do jantar servido a 15 de dezembro de 1903 [Fig. 44] (AHFCB, NNG 3729), foram servidos 'Savarin à l'ananas' e 'Glace'.

⁷⁴ Dias, M. citado por Rodrigues, J. B. e Duarte Pio, D. (Pref.). (2005). *D. Carlos e D. Afonso XIII. O primeiro encontro régio*. Caleidoscópio, p. 186.

..... Percurso dos fornecedores
 - - - - - Percurso dos funcionários
 - - - - - Percurso dos comensais



[Fig. 46] Planta parcial do piso nobre do Palácio Real de Vila Viçosa (c. 1900), desenho da autora, 2021. Escala 1/250.



2.4 JANTAR NO ALENTEJO

2.4.6 Se de noite não fosse: jardim dos alimentados



[15 de dezembro de 1903, pelas 23h35: terminado o concerto [Fig. 46], regressa a comitiva aos seus quartos, alocados na ala noroeste do palácio. Apesar do magnífico programa pós-prandial oferecido por Sua Majestade, não deixam alguns convivas de divagar, isto a caminho do leito, sobre o quão bem teria sabido uma pequena caminhada pelos jardins, para digerir aquela tamanha refeição. Pois que ninguém gosta de se deitar de barriga ainda cheia! Mas e o frio de dezembro? E a escuridão lá fora? E a chuva, que ameaça cair? Talvez a cama fosse mesmo, àquela hora, o melhor remédio.]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

Um dos momentos chave da visita de Afonso XIII a Vila Viçosa em dezembro de 1903 foi capturado para a eternidade pela lente de António Novais (1854-1940) [Fig. 21]: a reunião da comitiva ibérica, num estado pós-prandial, sobre a escadaria defronte do Jardim das Damas [Planta 1 67]. Completa-se a reconstrução da imagem que teria este jardim aquando de tal visita recorrendo-se a duas plantas de arquitetura do século XIX já referidas: uma primeira da autoria de Nicolau Pires (-) [Fig. 31], e uma segunda, realizada por Ricardo Peyroteu (-) em 1868, que se presume mais fiel ao construído [Fig. 32]. Ambas representam de forma idêntica, pelo menos em termos geométricos e planimétricos, tanto o Jardim das Damas [Planta 1 67] como o Jardim do Picadeiro [Planta 1 68], que lhe é contíguo. Estes jardins, desenhados segundo o espírito francês, que muito deve ao paisagista André Le Nôtre⁷⁶ (1613-1700), estendiam-se perante os participantes fotografados, convidando-os a uma deambulação contemplativa não sendo dada nota, através dos desenhos referidos, de qualquer momento de repouso permitido pela existência de mobiliário fixo. Deve ressaltar-se, ainda, que à época, como bem atestam os desenhos de Nicolau Pires e Ricardo Peyroteu, existiam duas paredes divisórias entre o Jardim das Damas e o Jardim do Picadeiro, a sul, não havendo, a partir do primeiro, a permeabilidade visual dos dias de hoje [Fig. 47], fruto do empreendimento de restauro dos jardins do paço, levado a cabo após 1946. No tempo de D. Carlos, contudo, imagina-se que se pudesse abarcar visualmente a continuidade de jardins a partir da varanda da sala de jantar, não sendo embaraço as tais paredes divisórias.

A relação do Jardim das Damas e do Jardim do Picadeiro, espaços de digestão, com a refeição e, espacialmente, com a sala de jantar, possui três momentos: um primeiro, de cisão com



[Fig. 47] Vista do terraço da sala de jantar do Palácio Real de Vila Viçosa sobre o Jardim das Damas e o Jardim do Picadeiro, fotografia da autora, 2021.

o interior, no qual o olhar contacta pela primeira vez com a dimensão da envolvente natural exterior ao paço, e que se dá imediatamente após a saída dos comensais da sala de jantar para o terraço sobranceiro aos jardins; um segundo, que corresponde à aproximação a um estado contemplativo através do percorrer da escadaria que desagua no Jardim das Damas, escadaria essa que faz a transição entre o plano do prazer físico (associado ao ato de comer) e o plano espiritual, evocado pelos jardins; e um terceiro, de deambulação contemplativa e consciente. A cota inferior a que se encontram implantados potencia um afastamento para com a sala de jantar, qual barreira à penetração da verdejância no espaço de consumo. Sobranceira, com a sua varanda contígua, a sala de jantar aparenta uma postura dominante sobre o pano geométrico verde, a seus pés, implicando que para se ascender a um estado contemplativo e espiritual se tenha, paradoxalmente, de descer, deixando para trás o plano da mesa, simbolicamente associado ao prazer terreno.

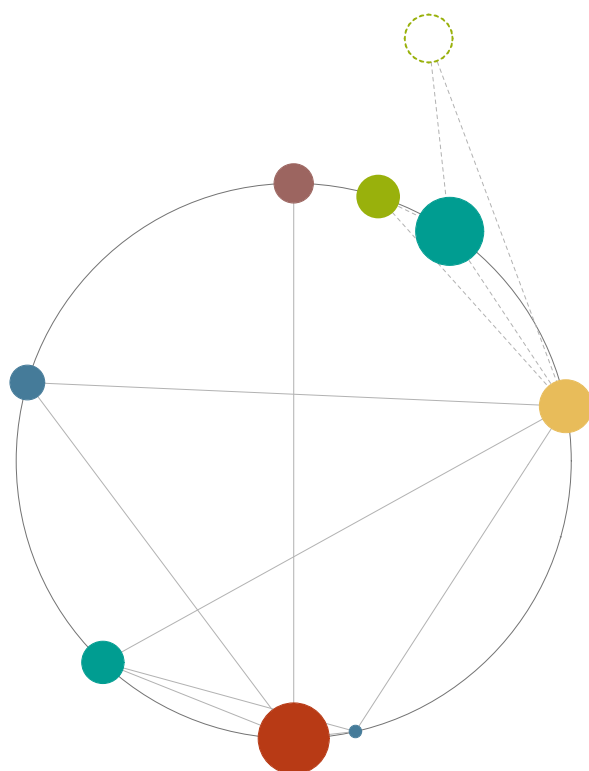
Por sua vez, as relações estabelecidas entre a cozinha e a sala de jantar, e os jardins que com estas se relacionam – no caso da primeira a Horta do Reguengo e a Tapada e, no caso da segunda, o Jardim das Damas e o Jardim do Picadeiro –, são de carácter distinto. Se no primeiro caso esta é uma relação essencialmente de subsistência (ainda que com características de fruição), plenamente terrena, onde existe aproximação, diálogo e equilíbrio, sob um fluxo bidirecional de bens e influências independentemente da distância entre as partes – note-se que a entrada da Tapada de Vila Viçosa se encontra a cerca de quinhentos metros da cozinha do palácio –, no segundo caso, a proximidade entre a sala de jantar e os Jardins das Damas e do Picadeiro concretizam, na verdade, um afastamento que se poderá traduzir por um percurso de ascensão espiritual.

A cozinha, a Horta do Reguengo e a Tapada encadeiam-se através da osmose: a horta e a tapada produzem aquilo que o ato de cozinhar necessita, de acordo com a estação do ano e as condicionantes da região alentejana permitindo, ao mesmo tempo, um usufruto tátil e imediato; em contrapartida, a horta recebe da cozinha os restos alimentares, que regressam a si, e poderão servir de fertilizante ou de alimento aos animais domésticos. A relação entre a sala de jantar e os jardins, por sua vez, parece ser unilateral: os jardins à moda francesa, desterrados porque poderiam pertencer a qualquer lugar, não se intrometem no espaço físico da refeição. Permitem-se, sim, à deambulação contemplativa daqueles que, após a refeição, rumam ao terraço e empreendem a porventura árdua tarefa de, com os estômagos recheados, descer a escadaria. Os jardins absorvem os comensais que à medida que vão digerindo os alimentos consumidos são, eles próprios, também digeridos.

A relação de subsistência que se denota entre cozinha, Horta do Reguengo e Tapada concretiza uma aproximação ao Alentejo, aproximação essa também refletida nos menus das refeições descontraídas que caracterizavam as estadias da Família Real no paço da vila. Uma aproximação que implicava as práticas alimentares locais, o lugar e a época do ano, e pressupõe a capacidade dos solos de produzir sustento. Já entre a sala de jantar, o Jardim das Damas e o Jardim do Picadeiro existe uma relação que não se consegue identificar com o Alentejo, porque o próprio jardim não reflete o Alentejo e porque esta é uma relação de aproximação espiritual, não específica de um lugar ou de uma época do ano.



[Pelo palácio reina o silêncio. Lá fora a chuva cai sem piedade, encharcando tudo o que encontra. A terra e o cultivo agradecem, desde que a mesma se não transforme em granizo. O vento levanta-se também, e por todo o palácio ouvem-se tinidos e barulhos isolados. Algures acende-se uma lamparina. Ouvem-se passos. Pois não é que ainda há gente a fazer a digestão?]



2.5 A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 15 DE DEZEMBRO DE 1903

A imagem final da interação entre os espaços alimentares do Palácio Real de Vila Viçosa, tal como operaram no dia 15 de dezembro de 1903, é tradutora de uma espacialização da refeição que se alastra pelo palácio de modo relativamente equilibrado, sem polarizações indicadoras de distanciamentos exacerbados entre espaços ou núcleos de espaços. Esta dispersão dos círculos coloridos, correspondentes às categorias de espaços alimentares, ao longo do círculo delimitador maior revela, por conseguinte, que não são impostas pela arquitetura limitações que condicionem o serviço da refeição, mesmo quando a comunicação entre espaços ocorre através de percursos mistos (com momentos interiores e exteriores), anotados a traço interrompido.